

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Alexandre Roberto Moretti

**Corridas de Aventura: processos de coesão grupal na superação de
obstáculos**

Mestrado em Psicologia Social

**São Paulo
2009**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Alexandre Roberto Moretti

**Corridas de Aventura: processos de coesão grupal na superação de
obstáculos**

Mestrado em Psicologia Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Social, sob a orientação da Profa. Doutora Mary Jane Paris Spink.

**São Paulo
2009**

Banca Examinadora

AGRADEÇO

Aos meus Pais! Célia e Osmar, amo vocês dois! Obrigado, por tudo aquilo que me ensinaram e ensinam, por contribuírem para que eu pudesse chegar onde cheguei, por ser o que sou! OBRIGADO!

À querida Mary Jane, por me aceitar como seu orientando, pelas sabias orientações e atenções durante todo o meu processo, por me ajudar a superar os obstáculos acadêmicos e pessoais. E, por ser o exemplo de mestre a ser seguido!

Aos atletas da Equipe Quasar Lontra, que permitiram a realização desta pesquisa e abriram suas intimidades para à ciência. Muito obrigado pela oportunidade Rafa, Xikito, Rodrigo e Tessa! Não é a toa que vocês são os melhores do Brasil! Segue a Lontra!

À Karina de Oliveira Landi, a linda pessoa que namoro, por sua ajuda inestimável tanto na minha vida pessoal, quanto com o texto! Sem a sua ajuda este texto e a minha vida não teriam brilho!

Ao meu eterno amigo, professor e motivador (inclusive do mundo acadêmico) Lanny Dorin, que conheci na graduação e o tenho como ídolo para toda eternidade. Obrigado pela ajuda com o texto. E, obrigado por me fazer uma pessoa melhor!

As pessoas que indiretamente contribuíram para este trabalho e na minha vida pessoal, são elas: Rafael Ferraz Silva (grande irmão, com contribuições inigualáveis) e Clarice Sanches Oliva (é Amor em forma de pessoa).

À todos os colegas do Núcleo de Práticas Discursivas e Produção de Sentidos da PUC-SP, em especial à Vanda, Jaque e Alexandre Mattos que contribuíram para a minha pesquisa.

À Marlene, pela sua sempre disposição em me ajudar! É você quem faz o programa de Psicologia Social funcionar!

Ao professores José Paulo Florenzano e Kátia Rubio que aceitaram contribuir no meu processo e por suas colocações substanciais para a finalização desta pesquisa.

Ao CNPq pelo importante e indispensável apoio financeiro, que permitiu a realização desta pesquisa

Resumo

O tema desta pesquisa são as relações sociais, mais especificamente as relações entre atletas de uma equipe praticante de corrida de aventura, tendo como referência a coesão grupal. Permeando as relações sociais e as práticas sociais (corridas de aventura) temos, contemporaneamente, os riscos e as demais conseqüências da modernidade tardia, que por sua vez, faz com que cada pessoa lide de forma diferente. Algumas pessoas irão se prevenir, outras evitar, e outras irão buscar o risco, seja em seu tempo produtivo, em que estão trabalhando, ou em seu tempo livre, nas horas de lazer e prática esportiva. Atualmente, a corrida de aventura é o principal expoente das práticas que buscam ativamente o risco, o risco-aventura. As corridas de aventura se originaram neste contexto contemporâneo e, atualmente, podem ser considerada uma das práticas mais arriscadas e extremas - possui um longo percurso com aproximadamente 500 km, atravessando locais pouco explorados e inóspitos, submetidos aos diversos agouros da natureza, em uma competição que visa realizar o percurso em menor tempo, e, muitas vezes, sem dormir (no stop). Devido às suas características, ao seu regulamento e, por medida de segurança, a corrida de aventura é realizada em equipe, o que obriga os atletas a se relacionarem para superarem os obstáculos diversos e atingirem seus objetivos. Desta forma, manter a equipe unida e coesa torna-se necessário. Entender a maneira como os atletas se relacionam para superar obstáculos, manter a união e a coesão, foi possível por meio de entrevistas e acompanhamento como membro da equipe de apoio de uma equipe que participou de uma corrida que foi palco do campeonato mundial das corridas de aventura de 2008, resultando em anotações em um diário de campo, que serviu para obter dados de contexto. As entrevistas foram realizadas com cada atleta individualmente antes da corrida e, após a corrida, uma entrevista com os quatro atletas juntos. Os resultados mostraram que os atletas atribuem o sentido de coesão grupal às três principais dimensões: comunicação, ajudar/cuidar uns dos outros e manter o ritmo. E, quando há uma disposição para a coesão grupal, diante do perigo/risco, a equipe tende a se unir e ficar mais coesa. As três dimensões não são independentes e o elo é a interação. A interação entre os integrantes da equipe deve proporcionar meios para negociar, trocar e atribuir sentidos, tanto individual quanto grupalmente, sobre a tarefa e as emoções geradas pela execução das tarefas.

Palavras-chave: corridas de aventura; coesão grupal; produção de sentidos e riscos na modernidade tardia.

Abstract

Adventure race: process of the group cohesion in overcoming the obstacles

The subject this research are the social relations and more specifically the relationship between athletes practicing a team adventure race, with reference to group cohesion. Permeating social relations and social practices (adventure racing) have, contemporaneously, the risks and other consequences of late modernity, which in turn causes each person deal differently. Some people will be prevented, some avoidable and others will check the risk, either in their productive time, they are working or in their spare time, in hours of leisure and sports activities. Currently, the racing is the leading exponent of the practices that actively seek risk, the risk-adventure. Adventure racing originated in the contemporary context, and nowadays can be considered one of the riskiest practices and extreme - has a long way with about 500 km, crossing places unexplored and inhospitable, subjected to various omens of nature, in a contest to realize the course in less time, and often without sleep (no stop). Due to its characteristics, its regulation and, as a safety measure, the racing is done in teams, forcing athletes to relate to overcome various obstacles and achieve their goals. Thus, keep the team united and cohesive it becomes necessary. Understand how the players relate to overcome obstacles, to maintain the unity and cohesion, it was possible through interviews and follow-up as a team member in support of a team that participated in a race that was the scene of world championship racing adventure 2008, resulting in notes in a diary, which was used to obtain context data. The interviews were conducted individually with each athlete before the race and after the race, an interview with the four players together. The results showed that athletes attribute the sense of group cohesion to the three main dimensions: communication, help/support each other and keep the pace. And when there is a provision for group cohesion in the face of danger/risk, the team tends to unite and become more cohesive. The three dimensions are not independent and the link is the interaction. The interaction between team members must provide the means to negotiate, exchange and give directions, both individual and group on the task and the emotions generated by the tasks.

Keywords: Adventure racing, group cohesion, meaning production and risk in late modernity.

SUMÁRIO

Apresentação	9
Interlúdio: a inserção ao campo-tema	16
1. A exacerbação do risco na modernidade tardia	27
1.1 - Sobre a modernidade tardia.....	29
1.2 - Os riscos na modernidade tardia.....	38
2 - O risco no contexto dos esportes de aventura: a tensão - excitação nas corridas de aventura	45
3 - O trabalho em equipe no contexto dos esportes de aventura	62
3.1 - Situando a noção de grupos.....	62
3.2 - Sobre os grupos esportivos.....	67
3.3 Sobre a coesão grupal esportiva.....	72
4 - Procedimentos de pesquisa	80
4.1 – Objetivos.....	80
4.2 - Fundamentos teóricos e metodológicos.....	81
4.2.1 - Situando a perspectiva construcionista.....	81
4.2.2 - A linguagem em ação: o giro lingüístico.....	82
4.2.3 - Sobre as práticas discursivas e produção de sentidos.....	85
4.3 - Procedimentos de pesquisa.....	88
4.3.1 - Entrevistas.....	89
4.3.2 - Modos de análise.....	90
5 – Análise	91
5.1 – Apresentando o cenário: a Ecomotion 2008.....	91
5.2 - As aventuras de um pesquisador na equipe de apoio: anotações do diário de campo.....	94
6 - A coesão grupal no contexto de uma corrida de aventura	106
6.1 - Caracterização dos atletas.....	106
6.1.1 – Xikito.....	106
6.1.2 – Rafael.....	108
6.1.3 – Tessa.....	110
6.1.4 – Rodrigo.....	111
6.2 - A coesão grupal ideal: a perspectiva dos atletas.....	113
6.3 - A coesão grupal vista a partir dos episódios vivenciados durante a prova.....	115
6.4 - Então, o que é mesmo coesão grupal?.....	128
7 – Considerações finais	131
8- Referencia bibliográficas	139
9- Anexos	146

Lista de figuras

Figura 1 - Esquema do modelo de oscilação de duração ou desenvolvimento do grupo esportivo.....	68
Figura 2 - Conceito de sistema geral para coesão nos grupos esportivos.....	74
Figura 3 - Variáveis que compõem a coesão grupal no esporte.....	77
Figura 4 - Dimensões que compõem a coesão grupal nas corridas de aventura.....	138

Apresentação

Várias transformações sociais-históricas-culturais podem ser observadas atualmente, nas instituições, nas pessoas, ou melhor, nas relações entre as pessoas e entre elas e as instituições. Entender como são construídas essas relações é uma contribuição ao conhecimento; desde que feita de maneira organizada, ou seja, com método e fundamentos teóricos, pode contribuir para o conhecimento científico. Podemos pensar as relações em sentido amplo, entre as instituições, entre as pessoas e instituições, ou em um sentido restrito - entre as pessoas. Porém, sempre tendo estas como os elos dessa cadeia, como sujeitos que promovem ou sofrem ações.

Este mesmo raciocínio pode ser aplicado ao esporte. Nessa construção social, que é o esporte, as relações não ocorrem por acaso livre de influências sociais, as quais, por sua vez, fornecem as condições para o desenvolvimento contemporâneo do esporte.

Desde os registros mais antigos, nota-se a estreita relação entre esporte e sociedade. Na Grécia antiga, algumas práticas, que mais tarde seriam nomeadas de esporte, eram realizadas junto a outras, como poesia, música e saudações aos deuses. Tais práticas constituíam os “jogos”, e eram realizadas em várias cidades como, por exemplo, Atenas, Corinto, Esparta, Siracusa e Olímpia. Quando esses “jogos” aconteciam, havia uma trégua nas guerras, de modo a permitir que atletas e espectadores pudessem atravessar fronteiras para chegar até às cidades sedes. Os atletas que ganhavam as competições eram tidos como heróis ou semideuses, e, ao retornar para suas cidades, recebiam homenagens, tratamento especial e até estátuas para imortalizar tal fato (RUBIO, 2001, 2006; TAVARES e Da COSTA, 1999). Portanto, havia uma grande mobilização social em torno dos jogos, tal como ocorre hoje, quando se realiza uma Copa do Mundo ou uma Olimpíada (jogos olímpicos).

Um exemplo recente dessa imbricação entre esporte e sociedade é a utilização do maior evento esportivo, a Olimpíada, como palco da disputa da Guerra Fria, por exemplo na rivalidade entre E.U.A. e URSS, que utilizaram o esporte como forma de mostrar a superioridade de cada sistema político (RUBIO, 2004). E, ainda, temos o exemplo da diferença entre o número de países filiados às associações mundiais: “O esporte é uma das instituições sociais mais sólidas do mundo moderno. Para se ter uma idéia, a Federation International Football Association (FIFA) reúne um número maior de nações afiliadas do que a Organização das Nações Unidas (ONU)”(HELAL, 1990, p. 11).

Há, também, outros aspectos que fazem do esporte uma importante via para a compreensão da dinâmica social, pois, em maior ou menor grau, permeia a vida de todos: pelo número de adeptos à prática em si, como necessidade para a saúde e lazer, pela quantidade de espectadores que consegue reunir em um evento – presencialmente ou à distância. Sua relevância atual pode ser avaliada pelo número de empregos primários e secundários gerados, movimentando a economia, ou ainda, por ser objeto de atenção da mídia, que se utiliza de metáforas sobre o esporte nos discursos cotidianos. Portanto, trata-se de uma prática social que abarca grande parte da população, e, podemos encontrá-la em diversas culturas, embora com diferentes configurações.

O esporte é um produto da sociedade, é uma construção social, mas, ao mesmo tempo em que é construído, constrói realidades (cultura esportiva), das quais muitas pessoas compartilham e se submetem - direta ou indiretamente. Essa relação triádica entre esporte-pessoa-sociedade é levada em conta nessa pesquisa. Mais especificamente, em nosso caso, o foco é na relação entre corrida de aventura-pessoa-sociedade de risco (modernidade tardia).

O esporte como hoje conhecemos se originou nas décadas iniciais do século XIX na Inglaterra, de acordo com Elias e Dunning (1992). O uso da expressão “esporte moderno” é utilizado para diferencia-lo das antigas práticas esportivas, uma vez que várias características (modernas) foram sendo a ele incorporadas a partir do século XVIII.

O historiador Richard Mandel considera não ser mera coincidência ter havido na Inglaterra um movimento que iria revolucionar tanto os meios de fabricação como as práticas esportivas: “O esporte não só facilitou, mas realmente promoveu a adaptação mental do conjunto da população (inglesa) para as demandas do mundo moderno.” (MANDELL, 1984, p. 151. apud PRONI, 2005). Poderíamos dizer que uma das várias utilidades do esporte foi, propositalmente ou não, contribuir como uma espécie de treino das habilidades requeridas pelas transformações sociais. As influências entre esporte e sociedade são mútuas:

O esporte e a atividade física chegam ao século XIX acompanhando as transformações políticas e sociais que começaram nos séculos anteriores – Iluminismo, Revolução Industrial e Revolução Francesa – demonstrando, desde então, uma tendência a servir como uma tela de projeção da dinâmica social. (RUBIO, 2007, p. 149).

De acordo com os sociólogos Beck (1993, 1997, 1999) e Giddens (1991, 1997) vivemos hoje na modernidade tardia, um período que se caracteriza pela dinâmica dos

riscos que enfrentamos. O risco é tido por eles como um conceito central na sociedade contemporânea, daí a designação de *sociedade de risco*.

Em uma perspectiva histórica do desenvolvimento do esporte, podemos perceber que em torno da década de 1970 surgem (ou ganham reconhecimento e mais adeptos) algumas modalidades que têm o risco, ou a sua superação, como elemento central. Dessa forma, os esportes radicais e as grandes travessias realizadas em veleiros em alto mar, também servem de tela para a projeção da dinâmica social, os riscos.

Com o passar do tempo, essas modalidades esportivas assumiram cada vez mais o risco como elemento fundamental. Tomando como exemplo as corridas de aventura, a primeira que se tem registro foi organizada em 1989 na Nova Zelândia. Segundo um artigo de Lefèvre (2003) e uma reportagem de Togumi (2008) encontrada no site Adventuremag, intitulada: *O que é corrida de aventura*, as corridas de aventura têm como origem a busca da superação de limites e exacerbação do desafio. Esse desafio teve início com a maratona, considerada um dos maiores desafios, com seus quarenta e dois quilômetros e poucos metros a serem corridos no menor tempo possível. Quando esses tempos passaram a ser superados por um número cada vez maior de pessoas, criaram o *triathlon*, composto por três modalidades: natação (1.500 metros), corrida (10 km) e ciclismo (40 km). E, após algum tempo foi criado o maior dos *triathlons*, o *Ironman*.

O *Ironman*, criado em 1978 no Havaí pelo norte-americano John Collins, possui distâncias de 3,8 km de natação, 180 km de ciclismo e 42,195 km de corrida. Mas também se tornou “fácil”, e atualmente as pessoas estão optando pelas corridas de aventura, nas quais as distâncias são em média de 500 km e o evento é composto de quatro modalidades principais: *mountain biking*, corrida/*trekking*, remo e técnicas verticais (escalada e/ou *rapel*), sem um percurso demarcado, realizado em locais poucos explorados ao ar livre (ou *outdoor*), por uma equipe com quatro pessoas e não individualmente como as modalidades citadas anteriormente.

Assim, as corridas de aventura envolvem desafios e a superação de limites, exigindo dos competidores passar vários dias em meios inóspitos. Somam-se a esse desafio, as dificuldades quanto à técnica exigida pelas modalidades nelas incluídas; as habilidades cognitivas para traçar as melhores estratégias; o planejamento com relação à comida, bebida e sono e o relacionamento entre os atletas da equipe. Deixa, assim, de ser somente uma superação física individual, para ser uma superação cognitiva e psicológica em equipe: “Certamente, a corrida de aventura é hoje o mais longo e o mais

duro teste de resistência física e mental que uma atleta possa se submeter” (LEFÈVRE, 2003, p.168).

Essa nova modalidade de rali humano, ou corrida de aventura, tem como meta transpor os obstáculos que existem na natureza, como: rios, corredeiras, lagos e trechos em alto mar, a nado ou embarcações apropriadas (como caiaques, caiaques infláveis, botes etc.); cachoeiras, montanhas e penhascos, sejam escalando a subida ou descendo por meio do *rapel*; trilhas, estradas e caminhos, por meio de *mountain biking*, ou caminhando/correndo. As principais modalidades são o *mountain biking*, *trekking*, práticas de remo (lago, mar ou rio) e técnicas verticais (escalada e *rapel*), porém outras modalidades são bem-vindas, inclusive para divulgar as peculiaridades locais, como por exemplo, os camelos no Marrocos ou as canoas de pescadores do Ceará. Quaisquer outras modalidades podem ser inseridas, desde que não sejam motorizadas. O fato de ter múltiplas modalidades de esportes radicais associados, faz dessa nova modalidade um evento marcadamente radical.

O percurso não é demarcado; a orientação é feita somente por meio de mapas, cartas topográficas e bússola durante toda a extensão da prova. Geralmente, a distância varia de 400 a 800 km, o que leva cerca de 4 a 8 dias de duração, sendo a maioria das provas percorridas pelos atletas “sem parar”, seja de dia ou de noite, uma vez que dormir é ser ultrapassado por uma equipe que não dormiu.

A exaustão proporcionada pela distância e horas sem dormir contribui para a presença do risco nas diversas modalidades, sobretudo nas que necessitam de raciocínio rápido. Essa “radicalidade” requer regras que visam controlar os riscos e fatalidades, são elas: a equipe deve permanecer junta durante todo o percurso, ser auto-suficiente com sua alimentação, ter consigo durante toda a corrida kits de primeiros-socorros, um rádio-comunicador lacrado para ser utilizado em emergências e os equipamentos de segurança obrigatórios para cada uma das diversas modalidades esportivas.

Diferente das corridas multiesportivas – como a *Coast to Coast* realizada em 1980, composta pelas modalidades de corrida em montanha, canoagem e *mountain biking* – as corridas de aventura são feitas em equipes, constituídas por quatro integrantes, sendo que, no mínimo, um deve ser do sexo oposto aos dos demais atletas da equipe. Todos devem permanecer juntos e devem atravessar a linha de chegada. Caso um integrante venha a sofrer uma lesão, como por exemplo: fraturar o pé e não conseguir andar sozinho, os demais devem tomar a decisão de interromper a prova ou continuar e carregar pelo resto do percurso o integrante lesionado. Tal fato se torna mais um

agravante para a equipe, pois há o risco de um dos integrantes se lesionar, ou sofrer desgastes (físicos e emocionais) que podem até levar ao abandono da prova.

Resumindo, a corrida de aventura é constituída por deslocamentos expedicionários em ambientes selvagens (ou quase), sem meios de locomoção motorizados, forçando a superação de obstáculos naturais. As equipes passam por postos de controle (PCs) ao longo do percurso, alguns dos quais são utilizados para a troca de modalidade. As equipes devem definir o caminho que percorrerão entre os PCs, utilizando bússola e um mapa topográfico – recebido geralmente 24 horas antes da largada –, para manter o sigilo sobre os locais a serem percorridos. São provas de velocidade: vence quem chega primeiro e o percurso pode durar até 10 dias ininterruptos. Incluem, portanto, situações extremas, experimentadas somente em condições de expedição, catástrofes naturais ou combate, tendo o risco e a incerteza como elementos fundamentais.

As corridas de aventura podem ser associadas (ou servir de tela de projeção) ao contexto societal contemporâneo, propiciando situações que podemos encontrar na sociedade de risco: o desgaste físico; as dificuldades e incertezas impostas pela natureza/terreno onde a corrida atravessa; várias modalidades; o planejamento da alimentação e como lidar com sua falta; a falta de água potável; ficar sem dormir; o estresse; a obrigatoriedade em agir em conjunto com mais três pessoas; a falta de coordenação entre os atletas da equipe; a busca por resultados de modo a obter melhor desempenho que os demais, dentre outras.

Mas não se trata apenas de “relações” em sentido amplo - esporte e sociedade. Há que se considerar também as relações em sentido restrito; as interações entre as pessoas, aspecto que é o foco desta pesquisa. A interação entre os membros da equipe, nas corridas de aventura, é fundamental para que o grupo alcance seus objetivos, seja vencer, seja conseguir terminar a prova. Além dos obstáculos impostos pela natureza (chuva, temperatura muito alta ou muito baixa, grandes desníveis, grandes distâncias etc.), pela competição e pelas situações inesperadas, há o agravante de ser uma modalidade praticada em grupo e “muitos competidores acreditam que a formação em equipe seja o fator que causa os maiores problemas na competição”, afirma Bellini Jr. (2004, p. 6), ao pesquisar as corridas de aventura.

Estar em grupo e coordenar os esforços para consecução da tarefa comum, por si só já demanda empenho por parte de seus participantes, independentemente do meio no qual o grupo está inserido facilitar ou não. Porém, quando o meio dificulta a tarefa

como no caso das corridas de aventura – com suas dificuldades e riscos – as relações entre os participantes são, no mínimo, agravadas. Se, por exemplo, com mais de três dias de prova, sem dormir, percorrendo grandes distâncias, famintos e sem comida, os atletas se deparam com um erro de percurso – um erro em compreender o mapa e/ou utilizar a bússola – e vão ter de retornar por mais de 40 km correndo, como serão as relações entre esses atletas? Atravessar situações com risco elevado faz os atletas serem mais unidos? Ou darem novo sentido à vida, como afirma um controlador de finanças, de 35 anos, que participou da Eco-Challenge, em 1999, na Argentina, “Você sabe o que é a Eco? É a vida sintetizada em uma semana ou 10 dias. É a vida, mas mais intensa.” (KAY; LABERGE, 2002, p.30).

Tendo essas considerações como pano de fundo, nosso objetivo é entender as relações estabelecidas entre os atletas de um grupo esportivo participante de corridas de aventura. Procura, por meio dos discursos dos atletas, acessar as formas de sociabilidade decorrentes da vivência dos obstáculos e riscos inerentes a esta modalidade esportiva, tendo como referência a coesão grupal.

Mais especificamente, entender como se configuram as relações entre os atletas corredores de aventura ao enfrentarem os obstáculos diversos (riscos, limites proporcionados pela natureza, pelas regras da competição, pelo cansaço físico etc.); verificar se as vivências de obstáculos diversos promovem (ou não) a coesão grupal, contribuindo para a superação de dificuldades individuais; identificar as estratégias utilizadas pelo grupo para a superação dos obstáculos inerentes às corridas de aventura; entender os sentidos de coesão grupal para os atletas participantes de corridas de aventura.

Para tanto, analisaremos o discurso de um grupo de atletas que participaram do campeonato mundial de corrida de aventura, em 2008.

Iniciamos com o interlúdio que apresenta a inserção ao campo-tema, a nossa trajetória, incluindo um período anterior a esta pesquisa e acontecimentos durante esta.

No capítulo 1 - a exacerbação do risco na modernidade tardia, descrevemos o contexto social no qual atualmente estamos vivendo, e caracterizamos os riscos que são inerentes e inevitáveis.

No capítulo 2 - O risco no contexto dos esportes de aventura: a tensão - excitação nas corridas de aventura, iremos tratar mais detalhadamente dos riscos nas corridas de aventura utilizando as idéias de Elias e Dunning (1992); de como o risco

pode ser positivo e suas consequências ao enfrentá-lo; a perspectiva histórica das corridas de aventura, e sua definição.

No capítulo 3 - o trabalho em equipe no contexto dos esportes de aventura, apresentamos elementos que compõem o grupo, os grupos esportivos e a coesão grupal esportiva, que nos servirá de base para abordar a coesão grupal nas corridas de aventura. Não distinguiremos grupo de equipe, utilizaremos ambos como sinônimos que expressam, para nós, o mesmo sentido.

No capítulo 4 - Procedimentos de pesquisa, apresentaremos nossos fundamentos teóricos e como estruturamos e realizamos esta pesquisa.

No capítulo 5 - análise, trataremos de explicitar o contexto da corrida de aventura, que serviu como referência tanto para os atletas, ao comentarem sobre esta corrida durante as entrevistas, quanto para os dados de contexto que são apresentados nas anotações do diário de campo, em que registram nossa participação como membro da equipe de apoio durante a corrida em questão.

No capítulo 6 - a coesão grupal no contexto das corridas de aventura, apresentamos os atletas que participaram desta pesquisa, exploramos os discursos individuais em uma perspectiva ideal sobre a coesão grupal, em seguida, por meio da entrevista grupal apresentamos os sentidos atribuídos a corrida que participaram/participamos.

No capítulo 7 - considerações finais, apresentamos um fechamento possível com base nos objetivos a que se propôs esta pesquisa.

Interlúdio: a inserção ao campo-tema

De acordo com a concepção de Peter Spink (2003), o pesquisador não sai a campo, pois o campo não é um lugar específico, delineado, separado e distante, ou seja, o “campo” compreende os produtos sociais e suas relações, são redes de materialidades e sociabilidades que se interconectam das mais diversas formas e maneiras,

O “campo” começou a ser visto não como lugar específico, mas como a situação atual de um assunto, a justaposição de sua materialidade e socialidade (LAW & MOL, 1995). Nesta ótica, não é o campo que tem o assunto, mas – seguindo Bordieu (ORTIZ, 1983) – é o assunto que tem um campo. (P. SPINK, 2003, p.22).

Discorrendo sobre a pesquisa em Psicologia Social, o autor utiliza o termo campo-tema para argumentar que o pesquisador faz parte do campo-tema a partir do momento em que diz estar trabalhando com determinado assunto – descartando a neutralidade das ciências naturais.

Desta forma, a seguir explanaremos como se deu a nossa inserção no campo-tema. Pedimos licença ao leitor para utilizar a primeira pessoa para narrar o caminho percorrido.

Início com algumas informações sobre o meu envolvimento com o tema, por meio da sequência temporal que percorri para ter maiores conhecimentos sobre as corridas de aventura, seu funcionamento e peculiaridades.

Por vir morar na cidade de Jundiá aos seis anos de idade, tive o privilégio de poder brincar na rua e mais tarde poder “brincar” na Serra do Japi. A Serra do Japi passou a ser o palco de várias aventuras a pé ou de bicicleta para chegar até cachoeiras, rios, lagos ou simplesmente para ir apreciar a vista – poucas vezes avistada - do alto de uma montanha e voltar.

A minha diversão era percorrer as trilhas em meio à mata, apreciar a fauna e a flora, desfrutar de cachoeiras, paisagens, estar em ambientes sem ar poluído e sentir a satisfação de permanecer em lugares que a maioria das pessoas não conhece. Para ter esse contato com a natureza, era necessário um condicionamento físico mínimo e sempre pratiquei esportes como natação, judô, basquete, vôlei e mais recentemente capoeira. Mas as “brincadeiras” em meio natural me atraíam mais que os esportes convencionais. Parece que, quando me aproximava da mata (natureza), me sentia (e ainda me sinto) mais forte, maior e capaz de qualquer coisa, e as “brincadeiras”, que eram difíceis e perigosas, se tornavam fáceis. Por exemplo, subia morros com a bicicleta

nas costas e descia por trilhas muito íngremes com pedras e árvores no caminho, sem qualquer tipo de proteção - o que hoje se tornou uma modalidade de *mountain biking*, chamada de *downhill*, praticada obrigatoriamente com equipamentos de proteção como capacete, joelheira, cotoveleira e bicicletas específica. Escalava cachoeiras com chinelo de dedo para ter uma vista mais bonita lá de cima ou para pular do lugar mais alto na água. Algumas vezes aconteciam acidentes, tombos, ralados, lesões, luxações e machucados, mas tidos como coisas comuns, parte da “brincadeira”.

Cada vez que ia à Serra havia uma história nova para contar. Ou seja, cada vez era uma aventura vivida com muito gosto e adrenalina - quanto mais perigoso mais divertido. Antigamente, eu achava tudo isso normal e comum; acreditava que todas as crianças e adolescentes faziam essas “brincadeiras”, ou até pior. Hoje considero que elas estavam mais para “loucuras” e que nem todos gostavam de correr perigo no “meio do mato” ou até mesmo de estar no “meio do mato”. Antigamente, minha mãe chamava essas “brincadeiras” de “arte” e dizia que eu vivia fazendo arte; hoje posso atribuir o nome de esportes de aventura.

Com o passar do tempo, os “brinquedos” mudaram. A bicicleta deu lugar à moto, as distâncias aumentaram e a velocidade e radicalidade também. Mas a vontade de estar em lugares pouco acessíveis na natureza e o risco se mantiveram.

Na medida em que trabalhar (como auxiliar de mecânico de automóveis) e estudar passaram a ocupar um lugar central de meu tempo, esse privilégio de estar em contato com a natureza deixou de ser constante. Na graduação em Psicologia (1998-2003), comecei a entrar em contato com a Psicologia do Esporte e, no ano de 2001, comecei a ouvir falar sobre as corridas de aventura. Meu intuito era participar, mas devido à questão financeira, não tive condições para pagar a inscrição e muito menos para comprar os equipamentos necessários e obrigatórios. Outro fator que contribuía para a não participação era o meu condicionamento físico, que estava abaixo do desejável, e nesta época a maioria das corridas eram de longa ou média duração, com percursos de 80 a 500 km. Somente mais tarde começaram a ser organizadas as “mini corridas de aventura”, com o percurso de 25 a 70 km (em média).

No começo de 2004 até dezembro de 2005, cursei a especialização em Psicologia do Esporte, no Instituto Sedes Sapientiae e como trabalho final, elaborei uma pesquisa bibliográfica sobre a coesão de grupo esportiva.

No início de 2007, comecei a participar das provas de Enduro a pé (*Rally a pé*), uma modalidade esportiva praticada – em meio a natureza – em um formato de *rally*,

mas sem carro. Cada equipe tem um horário para largar (a cada 5 minutos por exemplo), de acordo com a planilha fornecida pela organização, deve manter uma velocidade média determinada, se orientar com bússola para saber qual direção seguir, sendo que ao longo do percurso existem os pontos de controle (PC) que registram a hora, o minuto e o segundo que cada equipe passa. A equipe que passar pelos PCs no tempo certo, ou melhor, no segundo certo, ou o mais próximo do tempo certo, ganha. O enduro é parecido com uma das modalidades da corrida de aventura, o *trekking* – orientação, porém neste a navegação não é feita em planilhas e sim por mapas, e deve-se correr para chegar em primeiro lugar.

Também em 2007, ingressei no Mestrado em Psicologia Social na PUC-SP, com o intuito de pesquisar as relações entre os atletas em seus grupos. Por sugestão de minha orientadora – sem saber de todo o meu interesse pela natureza e os prazeres que ela me proporciona –, defini as corridas de aventura como objeto de pesquisa. Assim, comecei a entrar em contato com o tema, me aprofundando em leituras para um maior conhecimento dessa modalidade esportiva que muito me atraía. Percebi que era preciso ir além das leituras em jornais, revistas, periódicos científicos; era necessário entrar em contato com esse “mundo”, participar dele. Um apoio que foi fundamental para começar a me aprofundar nas corridas de aventura foi ter sido contemplado com uma bolsa de estudo do CNPq, pois sem ela não teria condições de participar de algumas pequenas corridas e não teria recurso para ir até ao nordeste e acompanhar uma equipe durante o campeonato mundial de corrida de aventura.

No final de 2007, participei de uma palestra sobre as corridas de aventura organizada pela Adventure Sports Fair – a maior feira de esportes e turismo de aventura da América Latina –, da qual palestraram uma atleta, um jornalista e o organizador da principal corrida brasileira de aventura (*Ecomotion*), o Said Aiach Neto. Ao término da palestra conversei com Said, expondo o meu interesse e a idéia de minha pesquisa sobre as corridas de aventura e ele propôs me ajudar, forneceu o seu e-mail para que eu entrasse em contato.

Em 26 de abril de 2008, participei da minha primeira corrida de aventura – II Corrida de Aventura *Light* –, realizada em 25 km divididos nas modalidades de *trekking*, *bike*, remo e tirolesa, com orientação através de mapas e bússolas. Foi realizada em uma fazenda em Ibiúna-SP e me fez lembrar do prazer das “brincadeiras de quando era criança”. É gratificante pedalar mais de 10 km, correr (*trekking*) 9 km,

remar por 5 km, entrar em um córrego para correr mais 2 km e atravessar uma cachoeira ou ter o privilégio de observar belas paisagens.

Essa corrida foi realizada em duplas, sendo que, nos moldes tradicionais, é feita em quartetos e em uma distância maior. Eu não tinha uma dupla para correr, então mandei um e-mail para a organização do evento e eles me indicaram a Vanessa – que já tinha participado de algumas corridas pequenas – e através de e-mails fomos nos organizando para a corrida. Pessoalmente, somente a conheci um dia antes da corrida, o que não atrapalhou nosso relacionamento durante a mesma. Tivemos um episódio negativo durante o evento, uma das piores coisas que pode acontecer numa corrida: um erro meu de navegação com o mapa e a bússola, que nos levou a entrar em uma rua errada e percorrer de 3 a 4 km antes de perceber o erro e voltar. Desta forma pedalamos 7 km de subidas íngremes desnecessariamente. Ficamos cansados e perdemos um precioso tempo na classificação final. A minha parceira não brigou comigo ou sequer reclamou, mas ficou muito cansada por ter pedalado quase o dobro do que era necessário; eu me senti culpado e pedi desculpa a todo o momento.

No final dessa corrida, conversei com o organizador da prova, apelidado de Zolino, e, após expor o objetivo de minha pesquisa, perguntei se poderia em alguma função onde desse para acompanhar mais de perto os atletas e a corrida em uma próxima edição que não fosse *light*. Ele respondeu que seria possível trabalhar como voluntário, e assim, eu poderia ficar em um posto de controle acompanhando e mantendo contato com os atletas.

Após a corrida, mantive e mantenho contato com a Vanessa via e-mail. Tentamos correr uma ou outra corrida, mas por indisponibilidade de tempo, tanto minha quanto dela, não foi possível. Acredito que não correremos outra corrida por dificuldade dos horários, pois, através dos e-mails ela se manifesta a favor de correremos novamente e diz não guardar magoa de ter de pedalar desnecessariamente. Da minha parte, o convite ainda vale para correremos outras corridas.

Em 31 de maio de 2008, participei como voluntário da segunda etapa do Adventure Camp (organizada pelo Zolino), com percurso de 48 km, realizada na cidade de São Mauro (a primeira corrida de aventura aí realizada) utilizando os pontos turísticos, a cidade universitária e a represa de Guarapiranga. Fiquei no PC (localizado ao lado da raia da cidade universitária) que serviria de área de transição (AT), aonde os atletas chegariam correndo e saíam pedalando, para que eu tivesse um maior contato com eles. Cheguei à cidade universitária às 11:00 do sábado, arrumei e organizei a área

para que os atletas deixassem as *bikes* antes de começar a corrida – assim na hora da corrida as *bikes* já estariam no lugar e prontas para o uso – e durante toda a tarde fiquei recepcionando as *bikes* e os atletas. Pude conversar com alguns para saber um pouco mais sobre as relações entre eles durante a corrida. Obtive várias respostas como: “nessas corridas curtas não rola muito estresse, é tudo muito rápido”; “ah! é a mesma coisa durante a corrida e fora do corrida, é igual, não muda muita coisa não”; “nessas corridas curtas é uma correria que não dá tempo nem de conversar”. Mas insistia e perguntava o que acontecia quando uma pessoa do grupo queria ir para um lado e outra queria ir para o outro; responderam que a palavra final era do capitão da equipe ou da pessoa que está navegando.

Após essas conversas, os atletas foram para a largada e somente por volta da meia noite começaram a chegar ao PC/AT para retirar as *bikes*. Nesse momento a comunicação entre os atletas era mínima, e o que se ouvia era: “onde estão as *bikes*?”; “todos estão prontos para sair?”; “vamos, estamos demorando muito!”. O tempo não ajudava; chovia, fazia um frio de 10 graus e ventava muito, e assim ficou até às 4:30 do domingo. Horário no qual a última equipe passou por lá. Depois tivemos que desmontar, arrumar, carregar as demarcações, tenda, demais acessórios e ferramentas para o carro e guardar o que era emprestado da USP. Após essas arrumações e limpar o local, percebemos que havia dois atletas de uma equipe em um canto se escondendo do frio. Estavam molhados – havia chovido a noite inteira – e tremendo, enquanto esperavam por outros dois atletas que tinham ido buscar o carro. O médico foi acionado, pois esses atletas já estavam “roxos de frio” e a temperatura estava em aproximadamente 10 graus Celsius. O médico recomendou que tirassem a roupa molhada e se enrolassem no cobertor de alumínio – item obrigatório que cada atleta deve carregar durante toda a prova – e depois se vestissem novamente. Neste episódio eu acabei conhecendo o médico Clemar e foi com ele que eu “peguei” carona para ir até a represa de Guarapiranga, onde seria a relargada da corrida. Neste momento a corrida estava no *Dark Zone*, uma espécie de pausa obrigatória, que não conta no tempo total da prova e todas as equipes devem obedecer, foi aqui utilizado para que todos se deslocassem até a represa. A relargada seria às 06:00 horas do domingo na modalidade de remo em caiaques infláveis.

No caminho até a represa, contei ao Clemar sobre a minha pesquisa, mas pouco conversamos, porque o rádio comunicador da prova estava com defeito e era ele quem repassava a mensagem para os destinatários. Ao chegar à represa, fiquei observando os

atletas conversando, alongando e logo em seguida ocorreu a relargada. A chegada foi no mesmo local da relargada e, após todas as equipes chegarem, foi feita a contagem dos tempos (descontando as horas em que ficaram obrigatoriamente parados no *Dark Zone*) e logo em seguida saiu o resultado e aconteceu a premiação. Nesse meio tempo, percebi que estava longe de um ponto de ônibus ou metrô e não sabia como fazer para voltar para minha casa. Então, novamente, procurei o Dr. Clemar para uma carona.

Após esperar por ele para finalizar o seu expediente, fomos embora às 13:00 horas do domingo. Nessa oportunidade, pudemos conversar mais. Ele então contou que geralmente é o médico responsável pelas corridas de aventura brasileiras e já viu muita coisa acontecer nelas. O que mais lhe chamava a atenção era a capacidade de suportar a dor. Quem melhor consegue administra-la é quem vence: “é impressionante o que esses caras enfrentam, eles têm uma capacidade de suportar a dor física, a dor do esforço, a dor dos pés, a dor de pequenas lesões, a dor de “fome”, a falta de sono, o frio, a desidratação e quem lida melhor com isso, ganha.”

Em 17 de maio de 2008, participei da corrida *Haka Race* realizada na cidade de Socorro-SP, na categoria *sport*, com aproximadamente 35 Km: 23 km de *moutain bike*, 8 de *trekking*, 4 de *rafting* e 80 metros de rapel. Essas corridas curtas são feitas, obrigatoriamente, em duplas. Novamente não tinha uma dupla e mandei um e-mail para a organização. Responderam que o Márcio também estava sem dupla e me forneceram o e-mail dele. Através de e-mails nos organizamos para o evento e o conheci somente um dia antes da prova. Ele demonstrou ser uma pessoa com experiência de vida (aparentava ter 40 anos), falava calmo e devagar. Decidimos que, por ter corrido mais vezes e por gostar de mapas e navegação, era ele quem iria ser o capitão da dupla e quem definiria para onde iríamos. A prova foi muito cansativa devido às altas altitudes, porém muito bonita. A parte de *trekking* foi desgastante, pois subimos correndo uma das mais altas montanhas da região, mas ao chegar lá fomos recepcionados por um maravilhoso rapel longo com uma vista deslumbrante, que, com certeza, foi revigorante. Após o rapel pegamos as *bikes* e saímos para o *rafting*, mas no caminho houve uma divergência entre o rumo que o Márcio queria seguir e o que eu queria. Mesmo sabendo que ele tinha mais experiência, argumentei ser impossível o rumo que ele queria tomar - ele queria seguir por meio de uma plantação que acabava em uma floresta. Sugeri que fôssemos pela rua. Após a discussão de aproximadamente 20 minutos não chegamos a um consenso, mas passou de carro um morador local, que nos orientou para irmos pela rua, pois pela plantação não havia saída devido ao grande barranco que se formava após as

árvores. Ao chegar ao *rafting*, todo o cansaço e chateação deixaram de existir; foi uma “brincadeira no rio”, que aproveitamos para descansar. Terminado o percurso do rio voltamos para as *bikes* e fomos em direção à chegada no centro de Socorro.

Esta corrida foi cansativa, mas bonita e prazerosa. Nunca mais falei com o Márcio, ele me mandou um e-mail logo após a corrida, ao qual não respondi. Senti que durante a discussão, no meio da corrida, ele não me respeitou e não queria deixar de ter razão e afirmar que estava certo. Ao ficar claro que a discussão havia se tornado uma questão de “mostrar quem manda”, sem aceitar que uma pessoa menos experiente podia estar certa, fiquei com raiva na hora, mas não o desrespeitei. Com o desenvolvimento da prova percebi que era o “jeitão” dele, mas não quero participar de outra corrida com ele.

Fui, também, voluntário de uma edição especial comemorativa de dez anos de corrida de aventura no Brasil nos dias 2 e 3 de agosto de 2008, organizada pelo Zolino, chamada de *rEMake*. Esta corrida reproduziu o mesmo percurso e características (equipe de três pessoas) da primeira corrida de aventura, realizada em 1998, a Expedição Mata Atlântica (EMA), organizada por Alexandre Freitas que, mais tarde, veio a adoecer e deixou de organizar as corridas do EMA. O percurso consistia em 230 quilômetros, saindo de Paraibuna (SP), passando por Caraguatatuba, São Sebastião e terminando em Ilhabela (SP). Na largada, a presença do Alexandre Freitas emocionou a todos, pois, após contrair um parasita, que se alojou em sua coluna, ficou em coma e agora fala com extrema dificuldade através de válvulas. Estava em cadeiras de rodas e necessita respirar por um cilindro de oxigênio. Mesmo com todas essas dificuldades estava presente. Na largada, fiquei ao seu lado e pude cumprimentá-lo.

Nesse trabalho voluntário tive muito trabalho “braçal”, descarregando e carregando um grande caminhão em cada cidade por onde a corrida passava. Começamos na quinta-feira, dia 31 de julho às 12:00 horas, na cidade de Paraibuna transportando materiais para os PCs da região; montamos e organizamos a arena onde foi feito o *brieffing*, desmontamos e fomos dormir numa quadra da cidade às 3:30 horas do dia 1 de agosto e acordamos às 6:30 horas. Acompanhamos e levamos o comboio de carros com atletas e equipe de apoio para o local da largada e imediatamente após a largada seguimos para o PC2 onde seria feita a transição da *bike* para as canoas canadenses. Neste PC, eu anotava o nome de cada atleta e o horário e verificava se a equipe estava completa e com colete salva-vidas, camiseta da prova e número da equipe. No PC 05 e 08, foi a mesma tarefa: esperar pelos atletas, anotar o horário,

verificar se todos da equipe estavam juntos e com os equipamentos de segurança obrigatórios, principalmente lanterna e pilhas adicionais, pois o trecho que viria a seguir era em meio à mata e seria percorrido durante a noite toda. Após esperar todas as equipes passarem pelo PC8, seguimos para Ilha Bela e fomos dormir no carro, às 3:45 do sábado; e acordamos às 7:00. Novamente descarregamos o caminhão, montamos, organizamos a arena destinada à chegada. Por um momento, acreditei que no fim do dia de sábado eu estaria livre e não precisaria mais trabalhar. Mas o que o Zolino não havia comentado, e já havia planejado, era que eu iria ficar trabalhando como voluntário também no sábado e domingo em outra corrida, de curta duração. Simplesmente disse que era para eu vigiar as *bikes* dos atletas que iriam correr no domingo. Pensei sobre a situação e verifiquei que não tinha como ir embora de Ilha Bela, então decidi ficar e ajudar, e durante a noite toda eu e mais três pessoas ficamos vigiando mais de trezentas *bikes*, sendo que cada uma valia, em média, 4 mil reais. Nessa noite dormi apenas três horas e às 6:00 da manhã do domingo ainda tinha atleta indo deixar a *bike*.

A largada aconteceu às 9:00 do domingo e, após todos os atletas passarem pelo PC e retirar as *bikes*, desmontamos, arrumamos, limpamos e carregamos o caminhão às 13:30. Fomos para o local da chegada e carregamos mais algumas coisas. Fomos embora de Ilha Bela às 18:30, de carona com o DJ do evento, e mais uma outra pessoa – que revelou que alguns recebem um pagamento. Nisso, percebi que havia pessoas que eram remuneradas e não faziam as suas tarefas, resultando na sobre carga de tarefas que realizei. Cheguei à minha casa às 23:00 do domingo, dia 03 de agosto.

Balanço geral de ter trabalhado nessas duas corridas, que era para ser só uma: foi muito cansativo, dormimos pouco e em locais desconfortáveis e trabalhamos muito. Pouco pude acompanhar a corrida ou ter contato com os atletas. Após essa experiência, aprendi que o trabalho voluntário com as corridas de aventura longa não é reconhecido pelo imenso esforço despendido; pelo contrário, você é desvalorizado e se reivindicar mais conforto ou tempo para dormir é ridicularizado. Portanto, decidi não trabalhar mais voluntariamente e confesso que fiquei muito desanimado com as corridas de aventura.

Curiosidades: na primeira edição no ano de 1998, o EMA foi realizado em aproximadamente 39 horas e a equipe vencedora era da Nova Zelândia; já no *rEMake*, em 2008, a equipe brasileira Quasar Lontra Mitsubishi, com os atletas Rafael Campos, Xikito e Sabrina, conseguiu realizar a prova em 24 horas e 25 minutos, uma diferença de aproximadamente 15 horas, creditadas à experiência dos atletas brasileiros, aos equipamentos, acessórios e às roupas específicas para a atividade.

Durante essas experiências, eu procurava manter contato com Said (organizador do Ecomotion), por saber que poderia participar na equipe da organização ou, em último caso, trabalhar como voluntário da corrida que seria o campeonato mundial de corrida de aventura a ser realizado no Brasil no final de outubro. Trocávamos e-mails e ele me respondia rapidamente. Meses antes da corrida, já não era tão rápido na resposta e seu discurso mudou, Said decidiu que não iria chamar os voluntários de São Paulo para trabalhar por ser mais custoso e já estava planejado utilizar voluntários locais. Fui pego de surpresa, pois a minha idéia era poder participar de alguma forma da corrida e acompanhar de perto uma equipe.

Então comecei a entrar em contato com as três principais equipes de São Paulo para ver a possibilidade de entrevistá-los, e se possível, acompanhá-los durante o campeonato mundial. A primeira tentativa de contato foi com a equipe Selva Aventura via telefone e, posteriormente, via e-mail, mas não recebi resposta alguma. A segunda equipe foi a S.O.S. Mata Atlântica, via e-mail, a resposta foi que devido a alguns problemas e à falta de tempo, não seria possível realizar as entrevistas e quanto a acompanhá-los durante a prova, afirmaram ter tido uma experiência ruim no ano anterior, com pesquisa, e agradeceram o contato. A terceira equipe, a Quasar Lontra, aceitou o convite para as entrevistas, dizendo que seria difícil reunir os quatro atletas antes da prova, mas permitiam que eu os acompanhasse durante a corrida com a condição de que eu fosse auto-suficiente com transporte, comida e demais despesas.

Com o aceite, passei a trocar e-mails e telefonemas com o capitão da equipe e com Said, tentando arrumar um jeito de acompanhar a prova, que não fosse trabalhando ou como voluntário. O Said autorizou que eu acompanhasse a prova, desde que as despesas ficassem por minha conta, e alertou que o mais difícil seriam os deslocamentos a serem realizados para a largada e entre os PCs/ATs. Cogitei várias possibilidades com o Said, como permanecer com a equipe médica, opção que logo foi descartada após entrar em contato telefônico com o médico responsável, o Dr. Clemar. A autorização do organizador e da equipe eu já tinha, agora só faltava arrumar um jeito de me deslocar durante a corrida. Pensei, então, na possibilidade de ir como apoio da equipe, de trabalhar para a equipe e assim ajudar e ser ajudado. Propus, isso, ao capitão da equipe e ele disse que talvez fosse possível, pois estava estudando a possibilidade de arrumar mais um veículo para a equipe de apoio e se isso acontecesse, eu poderia ir sem maiores problemas. Fiquei no aguardo de notícias, pois esta seria a minha única chance de

acompanhar a corrida. Em menos de uma semana liguei para o capitão e ele me disse que eu poderia ir, porque conseguira mais um veículo para servir de apoio, mas impôs duas condições: não atrapalhar a atividade da equipe de apoio e nem mesmo ajudá-la, uma vez que todos já tinham as funções determinadas e tudo fluía bem. Comentou, ainda, que tivera uma experiência anterior ruim com alguém que foi junto com a equipe de apoio e que só de ficar conversando atrapalhava quando era necessário agir. A outra condição era a de que eu deveria ser auto-suficiente com todas as minhas despesas. Logicamente aceitei e reforcei que não iria atrapalhar, afirmando que a minha idéia era interferir o mínimo possível nas atividades da equipe de apoio e nas atividades da equipe.

Fiquei muito feliz com a confirmação de ir junto com a equipe de apoio e comecei a me preparar para a viagem – pois faltavam apenas dez dias para a corrida –, viabilizando a passagem, a estadia e refeições, que ficariam por minha conta. Somente teria o transporte durante a corrida junto com a equipe de apoio. Mais alguns detalhes foram acertados com o capitão e ficou decidido que as entrevistas seriam realizadas no local, antes da prova, por ser mais fácil reunir todos.

Assim, embarquei dia 28 de outubro, chegando a Jericoacoara (CE) no dia 29 às 12:00. Realizei as entrevistas individuais com os quatro atletas antes da corrida, acompanhei a corrida junto com a equipe de apoio, realizei uma entrevista grupal com os quatro atletas após a corrida e retornei dia 11 de novembro de 2008.

Segundo Spink (2007), a Psicologia Social conta, em sua história, com várias metodologias de pesquisar no cotidiano. Muitas delas abandonadas por não corresponder aos parâmetros positivistas vigentes. Pesquisar *no* cotidiano implica situar o pesquisador como participante das ações, que se desenrolam em espaços de convivência mais ou menos públicos, ao invés de pesquisarmos *o* cotidiano, que implica uma separação entre pesquisador e objeto. Acreditamos que explicitar o “como”, “onde” e “o que” é uma maneira de expor minha postura ética contribuindo para validar os dados obtidos e fazendo com que se entenda o processo que gerou o resultado.

Retomando a aproximação do campo-tema, minha participação nessa corrida foi como “membro” da equipe de apoio, e por sua vez, a equipe de apoio forneceu o suporte necessário aos atletas nos ATs, na troca de modalidade. A equipe de apoio prepara toda a logística, equipamentos e alimentação para os atletas durante a corrida. Há restrições para o contato entre a equipe e a equipe de apoio, sendo que esta não pode acompanhar

os atletas durante a prova, ficando limitada somente aos PCs e ATs determinados pela organização.

Esta foi a primeira corrida de aventura nos formatos internacionais que acompanhei, com uma longa distância, mais de 500 km. Maiores detalhes de como, onde e quais as minhas observações estão no capítulo intitulado diário de campo. Essas informações visam a complementar os dados obtidos nas entrevistas, fazendo um entrecruzamento com essa experiência vivida e os dados da entrevista. Como indica Peter Spink (2003, p.37): “Não há múltiplas formas de coleta de dados e, sim, múltiplas maneiras de conversar com socialidades e materialidades em que buscamos entrecruzala-as, juntando os fragmentos para ampliar as vozes, argumentos e possibilidades presentes”.

1. A Exacerbação do Risco na Modernidade Tardia

Segundo reflexões de Beck (1993, 1997, 1999) e Giddens (1991, 1997), o risco tornou-se um elemento central em nossa sociedade, de tal forma que vivemos em uma sociedade de risco, também chamada de modernidade tardia, pela referência à localização temporal e período que estamos atravessando.

Porém, antes de abordar diretamente o risco e a sociedade de risco, vamos introduzir, resumidamente, uma questão anterior, a qual fornece a condição para que se possa pensar como a sociedade ocidental se configurou ao longo do tempo. Muitas vezes, atribuímos um significado a um determinado conceito e acreditamos que esse significado sempre foi o mesmo. Devemos ter senso crítico e tentar compreender os significantes da história, nos processos históricos de significação.

O desenvolvimento da civilização, ou melhor, o processo civilizador, como assinalam Elias (1994) e Elias e Dunning (1992), se observada e refletida a partir do esporte, fornece uma espécie de teoria do desenvolvimento da sociedade.

Três grandes eixos orientam os trabalhos de Elias e Dunning (1992): a) a atenção ao conjunto das pulsões e dos comportamentos violentos sob os dispositivos de controle, discurso e práticas normativas, poderes mais ou menos institucionalizados e mecanismos de autocensura ou de autocontrole; b) a busca de configurações sociais específicas, que procura identificar os diversos modos de inter-relações e ultrapassar as separações teóricas entre indivíduo e sociedade (integração e conflito); c) a noção de processo, abarcando as marcas da evolução temporal (aproximando-se da História) e as progressões das ações. Esses eixos vão nos auxiliar para compreender a sociedade e sua evolução por meio do esporte, uma vez que este pode ser encontrado nas diversas sociedades, pois “até hoje nenhuma sociedade humana existiu que não tivesse algo de equivalente ao esporte moderno” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.15). Segundo os autores, o esporte é uma excelente via de acesso à sociedade, pois permite explorar áreas da estrutura social e do comportamento que a maior parte das teorias convencionais ignora. O esporte deve se livrar da tendência que orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental, deixando de ser uma atividade que envolve o corpo mais do que a mente e sem valor econômico.

Elias e Dunning (1992) partem da indagação sobre a sociedade: que espécie de sociedade é essa na qual cada vez mais as pessoas utilizam parte de seu tempo para

participar ou assistir a manifestações esportivas? Que sociedade é essa que sente prazer, atuando ou assistindo, em provas físicas e confrontos de tensão entre indivíduos ou equipes, e na excitação criada por essa competição?

Por quais razões é que se manifestaram na Inglaterra, em primeiro lugar, modelos de confronto físico não violento, (...) Por qual razão é que confrontos altamente regulamentados, exigindo esforços físicos e competência técnica, caracterizados na sua forma de espetáculo como <<esporte>>, aparecem primeiro durante o século XVIII entre as classes inglesas altas, a aristocracia proprietária de terras e a pequena nobreza? (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 46).

Nessa passagem, podemos notar dois aspectos: primeiro, que é na Inglaterra onde surgem as primeiras manifestações esportivas modernas; e, segundo, que surgiram no século XVIII, sendo este um marco inicial da modernidade.

Porém, não há consenso sobre quando se deu o início da modernidade - a maioria dos autores afirma ter sido a partir do século XVIII (Habermas, 1987; Harvey, 1992; Touraine, 1994; Baum, 1992, entre outros). Seu fim também é outra divergência; alguns acreditam que já terminou e que estamos em uma outra “era”, a qual denominam de pós-modernidade; outros, que está terminando e ou que não terminou.

É na passagem para a modernidade, ou na “entrada” da modernidade, que Elias e Dunning (1992) se atêm para tentar responder a estes questionamentos. Propõem que há uma relação entre a organização social e a violência, ao analisarem as transformações, na Inglaterra, onde as relações entre as pessoas passam de uma grande hostilidade e violência física para uma forma de relacionamento mais controlada, mais civilizada.

Relatam que a violência era o meio pelo qual os desentendimentos e confrontos eram resolvidos. Em uma tentativa de buscar a origem dessa transformação, discutiu o episódio ocorrido na Inglaterra, em 1641, em que o rei Carlos I invadiu a Câmara dos Comuns para prender alguns membros do parlamento, puritanos, que foram contrários aos seus desejos. Os puritanos conseguiram escapar, porém, a violência gerou mais violência, e os opositores executaram o rei. Não parou por aí. Um líder tomou o lugar do rei e a violência continuou. Mais tarde, a divisão de interesses, ou melhor, a estrutura de poder na Inglaterra seguia cindida: “na Inglaterra, durante o século XVIII, a principal divisão política era a que existia entre facções de grupos proprietários rurais, entre *whigs* e *tories*” (ELIAS; DUNING, 1992, p.53).

Com o passar do tempo, houve um abrandamento da violência e, segundo Elias e Dunning (1992, p.57), “é necessário sublinhar que a luta competitiva não violenta, entre os dois grupos essencialmente hostis, pelo direito de formar governo era absolutamente

nova no tempo.”. Houve, nesse sentido, um avanço da civilização, a qual, com o passar do tempo – e até nos nossos dias –, caminha para a extinção da violência. Mas a competição não deixou de existir; os dois grupos tiveram que aprender novas técnicas e competências exigidas pelo confronto não violento, como as de retórica e persuasão, para o debate verbal no Parlamento.

Essa pacificação, ou mudança na estrutura do poder, também ocorreu no esporte e no lazer. Nas palavras de Elias e Dunning (1992, p.68), temos: “verificou-se apenas que o mesmo grupo de pessoas que participou no avanço da pacificação, e no aumento da regularização dos confrontos entre facções no Parlamento, era responsável pelo aumento da pacificação e da regularização dos seus divertimentos”. Essas pessoas que estavam no Parlamento eram da aristocracia e da pequena nobreza e em seu lazer praticavam esportes que passaram a ser tidos como divertimentos das classes mais altas. Os mais interessados (praticantes ou espectadores) se reuniam em clubes, para assegurar que as tradições e costumes fossem respeitados pelos mais novos, e também regulamentar as regras para além do nível local, como por exemplo, no críquete, em que foi necessário garantir uma uniformidade nas regras. A formação de clubes teve um papel crucial no desenvolvimento do esporte; a partir deles, criaram-se órgãos fiscalizadores e juizes que garantiam o respeito pelas regras, que mais tarde, com o desenvolvimento de vários clubes ingleses, resultou em associações nacionais e uma associação internacional para coordená-los (ELIAS; DUNNING, 1992).

A partir da diminuição da violência, novas organizações foram estruturadas possibilitando falar, no esporte, do início da modernidade. Para compreendê-la, e devido ao caráter polissêmico do conceito, vamos abordar algumas concepções que nos indiquem um denominador comum.

1.1 - Sobre a modernidade tardia

Primeiramente, gostaríamos de esclarecer a diferença entre modernismo, modernização e modernidade. O modernismo é um termo utilizado para se referir à área cultural, às artes do período moderno. Modernização refere-se ao processo, ao movimento percorrido, à fase de transição para chegar à modernidade, que por sua vez, é mais abrangente, é um paradigma, um conjunto de conceitos. Engloba o modernismo, os modos de produção, o sistema econômico, estilos de governos, dentre outros conceitos.

Podemos entender a modernidade como um “equivalente tosco de mundo industrializado (...) uma segunda dimensão é o capitalismo, significando este termo um sistema de produção de mercadorias que implica tanto mercados concorrenciais de produtos, quanto a mercadorização da força de trabalho” (GIDDENS, 2001, p.13). Ainda segundo Giddens (1991, p.11), “modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII, e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência.”. O autor, com base nas suas idéias de desencaixe e descontinuidade da tradição, antecipa um século para datar o início da modernidade. E, sobre o seu fim, assegura que ainda estamos na modernidade, porém uma modernidade tardia, reflexiva, na qual as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes: “Nós não nos deslocamos para além da modernidade, porém estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização.”. (GIDDENS, 1991, p. 57).

Para Bauman (1999, p.12), a modernidade pode ser pensada “como um tempo em que *se reflete* a ordem – a ordem do mundo, do hábitat humano, do eu humano e da conexão entre os três”. A ordem do eu humano, que antes não era concebida na modernidade, passa a ter destaque. A ordem e o caos são duas forças que impulsionam a modernidade, e ambos não devem ser deixados por sua própria conta: devem ser dominados, subordinados e remodelados. Têm a ambivalência como refugio da modernidade, e define:

A modernidade é o que é – uma obsessiva marcha adiante – não porque sempre queira mais, mas porque nunca consegue o bastante; não porque se torne mais ambiciosa e aventureira, mas porque suas aventuras são mais amargas e suas ambições frustradas. A marcha deve seguir adiante porque qualquer ponto de chegada não passa de uma estação temporária. (BAUMAN, 1999, p.18).

Torna-se possível pensar a ordem do ser humano e, com isso, a Psicologia se desenvolve, e essa por sua vez, contribui não só para a construção da idéia de “ser humano” como também para administrá-lo:

Inicialmente, a psicologia se constituiu como uma tecnologia de individualização, quer dizer, emergiu mais como uma “ciência positiva” do que como uma subcategoria da filosofia quando mudou suas responsabilidades da teoria geral da mente para um campo prático: a criação de mentes calculáveis e de indivíduos administráveis (ROSE, 2008, p.156).

À Psicologia cabia, de certa forma, administrar as pessoas nos diversos locais em que os problemas de conduta eram de responsabilidades das autoridades, tais como a escola, as fábricas, o exército ou os sistemas de justiça; para tanto, era necessário ter o conhecimento individual e coletivo. Porém, o conhecimento individual foi mais urgente

diante dessa responsabilidade sócio-política administrativa. Dessa forma, a Psicologia se tornou a “ciência do indivíduo”, ou dito de outra maneira: a ciência para controlar os indivíduos.

Outra questão abordada por Rose (2008), que vai se tornar mais clara no século XX, é a idéia de psicologização. Ou seja, tornou-se comum, ou melhor, senso comum, abordar diversas questões sobre as pessoas em termos psicológicos, tais como identidade, autonomia, liberdade, realização pessoal, estresse, normal-anormal etc.. “Esse não foi apenas o processo de individualização; isso também inclui a psicologização” (ROSE, 2008, p.156).

Historicamente, Elias (1994) propõe que o uso da racionalização foi fundamental para o abrandamento das pulsões. As transformações no campo social – inicialmente nos principais grupos da nobreza e da burguesia –, observadas nas funções e nas instituições sociais, foram dirigidas para a auto-orientação individual de previsão e regulação dos impulsos da libido. A racionalização seria uma espécie peculiar de “modelação da economia das pulsões que conhecemos pelos nomes de vergonha e repugnância ou embaraço” (ELIAS, 1994, p.242). A vergonha e a repugnância levam a sentimentos de moralidade que impedem certos comportamentos menos elaborados.

O consenso entre os diversos autores e pesquisadores sobre a origem da modernidade está na razão: “a idéia de modernidade está, portanto, estreitamente associada à da racionalização. Renunciar a uma é rejeitar a outra” (TOURAINÉ, 1994, p.18). A racionalidade, racionalização, ou mesmo a razão, exercem um papel fundamental na história da humanidade, contribuindo para o início da modernidade, e é dela que o iluminismo se nutre. Embora didaticamente consigamos dividir esses dois caminhos trilhados pela razão (modernidade – iluminismo), na prática tal divisão não é possível.

A razão passa a ocupar um lugar de destaque, que tende a submeter ao seu domínio a natureza, o homem e a relação entre ambos. A razão pode e deve explicar o mundo. Tudo pode ser explicado pelo homem, tanto a natureza, quanto a si mesmo. Seria uma espécie de domínio triunfal da razão para todos os povos, como algo universal para todos e para tudo. A idéia principal é dominar/controlar a natureza.

O pensamento iluminista, e a cultura ocidental em geral, emergiram de um contexto religioso que enfatizava a teologia e a obtenção da graça de Deus. [...] Sem estas orientações precedentes, o iluminismo, em primeiro lugar dificilmente teria sido possível. [...] Um tipo de certeza (lei divina) foi substituído por outro (a certeza de nossos sentimentos, da observação empírica), e a providência divina foi substituída pelo progresso providencial. (GIDDENS, 1991, p.54).

Assim, a modernidade e o iluminismo, baseados na razão, romperam com o finalismo do espírito religioso, desmistificando, dessacralizando, secularizando o mundo. Surge a possibilidade de se pensar a separação da igreja, que mais tarde resulta no estado laico.

Touraine (1994, p.18) afirma que nessa passagem: “a idéia de modernidade substitui Deus no centro da sociedade pela ciência, deixando as crenças religiosas para a vida privada”. Assim, a razão se “personifica” na ciência e esta por sua vez passa a ocupar o lugar central na sociedade. A ciência é tida como a principal resposta a qualquer pergunta. O iluminismo, utilizando-se e fomentando a razão, contribui para o desenvolvimento da ciência, e esta passou a ser uma marca, uma “grande bandeira” do iluminismo para promover nos mais diversos âmbitos, o que Touraine (1994, p.18) chama de sociedade racional: “na qual a razão não comanda apenas a atividade científica e técnica, mas o governo dos homens tanto quanto a administração das coisas”.

O iluminismo, influenciando o governo dos homens, contribuiu para transformações na política, que posteriormente resultaram na consolidação de Estados-nação, na expansão dos direitos civis e das leis; e de movimentos para fazer valer os direitos dos cidadãos, como por exemplo, a Revolução Francesa, a Revolução Dezembrista de 1825 na Rússia, a Revolução Industrial, a Revolução Americana, entre outras. Poderíamos dizer que o “império da razão” acabou por conquistar/controlar a natureza, e obter uma melhor utilização de seus recursos, por realizar mecanismos de controle sobre o homem moderno, seja direta ou indiretamente.

Muitas críticas são feitas ao uso da razão e conseqüentemente ao iluminismo. Para ilustrar brevemente explicitaremos as idéias de Bauman (1999), que relaciona o conceito de jardinagem – poda de plantas – com a idéia de “jardinagem de homens”. Bauman argumenta contra o iluminismo e o rumo que ele seguiu - com base nas idéias de diversos autores, biólogos, tiranos, zoólogos e outros - de que as plantas de um jardim precisam ser cultivadas, cuidadas e tratadas. Caso contrário, se as plantas forem abandonadas, o jardim estará tomado de ervas daninhas, privando as melhores plantas de nutrição, ar, luz e sol, e até mesmo as características básicas das plantas mudariam. A necessidade da intervenção de um jardineiro se faz necessária, para exterminar as ervas daninhas e tratar as melhores plantas. Essas idéias começaram a permear outros âmbitos e passaram a tratar os homens como se fossem plantas; dessa forma, aqueles que se

assemelham às ervas daninhas deveriam ser exterminados. A ciência ocupa o lugar de jardineiro. A ciência passa a ser a justificativa para exterminar e matar as pessoas consideradas como ervas daninhas; a Sociobiologia e as doutrinas eugênicas buscavam a ordem, a perfeição. Assim, as práticas de genocídios, as práticas nazistas e o holocausto eram tidos como “uma respeitável tarefa da ciência”, como podemos observar nesta passagem de Bauman (1999) com base nas idéias de Proctor:

Há “pouca evidência de que os médicos jamais tenham recusado participar dos programas nazistas”. Nenhuma punição ameaçava aqueles que se recusassem. Ninguém ordenava que os cientistas participassem nas horrendas experiências realizadas com prisioneiros, doentes mentais e outros párias: “os que participavam faziam porque tinham a oportunidade e se apresentavam como voluntários”. Os resultados das experiências eram normalmente saudados pelo meio acadêmico como material valioso, de alta qualidade: as experiências não eram empreendidas por charlatões, sádicos e loucos, mas “por profissionais treinados; os resultados eram apresentados em conferências e academias científicas de prestígio” (BAUMAN, 1999, p.51).

A ciência seguiu a tendência da racionalidade, afastando crenças, sentimentos e questões morais e éticas. A ênfase dada à técnica, ao meio, resulta num despropósito ou desvalorização do método e dos fins. Paradoxalmente, nos dias de hoje, a ciência precisa da própria ciência, de comitês de ética para fiscalizar as pesquisas e os projetos para que não venham a cometer abusos. O que indica a reflexividade na própria ciência (este conceito será aprofundado adiante).

Sobre as práticas nazistas, Elias e Dunning (1992, p.212) afirmam que “o choque foi ainda maior porque muitas pessoas viviam sobre a ilusão de que, no século XX, tais barbaridades já não podiam acontecer”. Muitos acreditavam que não era mais necessário o uso da violência para vencer as disputas/confrontos; mas a violência se faz presente sob diversas formas, visíveis ou sutilmente, e algumas pessoas não envolvidas diretamente podem estar em risco, como no caso de uma bomba atômica.

A modernidade vai se configurando como conflito entre emancipação e dominação: emancipação no avanço dos instrumentos criados para agir sobre a natureza, no aumento da autonomia do homem, ao se libertar de crenças e da religião, utilizadas no governo das pessoas, na expansão dos direitos humanos entre outros. Ao mesmo tempo, dominação, exercida pela ciência, que passa a ter todas as respostas, colocando tudo e a todos ao seu domínio.

Por outro lado, a ciência subordina-se às leis do Estado e a outras dominações que não têm esse fim explícito, mas que no fundo se utilizam da ciência para exercer a dominação e fazer com que o homem se subordine. A modernidade oscila entre esses

dois polos numa “obsessiva marcha a diante”, ora dominando, ora emancipando; ora seguindo a tradição, ora seguindo o novo/moderno (destradicionalização).

Essa oscilação ou dinamismo da modernidade é percebido em diferentes âmbitos e recebe diferentes nomes dados. Giddens (1997, p.73) discorre sobre as tradições encontradas na modernidade e suas transformações:

Durante a maior parte de sua história, a modernidade reconstituiu a tradição enquanto a dissolvia. Nas sociedades ocidentais, a persistência e a recriação da tradição foram fundamentais para a legitimação do poder, no sentido em que o Estado era capaz de se impor sobre “sujeitos” relativamente passivos. A tradição polarizou alguns aspectos fundamentais da vida social – pelo menos a família e a identidade social – que, no que diz respeito ao “iluminismo radicalizador”, foram deixados bastante intocados.

Giddens defende a tese de que é nesse jogo, entre tradição e dissolução da tradição (ou destradicionalização), que a modernidade se desenvolve. É na modernidade que as tradições precisam se defender para não se extinguirem. Somam-se a este jogo, o industrialismo, o capitalismo, o Estado, e outros elementos que “definem” quais tradições - e como elas são concebidas - devem ser mantidas.

O autor dedica-se a ilustrar como as tradições, e logo o passado, influenciam as pessoas nesse jogo, uma vez que a tradição é tida como uma forma de identidade, de identificação. Para isso usa como ilustração a época em torno de 1870-1900 para demonstrar que as pessoas começam a apresentar sintomas de repetição e de busca pelo passado, sendo que a tradição proporcionava uma estabilização das estruturas, que estavam sendo deixadas de lado, estavam sendo destradicionalizadas,

Freud estava lidando com uma ordem social, não apenas psicológica; ele estava preocupado com um universo social de crença e ação em cujo ponto, nas questões que afetavam diretamente a auto-identidade, *a tradição estava começando a se transformar em compulsão*. A compulsão, mais que o inconsciente como tal, transformou-se no outro lado da “revolução cognitiva” da modernidade (GIDDENS, 1997, p.87).

Giddens (1997), baseado em Eric Hobsbawn, observa que “as tradições” dos séculos XIX e XX, que parecem ou reivindicam ser antigas, ao contrário, são frequentemente recentes em sua origem e às vezes inventadas. As “tradições inventadas” são criações da modernidade – podendo ou não serem construídas de uma maneira deliberada –, evoluem ao longo do tempo, são alteradas ou transformadas repentinamente. Havia, pois, uma relação entre poder e tradição (o motivo das tradições existirem): “A tradição incorpora as relações de poder e tende a naturalizá-las” (GIDDENS, 1997, p.127). Desta forma, fornecem uma estrutura para a ação que pode permanecer em grande parte não questionada.

A ciência e a sua autoridade também sofrem influência da tradição e destradicionalização. Giddens (1997, p.221) afirma que:

A autoridade específica que a ciência um dia desfrutou – e que a transformou em uma espécie de tradição – só poderia ser protegida na medida em que houvesse um isolante separando a especialização científica das diversas formas de possibilidade do conhecimento das populações leigas.

Dessa forma, a ciência tida como tradição sustentava um poder que beneficiava a classe dominante, e esta por sua vez se utilizava da ciência para seus propósitos. Os genocídios, o holocausto, o nazismo são exemplos disso. Outro poder que a ciência desfrutava era deixar o senso comum de lado, afirmando que tal conhecimento não era válido ou que não poderia ser comprovado, e assim o que não era ciência foi completamente desvalorizado. Mas, com o passar do tempo, podemos verificar que o ocorre também a destradicionalização da ciência por meio da “dupla ruptura epistemológica”, proposta por Boaventura de Souza Santos (1989) e, também, através do “giro linguístico” – em que a linguagem passa a ser tida como construtora da realidade/mundo, ao invés de mero meio de expor as idéias/mundo.

Junto com a destradicionalização, a ciência passa a ser reflexiva. A reflexividade implicada na própria ciência contribui para que a equação entre o conhecimento e a certeza não sejam diretamente relacionados. Ou seja, mais conhecimento não traz mais certezas e seguranças; a edificação do conhecimento pode ser a qualquer momento implodida por um outro conhecimento. Seria uma espécie de conhecimento revisado por várias vezes, numa dúvida constante,

Por exemplo, a dúvida necessária, não só a ciência, mas que agora, aplicada reflexivamente, é fragmentada e destrói as falsas e frágeis clarezas e pseudocertezas da ciência, poderia se tornar o padrão para uma nova modernidade, que parte dos princípios da precaução e da reversibilidade. Ao contrário de um erro muito comum, a dúvida possibilita que tudo – ciência conhecimento, crítica ou moralidade – seja possível mais de uma vez, de maneira diferente, algumas vezes menor, mais experimental, pessoal, viva e aberta ao aprendizado social. Por isso, é também mais curiosa, mais aberta às coisas contrárias, insuspeitas e incompatíveis, e tudo isso com a tolerância baseada na certeza final e fundamental do erro. (BECK, 1997, p.46-47)

Algumas “tradições” passam a ser disseminadas para além do espaço e tempo em que foram criadas tornando-se globais, sejam elas políticas, econômicas ou de outros âmbitos. Dessa forma, uma das consequências da modernidade é a globalização. A globalização, de acordo com Giddens (1991: 69), pode ser definida como “a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”. Seria uma espécie de alongamento/alargamento das

conexões entre o local e o global, uma espécie de distanciamento tempo-espço. Dessa forma, aquilo que acontece em um local pode extrapolar e repercutir em outros diversos locais. Este distanciamento do tempo-espço (ou estreitamento) - às vezes quase instantâneo – deve-se principalmente pelos desenvolvimentos na mídia eletrônica.

Atualmente, estamos sofrendo as consequências do que a modernidade, em seu desenvolvimento – intencionalmente ou não –, proporcionou. Mas não estamos em outra fase/período. Como visto anteriormente, a modernidade para Giddens e Beck, não chegou ao fim; não estamos além da modernidade, estamos vivendo uma espécie de modernidade tardia, chamada, também, de modernidade reflexiva.

Localizando-nos historicamente, temos três estágios de desenvolvimento social, como propõe Beck (1993): a pré-modernidade (ou sociedades tradicionais); a modernidade clássica (ou sociedade industrial), e a modernidade tardia/reflexiva (ou sociedade de risco). A modernidade clássica (ou sociedade industrial) dissolveu (destradicionalizou) a estrutura feudal e atualmente, a sociedade de risco, promove a dissolução das estruturas da sociedade industrial. Ou seja, atualmente colhemos os resultados dos processos iniciais, as consequências da modernidade segundo Giddens (1991, 1997), são: a globalização, a reflexividade e a individualização.

A reflexividade está ligada à insegurança que o risco e a configuração da modernidade tardia proporciona. Poderíamos compará-la ao desenvolvimento da razão – tão presente na modernidade – imbricado nas consequências da modernidade tardia. A reflexividade pode ser significada, conforme assegura Beck (1997), como uma autoconfrontação – ligada a área cognitiva –, um exame que se faz e refaz insistentemente, sobre a vida pessoal, sobre as instituições, as ciências, a natureza, o conhecimento etc.. Ou, como resume Giddens (1991, p.45), a reflexibilidade “consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre essas próprias práticas, alternando assim constitutivamente seu caráter.”, ou seja, uma suscetibilidade da maior parte dos aspectos da atividade social à revisão crônica sobre a luz de novas informações ou conhecimentos, um processo que perpassa nossa vida cotidiana, o projeto da ciência e a própria atividade de governo (política) sobre os demais.

Desta forma, as práticas sociais são construções – algumas delas provisórias – em que a própria prática, o objeto ou sua metodologia podem ser alterados para adequarem-se a essa nova soma de informações e conhecimentos. Portanto, a ciência, que é uma prática social, deixa de ter a sua tradição (como visto anteriormente) e se

sujeita a erros e transformações. “O que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada – que, é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão” (GIDDENS, 1991, p.45-46).

Se a ciência está sujeita a erros, transformações e reflexões, as outras práticas sociais também estão; logo, por analogia, podemos pensar o esporte como uma prática social sujeita a erros e transformações. O que se pode constatar ao observar a trajetória histórica dos esportes, é que poucos deles permanecem com as suas configurações originais, seja por intermédio de avanços científicos, seja pelos tecnológicos, proporcionando uma nova configuração em sua metodologia, treinamento e equipamentos.

Vivemos, hoje, em um contexto reflexivo, sujeito ao risco e às destradicionalizações que os profissionais especialistas de cada área – sistemas peritos – argumentam contra as práticas sociais (sejam elas quais forem) e contra-argumentam sobre essas mesmas práticas, deixando certezas e tradições de lado. Cria-se, ao mesmo tempo, a ausência de um argumento sólido (a ausência de uma autoridade definitiva) e a liberdade para escolha e decisão da pessoa - levando cada um a construir seu próprio projeto reflexivo individualmente – sempre aberto a revisões.

A individualização proposta por Beck (1993) se refere às transformações que vêm ocorrendo nas instituições tradicionais – família, trabalho, classes sociais e educação. Tidas como unidades estáveis da sociedade, fazem com que os indivíduos tornem-se agentes de sua subsistência e que suas biografias tornem-se reflexivas como tais - processos centrais na constituição da subjetividade contemporânea. Fica atribuído à pessoa a planejar e executar a sua própria autobiografia.

A tradição da família, regida pelo casamento e suas regras, dominava como imperativos à indissolubilidade do casamento, os deveres da maternidade, os deveres do chefe de família etc.. Logicamente, reduziavam o escopo da ação, mas obrigava e forçava as pessoas a ficarem juntas. Atualmente, não há um modelo, mas vários modelos (inclusive os negativos), os quais, somando-se aos de libertação da estrutura de gênero e igualdade entre os sexos, impõem a condição de que a mulher desempenhe vários papéis, inclusive de obter o seu sustento. Esses modelos não consolidam a união das pessoas – somente multiplica as dúvidas –; pelo contrário, forçam todo homem e toda mulher, tanto dentro como fora do casamento, a operar e persistir como agente individual e planejador de sua própria biografia.

De modo semelhante, temos a ruptura da estratificação social em classes, geradora de desemprego ou do aumento do emprego informal, que não fornece as possibilidades de uma nova forma de inserção social, problemas de ordem política transformam-se em fracassos pessoais: “Todas essas exigências não ordenam nada, mas requerem que o indivíduo consinta em se constituir como um indivíduo, para planejar, compreender, projetar e agir – ou sofrer as consequências que lhe serão auto-infligidas em caso de fracasso” (BECK, 1997, p.27).

Em outra linha podemos relacionar a reflexividade pessoal e a individualização com as idéias de Elias (1993), uma vez que no processo de civilização ocorre a passagem do controle social para o autocontrole,

o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada (ELIAS, 1993, p. 193).

Para o autor, a passagem para o autocontrole resulta na inibição de paixões e controle das pulsões e se dá em uma teia de interdependência que, de certa forma, se internaliza: “o controle que exercem sobre si tornou-se, de certo modo, automático. O controle – em parte – já não se encontra sob seu domínio. Tornou-se um aspecto da estrutura profunda da sua personalidade.” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.103).

O esporte também contribuiu para o autocontrole, seja estabelecendo regras para o confronto não violento ou servindo de meio para as pessoas exercitarem o autocontrole. Rubio (2007, p. 151), refere-se a esta relação entre autocontrole, controle e “consciência de classe” na Inglaterra, no início do esporte moderno:

As diferenças sociais também se refletiam na prática esportiva. De acordo com Guttman (1976) o esporte da elite tinha como finalidade a socialização e o desenvolvimento de papéis cujo principal traço seria a liderança necessária para o comando dentro e fora do território. Os esportes do proletariado, por outro lado, seriam o veículo para outra forma de socialização. Caminhavam na direção das modalidades coletivas onde predominava a aprendizagem e a prática da subordinação e a aceitação da autoridade, autoridade essa simbolizada mais imediatamente na figura do técnico. Cedo os atletas-operários eram iniciados na rotina do sistema industrial. Independente da classe social o esporte cumpria uma função utilitária, fosse para uso externo, na conquista de novos mercados, fosse para uso interno, no incremento da produção inglesa.

1.2 - Os riscos na modernidade tardia

Além dessas consequências da modernidade, Beck (1993) acrescenta um outro fator que define as características da sociedade contemporânea: o risco. Assim cunha o

termo *sociedade de risco*. Riscos como o da contaminação do ar e da água, de envenenamento associados à produção em massa de alimentos, a ameaça permanente de explosão nuclear ou o perigo da destruição industrial-militar, e também a ausência de controle das ações que representam perigo para o homem - que são geradas pelos próprios processos de modernização da sociedade.

Beck (1993, p.21) concebe os riscos como “formas sistemáticas de lidar com os perigos e as inseguranças induzidas e introduzidas pelo próprio processo de modernização”. Diferenciando os riscos antigos que eram, de certa forma, mais pessoais, os “novos” riscos são fabricados e pautados por incertezas, atingindo a todos e extrapolando os contornos pessoais, até mesmo as fronteiras territoriais e temporais.

A destraditionalização das certezas cedeu lugar às incertezas fabricadas – como, por exemplo, não sabemos qual o efeito de nos expormos às radiações das antenas e dos aparelhos celulares a longo prazo –, incertezas que vêm no bojo dos desenvolvimentos tecnológicos, contribuindo para o descontrole em que hoje vivemos,

O futuro se parece cada vez menos com o passado e, em alguns aspectos básicos, tem se tornado muito ameaçador. Como espécie, não temos mais uma sobrevivência garantida, mesmo a curto prazo – e isto é uma consequência de nossos próprios atos, como coletividade humana. (...) Novas áreas de imprevisibilidade são muito frequentemente criadas pelas próprias tentativas que buscam controlá-las. (BECK, 1997, p.8).

A sociedade de risco não é uma alternativa que se pode eleger ou abandonar no transcorrer de disputas políticas. Originada nos processos de modernização autônoma, produz ameaças que questionam e tendem a destruir as bases da sociedade industrial (BECK, 1997).

O risco permeia a vida de todos, independente de idade, sexo, status econômico, posição moral/ética, localização ou grau de instrução; e o que difere de uma pessoa para a outra é a consciência do risco e a sua estratégia para lidar com ele. Porém, há uma desigualdade na distribuição dos riscos. O tema central da sociedade industrial era a distribuição de bens, ou melhor, o conflito fundamental da sociedade industrial girava em torno da repartição de bens. Com as transformações e entrada na sociedade do risco, os conflitos se situam na distribuição dos riscos e nos conflitos de responsabilidade distributiva (BECK, 1993).

Com isso, há uma importante transformação que ocorre quanto às formas de gestão das pessoas na modernidade tardia, que passa a ter por foco não mais a “vida”, mas os “riscos”: como administrar ou evitar os riscos. Ou seja, a vida é substituída pelo risco, o viver é substituído pelo evitar morrer (SPINK, 2001).

A complexidade da modernidade e as suas transformações sociais vão influenciar as pessoas: elas deveram lidar com a passagem da “sociedade industrial para a turbulência da sociedade de risco global. Espera-se que elas convivam com uma ampla variedade de riscos globais e pessoais diferentes e mutuamente contraditórios” (BECK, 1997, p.18), o que conseqüentemente algumas o farão mais facilmente do que outras. Dar conta das transformações identiárias, de vínculos, de incertezas, de ansiedades, de ambigüidades, de instabilidades, enfim, de lidar minimamente com as transformações sócio-culturais e psicológicas, para que a própria pessoa se sinta bem.

Correr risco não é somente uma questão pessoal: há uma esfera pública, ou uma esfera coletiva, pois, com o passar do tempo, os governos estão cada vez mais atentos para os riscos. Há uma transformação quanto à maneira de se perceber e lidar com o risco, sendo que,

o que mais chama a atenção nos conflitos provocados por estes riscos é o fato de que âmbitos de decisão antes despolitizados tornaram-se politizados em função da percepção pública dos riscos; e eles permanecem – geralmente sob formas artificiais e lutando contra a resistência das poderosas instituições que monopolizam estas decisões – abertos à dúvida pública e ao debate (BECK, 1999, p.175).

Essa transformação da percepção do risco envolve aqueles que são diretamente afetados por eles, aqueles que o produzem e aqueles que deveriam estabelecer meios de controlar o risco. Mas a responsabilidade pelo risco – como diz o velho ditado, a corda estoura do lado mais fraco – recai sobre aqueles que sofrem as suas conseqüências, uma vez “que não responsabilizam aqueles que lucram com os riscos, e sim aqueles que são atingidos por eles.” (BECK, 1999, p.76).

Ainda sobre a questão de responsabilidade sobre o risco, Lash (1997, p.239) aponta que:

a coalizão das empresas, dos políticos e dos especialistas, que criam os perigos da sociedade contemporânea, constrói um conjunto de discursos de isenção de tal responsabilidade. Assim fazendo, transformam os “perigos” que eles próprios criaram em “riscos” do tipo, por assim dizer, que fumantes ou jogadores assumem.

Ou seja, atribuem a responsabilidade dos riscos para pessoas, sob o discurso de que são elas próprias que decidiram correrem tais riscos. Recai sobre o estilo de vida que a pessoa decide adotar – uma vez que todos são livres para escolherem (pelo menos nos discursos daqueles que governam/controlam). Como por exemplo, os fumantes, que com seu estilo de vida não saudável, assumem os riscos de doenças; ou como os atletas corredores de aventura que, devido à opção de correrem determinada prova, se responsabilizam por qualquer dano à saúde e integridade física. Vai se configurando ao

longo da história, a idéia de responsabilidade individual pela vivência de condições de risco, sendo a pessoa responsável em lidar com as consequências.

Outra transformação observada na passagem da modernidade clássica para a modernidade reflexiva, diz respeito ao abandono da certeza baseada no cálculo uma vez que os riscos modernos são pautados pela incerteza (BECK, 1997). Sobre a relatividade do risco, Castiel (2007, p. 6) afirma, “seja como for, viver, hoje em dia, implica assumir (voluntariamente ou não) modos e/ou padrões de exposição a determinados riscos, individualizados ou coletivos, “escolhidos” ou não, e, também, concomitantes estratégias psicológicas para lidar com tal quadro”.

Spink (2000, p.170) define que “risco é a possibilidade da perda de algo que tem valor para nós”. Ou seja, podemos observar uma relação direta com a esfera dos valores, sejam eles quais forem. Assim, os discursos racionalistas de avaliação dos riscos não dão conta da subjetividade inerente à definição do que vem a ser o risco.

Os riscos podem ser agrupados em três esferas ou níveis, conforme Spink (2000): a) riscos que assumimos individualmente, baseados na racionalidade clássica, valorizando positivamente a ousadia que nos leva a encarar certos riscos e confiarmos na informação e na capacidade racional de avaliá-los para a eles sobreviver, como exemplo os esportes radicais. Nesta esfera, a regulação é mínima, valendo a lógica dos seguros em que qualquer coisa pode ser segurada nos dias de hoje; b) riscos que corremos inadvertidamente, assumidos individualmente, mas que contam com o respaldo de uma teoria de direitos de cidadania. Por exemplo, os consumidores prejudicados. Nesse nível, o Estado assume certo grau de responsabilidade por meio de leis protetoras do consumidor e de estruturas de intermediação; c) os riscos imponderáveis que nos deixam à mercê da esfera pública e de suas decisões. Como exemplo, os efeitos radioativos. Nessa esfera, estamos todos vulneráveis, queiramos ou não.

As versões sobre a origem da palavra risco são conflitantes, como relata Spink (2007), afirmando que a palavra é “nova”, sendo inexistente em grego, em árabe e em latim clássico. O primeiro registro da palavra se dá no século XIV, em espanhol *riesgo*, mas sem a conotação de perigo que se corre. É apenas no século XVII, que passa a ter registros léxicos nas línguas européias. Etimologicamente, a hipótese mais plausível é que risco seria um derivativo de *resicare* (cortar), palavra usada para descrever a possibilidade de penhascos submersos que cortavam os cascos dos navios. Associado à vida marítima, com a idéia de perigo e de incerteza diante de obstáculos não bem

definidos, o risco surge como possibilidade de pensar o futuro. Há uma reorientação das relações das pessoas com os eventos futuros, uma ressignificação dos perigos com o intuito de domesticar o futuro.

O risco herdou os sentidos de outras palavras, tais como, fortuna, sorte, chance, hazard e perigo. Palavras que já incorporavam o sentido de incerteza de resultados favoráveis ou desfavoráveis – positivos ou negativos – nas relações complexas das pessoas com o seu futuro. Com o passar do tempo, o risco passa a se referir aos resultados negativos, se aproximando cada vez mais dos sentidos de *hazard* e de perigo que se corre (SPINK, 2007).

Por meio da estatística, o conceito/noção de risco se formaliza principalmente na Epidemiologia – estudo da distribuição e dos determinantes dos estados ou acontecimentos relacionados à saúde em populações específicas, e à sua aplicação para controle dos problemas de saúde. Segundo Ayres, Calazans, Saletti Filho, França-Junior (2006), essa formalização pode ser compreendida a partir de três grandes momentos: primeiro a Epidemiologia da constituição (1872-1929), que articula três características: o controle técnico; o comportamento coletivo e a variação quantitativa. Nessa acepção, o termo risco começa a surgir no jargão epidemiológico em torno dos anos 1920, utilizado como adjetivo de lugares constituídos de situação desfavorável à saúde.

O segundo momento concerne a Epidemiologia da exposição (1930-1944), marcada pelos progressos tecnocientíficos da área biomédica (bacteriologia, imunologia), quando “o objeto epidemiológico passou a ser delimitado como uma relação entre infectados/suscetíveis, que se define como oportunidade de exposição ao agente causal de uma doença. Eis a epidemiologia da exposição; eis a base epistemológica para a formalização do conceito de risco” (AYRES et al, 2006, p.383) .

O terceiro momento concerne a Epidemiologia do risco (1945 aos dias atuais), sendo marcado pela II Guerra Mundial, e liberado pelo raciocínio analítico de base probabilística, que vai além da condição sanitária desfavorável à saúde, buscando uma forma de encontrar relações causais prováveis (probabilidade), fato este que permite a entrada da epidemiologia no âmbito da ciência. O risco assume a plenitude de sua formalização e assume a centralidade do discurso epidemiológico, passando a designar chances probabilísticas de suscetibilidade, atribuíveis a um indivíduo qualquer de grupos populacionais particularizados, delimitados em função da exposição a agentes danosos.

Segundo Spink (2000), os cálculos sobre risco têm papel fundamental na formatação da moderna valorização da segurança, formando uma mentalidade securitária. Tornando-se instrumentos fundamentais de governo, Spink (2001) e Spink, S. Spink (2009) baseados nas idéias de Michel Foucault (1977-1978), propõem que os riscos fundamentam os biopoderes que têm por objetivo a segurança, sendo utilizados para o controle de populações. São formas de governo que herdaram do Cristianismo, características pastorais, sendo concomitantemente um controle de cada um de nós por nós mesmos e o cuidado do “pastor” para com o seu “rebanho”. Com base nos cálculos, na racionalidade e nas formas de governo do risco, podemos pensar os esportes contemporâneos:

No que diz respeito aos esportes contemporâneos, o que vimos propondo é que também eles se tornam foco deste tipo de governamentalidade que tem o cálculo do risco como estratégia fundamental. Denominamos esse tipo de sensibilidade de “risco-aventura” e o definimos como conjunto das atividades que envolvem desafios consideráveis (e até extremos) às habilidades e que podem gerar consequências pessoais graves, até mesmo a morte, no caso de erro. (SPINK, M.J.; SPINK, S., 2009).

Riscos antigos somam-se aos novos e, atualmente, há uma polissemia de sentidos que resultam em diversas posições adotadas pelas pessoas. Tais posições e seus discursos definem territórios linguísticos que demarcam campos de gestão – maneiras de lidar com o risco – que se dividem em três tradições de governo: o governo de coletivos, a disciplinarização da vida privada e a aventura (SPINK; MENEGON, 2004).

Segundo as autoras, a primeira tradição, o governo de coletivos, relaciona-se com a crescente necessidade de governar populações, a partir da modernidade clássica, com as medidas coletivas destinadas a gerenciar relações espaciais – a distribuição e o movimento de pessoas nos espaços físicos e sociais. Tem como metáfora estar em risco.

A segunda tradição, disciplinarização da vida privada das pessoas, o próprio corpo é alvo de controle. Esta tem como estratégia central a educação. Contemporaneamente, promovem-se as informações para uma saúde plena e uma pessoa devidamente informada é responsável pelo autogerenciamento de sua saúde, “o estilo de vida como forma de autocontrole é a face mais famosa dessa reorganização” (SPINK; MENEGON, 2004, p.280). Aqui a metáfora é evitar riscos.

A terceira tradição, a aventura, aproxima os campos da Economia e dos Esportes, propondo que há positividade em se correr riscos para alcançar determinados ganhos. “Alguns dos repertórios próprios da aventura tornam-se parte integral do campo da Economia, imprimindo singularidades na abordagem de riscos nesse campo do saber: coragem, adrenalina, medo e até mesmo risco de falência ou de síncope cardíaca”

(SPINK; MENEGON, 2004, p.280). Está relacionada à tradição de fortalecimento do caráter. A metáfora passa a ser: correr risco é o desejado.

Referindo-se ao risco no tempo longo da história, Spink (2000, p.163) concebe que,

o que emerge como herança é a ambivalência entre a positividade dos riscos, no cruzamento entre a ousadia/aventura e o imperativo da gestão dos riscos, seja na perspectiva da obrigatoriedade de precaver-se pelos seguros, ou na perspectiva da avaliação pessoal dos riscos.

A capacidade de avaliar os riscos – advinda da racionalidade clássica – somada à ousadia de correr tais riscos, que contribui para que a pessoa assuma individualmente o risco e que, na maioria das vezes, traga benefícios ou satisfação pessoal.

Spink (2001) contempla três conexões que tornam os riscos positivos: o risco como aposta, risco como formação de caráter e risco-aventura. A conexão entre risco e aposta deriva dos cálculos e das teorias das probabilidades, e pode ser encontrada nos jogos de azar, sendo mais comum na Economia. A conexão entre risco e formação de caráter expressa o valor educativo da aventura, uma vez que enfrentar o risco pode contribuir para o desenvolvimento das capacidades pessoais, encontradas nas propostas educacionais ao ar livre. A conexão entre risco e aventura, que de certa forma engloba as conexões anteriores, é valorizada pela ousadia, na qual leva às novas descobertas encontradas nos esportes radicais e na busca da emoção por meio das drogas lícitas e ilícitas.

O risco-aventura tem como seu principal expoente os esportes radicais. Essa opção, por se aventurar a correr riscos, mas se precavendo e administrando para que ele não ocorra, passa a se tornar uma prática, cada vez mais procurada em vários âmbitos sociais, inclusive no esporte. Esse aumento pelos esportes radicais ocorre concomitante com a sociedade assumindo a exacerbação das características da sociedade de risco.

2 - O risco no contexto dos esportes de aventura: a tensão - excitação nas corridas de aventura.

É nessa sociedade de risco, por meio da exacerbação do risco e do risco-aventura, que permite parâmetros para serem pensadas e organizadas – e também contar com pessoas dispostas a delas participarem – as corridas de aventura.

Composta por modalidades radicais reunidas ao longo de um grande e extenuante percurso se torna um dos maiores desafio nos esportes radicais. É tida como uma das mais perigosas atividades esportivas que envolvem os riscos. Na reportagem publicada pela revista Istoé, em 03/11/2004, com o título de Emoção Desvairada, podemos encontrar uma relação entre o risco-aventura:

a rivalidade dos escritórios dos bairros elegantes e das mesas de câmbio é levada para os enlameados campos de batalha radical. Trata-se de uma modalidade que exige um alto poder econômico e está associada a um estilo de vida. São executivos que transportam para a corrida de aventura a rotina competitiva em que vivem. A adrenalina em cinco horas na vida de um operador do mercado financeiro, numa banca de câmbio, não é muito diferente do que a adrenalina de se fazer um rapel na Costa do Dendê (local onde ocorreu uma corrida de aventura).

Na mesma reportagem, encontramos em outra passagem um contraste com as condições geográficas e sociais da cidade de São Mauro,

É, no mínimo, um contra-senso. Como um lugar que não tem mar, montanha, floresta e rios despoluídos e propícios para remadas radicais pode ser a Meca da corrida de aventura no Brasil? Mesmo sem reunir as condições mínimas para a prática da modalidade, a Grande São Mauro enviou a metade das 50 equipes que participaram do Ecomotion/Pro, a maior e mais relevante prova de aventura do País.

Atualmente, a maior corrida de aventura realizada no Brasil, o Ecomotion 2008 – palco para a disputa do campeonato mundial – reuniu 60 equipes, destas, 28 eram brasileiras, sendo que 11 eram da cidade de São Mauro, 6 do Rio de Janeiro e as restantes de cidades variadas. O número de atletas e de corridas realizadas no Brasil desde 1998 vem aumentando, assim como o de associações e organizações a cerca do esporte. Em 1998 existia somente a Sociedade Brasileira de Corrida de Aventura (SBCA); em 2000, já havia a SBCA e a Circuito Eco-aventura (empresa que organiza corrida de aventura). Atualmente, temos as associações de corrida de aventura paulista; do Rio de Janeiro; sergipana; nordestina e catarinense. Temos, também, as federações: baiana; capixaba e paranaense. Além de mais de 25 empresas organizadoras de corridas de aventura espalhadas pelo Brasil. Logicamente, onde há um aumento significativo de pessoas há um nicho a ser explorado pelas empresas, movimentando assim a economia,

com novos empregos – por exemplo, de organizador de corridas de aventura – e com o turismo na cidade sede onde é realizada a prova, pois, mesmo nas provas pequenas que duram somente um dia, muitas pessoas pernoitam nessas cidades.

As pessoas que procuram o risco-aventura por meio das corridas de aventura, arriscando as vezes a própria vida, fazem-nos por opção, como atividade a ser realizada nas horas de tempo livre ou de lazer, salvo quando correr aventuras é uma profissão. O termo “opção”, neste caso, leva em conta que, nas horas de tempo livre, a pessoa escolhe, obviamente dentro de suas possibilidades sócio-econômicas, como irá utilizá-lo orientando-se para o prazer, seja fazendo algo ou não, como, dormir ou praticar atividades arriscadas.

Baseado nas idéias de Elias e Dunning (1992), podemos diferenciar tempo livre de lazer, sendo que o primeiro compreende o tempo em que não se está desenvolvendo ocupações do trabalho. Já o lazer é uma das atividades de tempo livre, que pode ser feita durante o tempo livre, assim como: trabalho privado, administração familiar; repouso, provimento das necessidades biológicas; atividades religiosas; sociabilidade e a categoria das atividades miméticas ou jogo (lazer).

Nas horas de tempo livre, procurar o lazer, dentro das capacidades sócio-econômicas de cada pessoa, é buscar o prazer/excitação, algo que traga satisfação; o que Elias e Dunning (1992) chamam de a busca da excitação no lazer. Poderíamos comparar a busca da excitação com a busca pelo risco-aventura, pois os referidos autores afirmam que é na excitação-tensão que o prazer acontece. “O risco – indo até ao limite – é essencial para inúmeras atividades de lazer. Com frequência, constitui parte integrante do prazer” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.151).

Para exporem as suas idéias acerca de lazer, gênese do esporte e a excitação-tensão, Elias e Dunning (1992, p.143) partem da pergunta: “Se as tensões devem ser avaliadas, pura e simplesmente, como perturbações das quais as próprias pessoas se procuram ver livres, porque é que no seu tempo de lazer elas voltam sempre a procurar uma intensificação das tensões?”.

O lazer atua não apenas como libertação de tensão de uma organização social pautada na regra, na norma e na ordem, ao contrário, ele visa produzir tensão – e em alguns casos promover a renovação das medidas de tensão –, desenvolvendo uma agradável tensão-excitação como peça fundamental de satisfação. “Na nossa sociedade, como em muitas outras, faz-se sentir uma necessidade corrente de motivação de fortes emoções” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 136).

Os autores reconhecem que essa necessidade de fortes emoções está amparada nos fatores biológicos e afirmam que desprezar essa necessidade constitui uma das maiores lacunas na abordagem dos problemas de saúde mental.

A sua função [o lazer] não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental. O caráter essencial do seu efeito catártico é a restauração do tônus mental normal através de uma perturbação temporária e passageira da excitação agradável. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 137).

Elias e Dunning (1992), como já visto anteriormente, concebem o processo civilizador das sociedades ocidentais como uma crescente forma de abrandamento das pulsões e da evolução das formas de controle que, com o passar do tempo, se torna um autocontrole. Desta forma, a excitação, as fortes emoções devem ser contidas:

Nas nossas sociedades, os adultos tornam-se, em regra, tão habituados a não agirem de acordo com seus sentimentos que esta restrição, com frequência, lhe parece ser o normal, o estado natural dos seres humanos, em especial se, em larga medida, a auto-restrição se torna automática. Mesmo que o desejassem, não podiam abrandar o desenvolvimento interno do controle. Esqueceram-se, por completo, como fora difícil para eles, em tempos, não fazerem aquilo para que sentiam inclinação, como os adultos se empenhavam, com uma elevação de sobancelhas, com palavras duras e doces, e talvez com algo mais do que palavras, para que controlassem as suas ações até que o domínio de acordo com o padrão habitual na sua sociedade, já não exigisse esforço. Tornara-se uma segunda natureza e surge como parte das suas personalidades, como algo com que nasceram. O grau e o padrão deste treino para o autocontrole variam de sociedade para sociedade, de acordo com o estágio do padrão específico do seu desenvolvimento. Em geral, pode-se dizer que o tipo de socialização característico das sociedades altamente industrializadas tem como resultado uma interiorização mais forte e firme do autocontrole individual, resultando numa armadura de autodomínio, a qual opera de forma relativamente harmoniosa e, em comparação, de maneira moderada – mas sem demasiadas saídas – em todas as esferas da vida. (ELIAS; DUNNING, 1992, p.166).

Segundo os autores o autocontrole se internaliza de tal forma que passa a ser automático, retraindo severamente a excitação e as pessoas que agem de forma bastante excitada, sujeitam-se a serem conduzidos a um hospital ou a prisão.

Sob a forma de fatos de lazer, em particular os da classe mimética, a nossa sociedade satisfaz a necessidade de experimentar em público a explosão de fortes emoções – um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem da vida social, como sucede com as excitações de tipo sério (ELIAS; DUNNING, 1992, p.112).

Os autores historicam como a excitação vivida sob a forma de lazer, sobretudo nas formas miméticas, vai ocupando o lugar de permissividade na sociedade e, com o passar do tempo, também torna-se menos violenta, acompanhando o processo civilizador. O esporte é uma forma de lazer e também segue por esse caminho de não-violência e permissividade, que tem mais as características de contribuir para uma vivência “autorizada” das fortes emoções. Ele proporciona que seu praticante – e os expectadores – vivenciem não somente como se emocionar ao ouvir uma música, mas

de uma forma mais concreta, interagindo com outra pessoa(s) ou com o ambiente em uma simulação mais próxima dos acontecimentos cotidianos (sérios).

O quadro do esporte, como o de muitas outras atividades de lazer, destina-se a movimentar, a estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o excitação de outras situações da vida, uma excitação mimética que pode ser apreciada e que pode ter um efeito, catártico, mesmo se a ressonância emocional ligada ao desígnio imaginário contiver, como habitualmente acontece, elementos de ansiedade e medo – ou desespero. (ELIAS; DUNNING, 1992, p.79)

A capacidade de despertar emoções relacionadas com aquelas em que as pessoas experimentam em outras esferas - medo, paixão, ciúme, ódio, dentre outras - de uma maneira que não é perigosa e perturbadora como na “vida real” ou em áreas de não-lazer, é o que podemos chamar de característica mimética do esporte.

Segundo os autores, o termo mimético em sentido literal é “imitativo”, uma espécie de imitação/representação da “realidade”, porém não só representar fatos da “vida real”, mas, sobretudo, as emoções e sentimentos desencadeados por tais fatos. “Na excitação séria, não mimética, as pessoas podem perder o autocontrole e tornarem-se uma ameaça, tanto para si próprias como para os outros.” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.125).

A excitação ocorre na tensão, que inclui certo “ingrediente” de ansiedade e medo, somado a certa imprevisibilidade. Por exemplo, se em um confronto, ou jogo/luta, os resultados já forem esperados, com uma equipe ou atleta superior à outra, e esse confronto for de sucesso do começo ao fim, não haverá muitas emoções e, na maioria das vezes aquele que ganhou não se sentirá satisfeito com o resultado. Já se esse confronto for equilibrado - ora um na frente, ora outro -, e no final ocorrer uma “virada” daquele que estava perdendo, esse confronto promoverá satisfação tanto nos expectadores quanto nos participantes. Em alguns casos, o perdedor também se satisfaz por ter sido um confronto “duro” e emocionante. “Os confrontos do esporte permitem alcançar a vitória sobre os outros através de uma luta física sem provocar danos físicos. O desfecho da tensão do confronto e do esforço para atingir a vitória podem ter um efeito alegre e purificador.” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.81).

O caráter mimético de uma prova desportiva como uma corrida de cavalos, um combate de boxe ou um jogo de futebol é devido ao fato de aspectos da vivência-sentida associados à luta física real entrarem no campo da vivência-sentida de uma luta de “imitação” própria de um esporte. Mas, na experiência dos esportes, a violência-sentida de um luta física real é deslocada para um mecanismo diferente. O esporte permite às pessoas a experiência da excitação total de uma luta sem os seus perigos e riscos. O elemento do medo na excitação, ainda que não desapareça por completo, é bastante reduzido, e o prazer da excitação no combate é, por este motivo, elevado. (ELIAS; DUNNING, 1992, p.81).

Poderíamos dizer que os esportes com diversas modalidades e que envolvem grandes distâncias, em meio natural escolhido para dificultar o seu desenrolar, permeados pelos riscos, se diferenciam dos convencionais, permitindo uma maior e mais diversa capacidade mimética, em que consegue com suas variáveis reproduzir com mais exatidão os sentimentos e emoções experimentados na “vida real”. Seria uma evolução do esporte para “acompanhar” as transformações sociais; ou, ainda, as corridas de aventura, só poderiam ser pensadas com um desenvolvimento de emoções e sentimentos bem consolidados na sociedade, que no caso podemos atribuir ao risco, à sociedade de risco.

As corridas de aventura mimeticamente proporcionam emoções e sentimentos em torno do risco, por meio das várias medidas de segurança, que definem as regras e garantem que a participação seja sem maiores problemas e sem risco de morte. Embora sempre haja risco real de acidentes ou condições arriscadas, nas quais o praticante venha a sofrer danos físicos ou morte, acreditamos que essas possibilidades intensificam a tensão/excitação. E ao ser ela superada, proporciona o efeito alegre e purificador relatado pelos autores.

A busca de excitação que Elias e Dunning (1992) descrevem, fornece um ponto de vista conveniente para entender os esportes arriscados, como as corridas de aventura. Há outros pontos de vista encontrados na literatura que também se baseiam na falta de sentido na sociedade contemporânea.

Na reportagem de Fernando Solano, publicada em 17/3/2007, no blog do jornal o Estado de São Mauro, seção aventura e esporte, encontramos o relato da atleta Marina Verdini, sobre as corridas de aventura:

Acho que no momento que vivemos hoje, onde as pessoas estão cada vez mais afastadas de seu verdadeiro propósito, de sua essência, e se fechando muito em seu próprio mundo. As corridas de aventura resgatam muitos desses valores, trazendo um significado pra nossa existência e nos tornando pessoas melhores.

Verdini aponta para uma configuração social que nos remete às idéias de Beck (1997, 1999) e Giddens (1991, 1997) sobre destraditionalização, principalmente das normas que antes regulavam as certezas e passaram a dar lugar às opções e às incertezas. Lembra também a idéia de reflexividade, que obriga a pessoa a construir sua própria auto-biografia. Em suma, as certezas existenciais dão lugar às incertezas dos riscos que incorremos voluntariamente.

Embora no relato de Verdini não apareça menção aos riscos, sabemos que as corridas de aventura envolvem muitos riscos, o que nos leva a pensar que buscar o significado da existência inclui os riscos inerentes à sua prática. Curiosamente ou não, algumas pessoas têm “a busca de sentido para a existência, na abertura do risco.” (SPINK, 2007, p.13). Ou seja, o risco que promove mudanças sociais e incertezas existenciais também promove sentidos para a existência.

Le Breton (2007, 1995), ainda aponta para a relação entre enfrentamento do risco e busca de sentido para a existência. Afirma que atualmente as referências (incontáveis) são contraditórias e os valores culturais e morais estão em crise, trazendo à tona tanto a liberdade individual quanto a incerteza. Há uma auto-imposição da necessidade de dar valor à nossa presença no mundo pois, “por termos a possibilidade de perdê-la, a existência é digna de valor. Em outras palavras, os riscos assumidos e a exposição pessoal deliberada em circunstâncias difíceis são uma maneira de intensificar o sentimento de existir” (LE BRETON, 2007, p.10).

Na concepção de Le Breton (1995, 1991), o risco passou a ser uma referência essencial da sociedade, um dado antropológico que atravessa todos os registros da condição humana e, ao mesmo tempo, é o horizonte insuperável da condição humana. Paradoxalmente, hoje vivemos em uma sociedade que desfruta de um clima de segurança nunca visto na história,

os riscos deliberados, amadurecidos, tal qual lazer unânime, são reivindicados pelos atores como uma maneira de reencontrar o tempero da vida em uma sociedade excessivamente protetora. Ao final da prova, o indivíduo encontra esse sentido extra que dota sua existência, mesmo que seja apenas por um instante, de unidade e de plenitude. (LE BRETON, 2007, p.11).

Podemos estabelecer uma relação entre as idéias de Le Breton e as idéias de Elias e Dunning (1992), no que se refere a um “clima de segurança nunca visto na história” (idéias defendidas por Le Breton) com o processo civilizador (idéia de abrandamento da violência) e “tal qual lazer unânime” e a busca da excitação no lazer, não somente nele, mas também no esporte.

Na prova, isto é, na ruptura provisória do familiar, aumenta o poder de revelação pessoal. O indivíduo descobre em si mesmo recursos que ignorava ter. [...] Por termos a possibilidade de perdê-la, a existência é digna de valor. Em outras palavras, os riscos assumidos e a exposição pessoal deliberada em circunstâncias difíceis são uma maneira de intensificar o sentimento de existir. (LE BRETON, 2007, p.10)

Essa “prova” pode ter características ordálicas¹ que exacerbam os riscos, os quais, superados, levam à razão de existir, proporcionando uma segunda chance contanto que a pessoa para tudo ganhar, arrisque tudo perder (incluindo a vida ou a morte). Poderíamos dizer, portanto, que, ao viver o risco sente-se estar vivo ou que a vida tem sentido, “Usar os próprios recursos até o esgotamento, atingir o limite de suas forças e de sua coragem, encontrar, enfim, um esteio depois de ter despendido toda sua energia e, então, finalmente, encontrar-se, nem que seja por um momento; sentir-se existir.” (LE BRETON, 2007, p.11).

Jogar com o risco e com a vida, solicitando a morte para garantir a existência passa a ser uma possibilidade concreta, sendo que a morte, simbolicamente ultrapassada permite continuar a viver sob a luz de uma legitimidade nova, um sopro de vida, um reencontrar as próprias sensações.

Em acordo com as idéias de Le Breton (2007), Paul Yonet (2004), afirma que os praticantes de atividades extremas, como os alpinistas por exemplo, desenvolvem uma relação original (secularizada) com a morte ao se submeter ao desconhecido, adquirindo uma estranha liberdade, uma liberdade de se aproximar da morte e da exploração de si mesmo.

O risco e o driblar a morte passam a ser elementos concretos intrínsecos das modalidades esportivas que visam o radicalismo, a aventura e o extremo. São elementos que tornam o nível elevando de tensão da prática esportiva, elementos necessários para promover a tensão/excitação necessária do esporte.

Elias e Dunning (1992, p.289), ao abordarem o esporte de forma histórica, problematizam: “como manter em determinado padrão de jogo um elevado nível de tensão e de dinâmica de grupo dele resultante, enquanto, ao mesmo tempo, se procurava reduzir ao mais baixo nível possível frequentes lesões no jogadores”. Poderíamos dizer que atualmente, a sociedade de risco/modernidade tardia, contribuem para que o risco e a possibilidade de morte – talvez se as características da sociedade atual fosse outros elementos trariam a tensão/excitação – sejam elementos para manter elevado

¹ Segundo Le Breton (1991), todas as práticas de risco apresentam um componente ordálico, o qual se nutre de uma relação ambígua com a morte. Os ritos ordálicos, inscritos na Antiguidade e na Idade Média ocidentais, buscam o julgamento dos deuses sobre a inocência ou a culpa de uma pessoa sobre quem recai uma suspeita. Através de uma prova perigosa e dolorosa – queimar as mãos por exemplo –, obtém-se o veredicto da inocência ou da culpa em questão. É um rito cultural, pois supõe a adesão de toda a coletividade. Já o ordálio moderno, ainda de acordo com o autor, seria um recurso individual ou de pequenos grupos quando se observa, nos tempos atuais, um eclipse do simbolismo coletivo próprio das sociedades ocidentais modernas. O sujeito se aproximaria da morte, inconscientemente, para buscar produzir e provar, para si próprio, o valor de sua existência, uma vez que o social e o cultural estão, cada vez menos, conseguindo fazê-lo satisfatoriamente.

nível de tensão, que quando reflexivamente planejados e controlados não provocam lesões ou a morte, trazendo o prazer e o significado da existência.

O risco e a incerteza são elementos que, segundo Costa (2000), compõem a aventura, que vivida, traz um sentido em si mesma. A aventura tem um caráter mágico no imaginário humano, a qual, somada à possibilidade de “aventura, remete o homem ao gozo extremo” (COSTA, 2000, p.83) passa a dar sentido a existência.

Esses esporte de risco e aventura vêm-se apresentado na sociedade com intima ligação a lógica atual, que interage diretamente com aumento da incerteza política, econômica, social e cultural. Próprios de um mundo economicamente globalizado, hiperindividualista, adotam em sua práticas uma maior percepção do risco, fato gerado pelas múltipla contingências do social.(COSTA, 1999, p.15)

O aparecimento e a difusão de modalidades esportivas que se utilizam do risco calculado ocasionam uma revolução simbólica, que constituem o imaginário esportivo moderno, o qual começa timidamente no início do século XX, mas se intensificou e se disseminou a partir da década de 60 (COSTA, 1999).

A aventura tem um caráter mágico no imaginário humano. Todos carregam dentro de si o desejo de desbravar, de desprender-se e voar com liberdade, mas as mascaras sociais da cultura e do modo de educação que os envolve tolhe, em parte, esse desejo, ficando-lhes os pés na terra. Esses esportes de aventura que hoje se desenvolvem na sociedade com certeza estão agasalhando esses desejos. (COSTA, 2000, p.87)

Ainda segundo a autora, os riscos são voluntariamente buscados pelos aventureiros e escolhidos como valor, sendo que ousam jogar a si mesmos com a confiança do domínio cada vez maior da técnica. O risco, eivado de objetividade, é calculado e controlado sob rigorosas condições de segurança, suscitando um prazer que beira a dimensão do lúdico (COSTA, 2000).

Os esportes radicais e de aventura, no nosso caso as corridas de aventura, podem servir como meio de desafiar o risco e a morte (suas tensões e emoções), tanto mimética quanto concretamente. É um risco desejado, um risco-aventura (SPINK, 2001, 2007, 2009), porém, não é uma lançar-se aos riscos de forma ingênua e contando simplesmente com a sorte. Há preparação, treino, equipamentos, tecnologias avançadas e técnicas para que essa competição com a morte, este ordálio, tenha resultados garantidos e proporcionando prazeres dificilmente encontrados em outros esportes ou áreas.

As corridas de aventura, além de proporcionarem emoções, sentimentos miméticos de disputa/luta, tensões despertadas pelo risco (Elias e Dunning, 1992), questões ordálicas e o jogo simbólico com a morte (Le Breton, 1991) proporcionam riscos concretos, os quais nos casos extremos, podem se materializar com a morte.

Porém, no relato dos seus praticantes, os riscos não aparecem, não permeiam as suas falas, como pôde observar Spink (2007, p.10) em seu artigo no qual aborda as corridas de aventura: “desta forma, embora os riscos estejam sempre presentes, não são os repertórios do risco que permeiam as suas falas.[...] A palavra risco não aparece: também a palavra morte, ou mesmo acidente, não são utilizadas.”. A ênfase recai sobre o jargão da aventura, sendo que os perigos e dificuldades contrapõem-se a alegria, entusiasmo e ao “barato” da adrenalina.

Não abordar diretamente o risco, ou mesmo não se referir a ela, pode ser percebido em outras modalidades esportivas que envolvem os riscos, como por exemplo no montanhismo, como observa Costa (2002, p.11) nas entrevistas realizadas que “o risco, por exemplo, foi silenciado em suas falas e quando apareceu se apresentou como inerente a vida, quase como indiferença.”.

Ainda sobre o montanhismo, Marinho (2008) em sua pesquisa afirma que os atletas tendem a perceber o risco como um desafio e não como um perigo, ao invés da ameaça, ele contribui de forma positiva na aquisição de satisfação.

Na pesquisa de Coiceiro (2007, p. 132),, que aborda atletas das provas de ultra-distâncias, contatou que, junto com o risco, “a morte fica silenciada e escondida por trás da busca desses atletas para dar sentido as suas vidas” e que os informantes assumem duas posições: na primeira, ocultam os sacrifícios implícitos nas provas de ultra-resistência – criando um imaginário que não há treino e/ou sacrifício –; a segunda, que os atletas não dão satisfação à sociedade – incluindo familiares, amigos, meios de comunicação – com esta postura se preservam de criticas e opiniões indesejadas.

Costa (2000), ao abordar os riscos, cita a pesquisa de Czikszenmihaalyi, na qual 21 dos 30 alpinistas entrevistados afirmam que sua atividade não tem perigo, uma vez que essas atividades são rigorosamente calculadas com base no conhecimento do meio, dos equipamentos, das capacidades técnicas e psicológicas dos envolvidos para superarem o risco permanente.

Retornando às corridas de aventura, na pesquisa de Borges (2007) denominada Corrida de Aventura e Risco: um estudo etnográfico, afirma que os riscos nas corridas de aventura existem de forma concreta e os organizadores e atletas estão cientes dessas possibilidades, o que se justifica devido aos termos de responsabilidades que os atletas preenchem e assinam para participar das provas. Em sua conclusão, o autor, afirma que durante a entrevista somente após algum tempo e com certa resistência, os atletas

admitem a existência do risco e, quando o fazem, vêm seguidos de sorrisos, que demonstra o orgulho por executarem atividades que oferecem o risco,

a maioria dos entrevistados, num primeiro momento, omitiu a questão do risco. Ao serem questionados, o primeiro aspecto que perpassa os seus discursos é que o risco “está por toda parte” em todos os lugares. Depois vem a justificativa de que passaram por longo treinamento, que têm conhecimentos e experiências nestas modalidades, que existem inúmeras regras de segurança que os protegem. Após, admitirem a existência do risco, relatam que todas equipes, sem exceção, já passaram por momentos de acidentes sérios. (BORGES, 2007, p.140).

Podemos perceber com esses exemplos práticos da teoria vista anteriormente, que os riscos contribuem para um significado da existência de seus praticantes, e, pelo contrário, ao invés de contribuir para afastá-los, são tidos como um atrativo. Poderíamos dizer que existe uma explícita busca pelo risco, um desejo por práticas que o incluem, os quais geram sensações de prazer e ganhos mais amplos que aqueles atrelados à prática em si.

Alguns dos riscos encontrados nas corridas de aventura podem ser vistos em outros esportes, como basquete, futebol, tênis e demais esportes clássicos², são elas: luxações, fraturas, lesões e outros. Por outro lado, a maioria dos riscos das corridas de aventura dificilmente são encontrados em outros esportes, principalmente durante a sua realização, como, por exemplo: hipotermia (congelamento de membros), hipertermia, exaustão física, lesões na pele, principalmente nos pés, desidratação, infecções (disenteria), intoxicações, má alimentação, alto gasto energético ao dia, hiponatremia (baixa concentração de sódio no sangue), perigo dos animais selvagens (cobras), afogamentos, avalanches e desmoronamentos, falta de sono, queda da imunidade devido aos constate esforço, estresse e outros.

Para ilustrar temos o relato de da repórter Fernanda Franco na reportagem: Os Primeiros dos Últimos, publicada na revista Go Outside (2009). Ela acompanhou a equipe norte-americana Nike (bicampeã mundial de corrida de aventura) durante o campeonato mundial de 2008 realizado no Brasil, e pelo seu relato podemos perceber alguns riscos que estão presentes nas corridas de aventura:

Com uma ferida em carne viva no meio das costas por causa do atrito com o assento do caiaque, Mike não hesitou ao abaixar mais a bermuda, mesmo sem necessidade, e me pedir que colocasse um naco de fita Silver Tape para proteger o machucado, direto na pele. Foi uma espécie de grito de guerra antes de saírem em busca do time que partira 45 minutos antes. [...] Mona era de longe a mais judiada. Com as pernas em brasa depois de passar o dia no rio debaixo de sol, ela precisou ser tratada com pasta d'água e uma toalha molhada para diminuir o ardor e evitar febres e queimaduras mais sérias.

² Utilizaremos aqui, a idéia de “esporte clássico” com o propósito de fazer referência à maioria das modalidades esportivas, criadas antes da década de 60 e que não são radicais.

Seu olho direito praticamente não abria por causa de uma galhada que levou durante a canoagem. (FRANCO, 2009).

O contato com o ambiente, que podemos chamar de extremo ou selvagem das corridas de aventura, extrapola as linhas e demarcações encontradas nos “esportes clássicos”, e os riscos seguem por uma proporção direta. Costa (2000, p. 101) reforça a idéia do ambiente selvagem:

Sobre o ambiente selvagem, este estudo já esclareceu que a natureza induz a um imaginário exuberante, de forte valor simbólico e próprio dos mitos da cultura. Embora o esporte tenha uma tendência a domesticar o ambiente, formaliza-lo, impor-lhe regras, é no meio selvagem, onde é quase impossível controlar as informações que podem orientar as decisões dos praticantes, que se escolhe aprender a ler os obstáculos, decifrar as artimanhas da correnteza, da melhor onda, da velocidade do vento, da temperatura, apreciar as pistas para decidir a melhor intervenção. É essa incerteza informante que provoca, que compõe o desafio dessa prática. Lidar com ela desenvolve a ousadia dos aventureiros e lhes desencadeia o prazer na atividade.

Porém, o lado negativo do ambiente se faz presente. Poderíamos dizer que são dois lados da mesma moeda. As corridas de aventura são realizadas em ambientes selvagens e inóspitos, justamente para proporcionar o desconhecido e situações imprevistas, multiplicando os riscos. São situações como a que Carolyn Jones enfrentou no campeonato mundial de corrida de aventura em 2006 na Suíça, quando permaneceu presa por 20 minutos sob a água gelada, resgatada quase morta, reanimaram-na, ficou em coma por 2 meses e atualmente está em cadeira de rodas com sequelas neurológicas.

Os riscos de morte se fazem presente devido às características extremas implicadas. No *Raid Gauloises*, corrida de aventura realizada no Quirkistão-Ásia em 2003, no primeiro dia de competição de seus 950 km, Dominique Robert, 46 anos, experiente atleta que participara de dez edições anteriores, morreu afogada.

Se não bastassem os riscos apontados anteriormente, temos um agravante, que é a competição entre as equipes, a qual estimula o esforço e as condutas arriscadas para superar o tempo ou o adversário. Algo comum que acontece nas corridas de aventura nas áreas de transição, quando há a troca de modalidade, é a equipe sair correndo por causa de outra equipe que está chegando, deixando para trás água e comida necessárias para as próximas horas ou até o próximo dia de prova. A competição implica ser o mais rápido, imprimindo uma velocidade, que, além de extenuante, pode negligenciar a segurança.

Os riscos nas corridas de aventura são minimizados com treino e planejamento das mais variadas situações. Porém, naquelas em que os riscos estão presentes que não há como treinar ou planejar. Foi o caso de Alexandre Freitas. O paulistano, foi o

organizador a primeira corrida de aventura feita no Brasil em 1998 e ao participar de uma corrida de aventura nas Ilhas Fiji, no Pacífico Sul, em 2002, foi infectado por um parasita. Na reportagem ditada pelo próprio Alexandre Freitas, em 3/6/2003, podemos perceber os riscos imprevisíveis presente nas corridas de aventura:

A minha história é única: em outubro de 2002, durante uma competição nas Ilhas Fiji, fui infectado por um parasita endêmico da região (*angiostrongylus cantonensis*), provavelmente através da ingestão de verduras cruas ou peixes mal cozidos. O parasita alojou-se no tronco da medula. Durante 2 meses e meio, fiquei inconsciente e permaneci na UTI (primeiro em um hospital na Austrália, depois transferido para o Brasil). Quando acordei, constatei que conseguia apenas mexer meus olhos. Nada mais. [...] Hoje sou assistido em casa. Meu quadro atual é de meningite eosinófila: eu não ando, não enxergo as coisas com nitidez, não degluto normalmente e não falo sem o auxílio de uma válvula. Tenho que re-aprender a viver. Minha visão foi extremamente prejudicada por uma úlcera de córnea, o que me incomoda muito e, por vezes, retarda o processo de recuperação. (FREITAS, 2003).

Vamos contextualizar o desenvolvimento esportivo das décadas precedentes para entender a origem das corridas de aventura. Em torno de 1973, temos algumas corridas de longas distâncias feitas por barcos em mar aberto, para aumentar a dificuldade proporcionando situações imprevisíveis geradas pela natureza.

Em 1979, houve o primeiro *Rally Paris-Dakar*, com o trajeto de 10.000km no deserto e com diversos obstáculos naturais. Participavam dessa corrida motos e carros, logo em seguida foram incluídos caminhões. Os acidentes são constantes e não raro ocorre a morte de alguns competidores.

Em 1980, houve o *Camel Trophy*, uma corrida que tem como palco lugares inexplorados como a floresta amazônica – que foi o palco da primeira corrida em 1980 –, constou de 1.600 km percorridos por carros *off-roads* (jipes), de Belém até Santarém. A cada edição da corrida é realizada em um local diferente, mantendo-se as dificuldades e a quilometragem.

Essas modalidades dependem do uso de equipamentos sofisticados/motorizados para atravessar um determinado percurso em meio a condições adversas. Porém, também, em 1980, na Nova Zelândia, foi feita a corrida *Coast to Coast*, era uma corrida multi-esportiva composta por três modalidades: a corrida em montanha, a canoagem e o mountain biking, em meio natural/selvagem, sem veículos motorizados – Ela é realizada até os dias de hoje. Nas corridas multi-esportivas, os atletas correm sozinhos por locais delimitados em meio natural (*outdoor*).

Em 1985, o francês Patrick Bauer, influenciado pelo *Rally Paris-Dakar*, completou um *trekking* – caminhada e/ou corrida orientada por mapas e bússola – com mais de 300 km pelo deserto do Saara e decidiu socializar sua experiência, criando o

Marathon des Sables no Marrocos. Esta ultra-maratona seria a “versão não motorizada” do *Rally Paris-Dakar*, exigindo muita resistência, velocidade e conhecimento de orientação para percorrer seus aproximadamente 200 km, entre a areia e o sol do deserto, com temperaturas variando de 50 a 0 graus Celsius.

Romanini e Umeda (2002) afirmam que foi o francês Gérard Fusil, um jornalista que habitualmente fazia reportagens sobre o rali Paris-Dakar, que ao cobrir uma famosa corrida de vela na América do Sul em 1987, concebeu a idéia de realizar uma prova, com longas distâncias, sem um traçado delimitado e sem veículos motorizados, utilizando somente a força e resistência humana em ambientes selvagens. Desta forma, dois anos mais tarde, em 1989, Fusil organizou na Nova Zelândia – um país muito propício para a prática de esportes junto à natureza – o *Raid Gualoises*³ Essa foi a primeira corrida de aventura nos moldes que hoje conhecemos, ou seja, a ser feita em equipe (com um atleta do sexo oposto) sem um traçado delimitado e sem veículos motorizados.

A tendência de alinhar aventura competitiva e ecologia – exploração das imagens dos belíssimos lugares onde são realizadas as corridas de aventura – culminou na criação da empresa de marketing *Eco-Challenge Lifestyles Inc.* no ano de 1992, por Mark Burnett⁴, produtor de televisão, que tinha corrido duas edições do *Raid Gauloise*. Pretendendo divulgar a consciência ecológica e o esporte nos Estados Unidos, em 1995, Burnett firmou uma parceria com o *Discovery Channel* e organizou o primeiro *Eco-Challenge*, realizado em Utah, nos estados Unidos. Foi nesta parceria entre Burnett e o *Discovery Channel*, que as corridas de aventura passaram a ser conhecidas mundialmente.

A primeira corrida de aventura brasileira chamou-se Expedição Mata Atlântica – EMA, em 1998, organizada por Alexandre Freitas, que trabalhava como empresário e era corredor de maratonas. Um ano antes havia participado de uma corrida na Nova Zelândia e fundado a Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura – SBCA. Essa primeira edição da EMA teve um percurso de 220 km, percorrido em três dias e três noites, sendo utilizadas as modalidades de orientação, *trekking*, *mountain bike* e canoagem, de acordo com o registro do *site* www.ema.com.br.

³ O cigarro Gualoises foi o patrocinador desta corrida, sendo assim, seu nome foi adicionado ao da corrida.

⁴ Produtor de vários programas televisivos no modelo de reality show, como, por exemplo, *Survivor* que serviu de base para o programa *No Limite* em 2001 exibido pela TV Globo.

A EMA abriu o caminho das corridas de aventura no Brasil, sendo que hoje existem várias provas e o número de praticantes aumenta a cada prova. Como estratégia para difundir essa nova modalidade no Brasil, em torno do ano de 2000, foram criadas as pequenas corridas de aventura (*short-adventure*), nas quais a distância e a dificuldade são reduzidas.

A corrida de aventura, pensada como uma prática social na modernidade tardia, segue a tendência de globalização, uma vez que na maioria dos países podemos encontrar corridas locais, ou sendo palco de corridas internacionais. Como necessidade de organizar o esporte mundialmente, em 2001 foi criada a Adventure Race World Championship – ARWC, instituição que organiza o Campeonato Mundial de corrida de aventura. A cada ano é realizado em um país diferente. Em 2008, o Brasil foi sede do campeonato mundial.

A corrida de aventura inclui-se dentro da categoria: esporte de aventura. Costa, Marinho e Passos (2007) definem que os esportes de aventura,

compreendem o conjunto de práticas esportivas formais e não formais, vivenciadas em interação com a natureza, a partir de sensações e de emoções, sob condições de incerteza em relação ao meio e de risco calculado. Realizadas em ambientes naturais (ar, água, neve, gelo e terra), como exploração das possibilidades da condição humana, em resposta aos desafios desses ambientes, quer seja em manifestações educacionais, de lazer e de rendimento, sob controle das condições de uso dos equipamentos, da formação de recursos humanos e comprometidas com a sustentabilidade socioambiental

Além de ser praticado na natureza, as corridas de aventura envolvem os riscos e condições extremas,

os esportes de risco calculado podem ser entendidos como aqueles que exigem esforço intenso do organismo, grande habilidade técnica de execução, autocontrole emocional do praticante, controle exagerado das condições de uso dos equipamentos e, ainda assim, expõem a vida do praticante na busca dos limites do desempenho. Já os esportes de risco extremo também são calculados e rigorosamente controlados, envolvendo muitas características dos esportes aqui chamados de risco calculado, mas acrescentando a isso o tempo de duração das provas, que pode chegar a vários dias, ou mesmo semanas, levando o atleta a um desgaste fisiológico e emocional que supera aquilo que conhecemos como humano. Assim, são poucas, ou melhor, pouquíssimas pessoas, que detêm as condições físicas e psicológicas necessárias para a prática desses esportes. (Coiceiro 2007, p.13).

Dessa forma, poderíamos dizer, mais especificamente, que a corrida de aventura é uma modalidade esportiva não-olímpica, composta por outras modalidades (formais e não-formais) que geralmente são: *trekking*/corrida; técnicas verticais, *mountain bike*; orientação e remo/canoagem. É uma competição que privilegia as resistências físicas e psicológicas, e a capacidade de exercer as atividades em equipes de quatro pessoas – incluindo obrigatoriamente no mínimo uma pessoa do sexo oposto. É realizada por

vários dias seguidos, sem interrupções obrigatórias, com caráter expedicionário – as equipes devem ser auto-suficiente com relação à comida, mantimentos e equipamentos necessários e obrigatórios – com longas distâncias (em média de 500 km ou aproximadamente 5 dias), realizado em ambientes selvagens (ou inóspitos), forçando a superação de obstáculos naturais. O percurso é designado, porém não definido, possibilitando às equipes escolherem a melhor rota através de mapas cartográficos e bússola, para atingir os postos de controle e as áreas de transição – onde as equipes trocam de modalidade.

As regras fundamentais são: a equipe deve permanecer junta durante todo o percurso (caso se separe, é desclassificada); é proibido o uso de veículos motorizados e uso de GPS; deve ter consigo durante toda a corrida kits de primeiros- socorros, um rádio-comunicador lacrado, para ser utilizado em emergências e os equipamentos de segurança obrigatórios para cada uma das diversas modalidades esportivas; ajudar qualquer pessoa que esteja em perigo e passar por todos os postos de controle ou área de transição.

Os postos de controle (PC) são locais por onde as equipes devem passar para registrar o tempo de prova. Servem também para verificar se os membros estão juntos e se estão portando os equipamentos obrigatórios, além de forçar os membros a passarem por aquele trecho, onde se encontra o PC. Alguns PCs são utilizados para área de transição (AT) de modalidades, nos casos em que são permitidos pela organização. Em alguns ATs, as equipes podem ter contato com sua equipe de apoio ou caixas de reabastecimento (nos casos de apoio ser proibido). Dessa forma, trocam de equipamentos e de roupas, se alimentam e abastecem as mochilas com os mantimentos necessários para o deslocamento seguinte. O percurso, que não é demarcado sugere a imprevisibilidade daquilo que está por vir e dos riscos, fazendo valer a autonomia dos atletas para escolherem a melhor rota e melhor estratégia, uma noção de liberdade que só é restringida pelos PCs e ATs espalhados pelo percurso.

Fica a cargo do organizador da prova inserir outras modalidades, o que geralmente acontece, pois assim valoriza-se a cultura local, com exemplo, no Canadá, ao invés de utilizar caiaques na modalidade de canoagem, utilizam-se as canoas canadenses.

Said Aiach Neto, o organizador da maior corrida da América Latina chamada Ecomotion, em uma entrevista realizada em 2001, aborda as corridas de aventura sendo composta por algumas variáveis, além da força física:

É que você tem de lidar com as perninhas desse polvo. Aprender a se relacionar intimamente com sua equipe, administrar os pontos fracos e não as virtudes dos colegas. Isso é bárbaro! Você traz esse aprendizado para a vida pessoal [...] é uma corrida multieportiva que não envolve só força física, mas sim planejamento, estratégia, raciocínio, relação humana, solidariedade, respeito pelo meio ambiente e tantos outros fatores que são importantes na construção e desenvolvimento do caráter de pessoas. (DEGANI, 2001).

Podemos observar na fala de Neto a ênfase em variáveis que vão, de certa forma, além daquelas exigidas nas modalidades esportivas “clássicas”, priorizando capacidades mentais e psicológicas. Como exemplo de algumas das capacidades mentais, temos: planejamento, logística e estratégia para a realização de todos os dias da prova – quantidade de comida, o que comer e quando comer, quando deve e não deve forçar o ritmo etc. – inclusive o aspecto cognitivo utilizado para a execução das modalidades que a compõem.

Como exemplo de algumas das capacidades psicológicas, temos: suportar a dor (tanto de ferimentos como a dor do extremo esforço necessário), manter-se concentrado (ao longo de vários dias), suportar/superar o sono, se relacionar minimamente bem com os demais da equipe, lidar com as emoções suas e com as dos outros da equipe, dentre outras.

Podemos perceber que algumas de suas características estão associadas à modernidade tardia/sociedade de risco, como por exemplo: ser uma corrida contra o tempo numa exaustiva marcha adiante, deixando, inclusive, de dormir (denegrindo a saúde), uma experiência intensa, proporciona riscos e os mais diversos obstáculos, são várias modalidades (homem polivalente), explorar/superar novos limites seja físico, mental ou emocional, busca pelo resultado, obriga a trabalhar em equipe (superar as dificuldades), necessita de planejamento estratégico (exacerbação cognitiva), tomar decisões rapidamente e sobre pressão, estar aberto a redecisões (flexibilidade), lidar com poucos recursos de água, comida, dentre outros inúmeros fatores e, como se não bastasse, somente satisfazer estas exigências se torna pouco, pois é necessário superar os próprios limites e, acima de tudo, ser melhor que os demais (competitividade/capitalismo).

Estes valores orientam as regras, são valores contemporâneos que sócio-históricamente permeiam todas as práticas, inclusive as práticas esportivas, mas principalmente as que se originaram no contexto contemporâneo, como observa o organizador de corridas de aventura, Said A. Neto “o sucesso das corridas de aventura

vem disso, tem uma relação com temas contemporâneos, que são palco de discussão do homem moderno. Esse é o grande atributo das corridas de aventura” (NETO, 2009).

Os atletas devem ser poli-valentes, ou seja, ter habilidades em diversas modalidades, dominar e entender sobre os equipamentos envolvidos nas modalidades – como, por exemplo, o funcionamento e conserto das bicicletas –, ter conhecimento de primeiros socorros e saber utilizar os equipamentos de segurança. Devem ter disposição para longos períodos de esforço contínuo, disposição para ingerir poucos alimentos comida e quantidade de calorias necessárias durante o esforço contínuo, disposição para ficar vários dias sem dormir, disposição psicológica para suportar o estresse físico e emocional durante toda a prova e principalmente nos obstáculos críticos que ocorrem durante a prova, suportar o estresse de estar sob temperaturas altas, disposição de manter um relacionamento saudável com os companheiros de equipe, dentre outras – são disposições diferentes daquelas encontradas em outras modalidades esportivas.

Essas disposições que os atletas devem ter não se referem somente a si mesmo, mas se refere a todos da equipe, segundo as regras, os integrantes da equipe devem permanecer juntos durante toda a prova, pois, a corrida de aventura não é uma modalidade individual. Podemos dizer que em equipe os riscos são superados com menos dificuldade.

As dificuldades impostas pelo relacionamento obrigatório da equipe podem ser benéficas, como nos mostra Fonseca (2004), ao entrevistar Said A. Neto e abordar as corridas de aventura:

E é por atuar em equipe, segundo Said, que emergem as melhores lições do esporte: aprender a respeitar as pessoas e a aceitar suas deficiências. “Minha vida mudou”, diz ele. Mudou mesmo. De acordo com Said, depois que começou a se envolver com estas competições, nada mais foi problema em sua vida. (FONSECA, 2004).

Spink (2007, p.1) também captou o essencial para a realização das corridas de aventura, “Antes de mais nada, o espírito de equipe. O apoio mútuo é condição básica para a sobrevivência, mas é, também, um aspecto central da filosofia de base dessa modalidade de esporte [...]”. A equipe assume uma importância impar para a sua realização, mas somente estar em equipe não basta é necessário coordenar seus esforços, ter a cooperação dos membros, todos estarem comprometidos com os objetivos, todos contribuírem para um clima grupal positivo e produtivo, ou seja, é necessário a coesão grupal. Através de Spink (2007, p.1) temos acesso às idéias de Mark Burnett (organizador da *Eco-Challenge*), “[...] só ninguém sobrevive às agruras da natureza”.

3 - O trabalho em equipe no contexto dos esportes de aventura

3.1 - Situando a noção de grupos

Um dos primeiros autores a perceber a importância de se estudar os grupos foi Gustav Le Bon. Em, *Psicologia das massas*, publicada em 1895, buscou teorizar sobre o que leva as pessoas, quando no meio de uma multidão, a fazerem coisas que sozinhas não fariam. Observou ele que as pessoas perdem suas inibições, seus padrões morais e tornam-se altamente emotivas, seguindo o poder de sugestão da multidão. Freud também discorreu sobre os grupos e seguiu pelo mesmo caminho de Le Bon em seu livro *Psicologia dos Grupos e Análise do Ego* (1921). Ambos os autores focalizaram “massas”, “multidões” e “coletividades” como algo mais geral do que a dinâmica de funcionamento do grupo pequeno. Esse aspecto passou a ser foco da Psicologia na primeira metade do século XX.

Rose (2008, p.161), discorrendo sobre o desenvolvimento da Psicologia Social, afirma,

Nos anos 30, pode-se observar uma mudança de um foco no trabalhador individual, e em sua adaptação ou não adaptação (...) para as relações coletivas do grupo de trabalho. Os mais famosos estudos foram os de Elton Mayo, Hawthorne works of the Western Electric Company, entre 1923 e 1932.

Esses estudos focalizavam as relações humanas na empresa, o grupo formal, os agrupamentos informais e suas relações subjetivas internas, ao invés dos aspectos individuais, até então tidos como centrais na psicologia. O autor, ao longo de seu artigo explana que as interações humanas, sentimentos e pensamentos que emergem no grupo passaram a ser utilizadas como um novo meio para administrar as pessoas sendo que antes era somente no plano individual.

Com o passar do tempo, as pesquisas sobre grupos começaram a distinguir os grandes e pequenos. Os grandes grupos incluem as massas, multidões e até as sociedades; já os pequenos, podem ser a família, empresas e grupo esportivo, dentre outros.

Segundo afirmação de Carron et. Al. (2004), foi Kurt Lewin, em 1935, que introduziu o termo *Dinâmica de Grupo* para nomear o estudo dos pequenos grupos e teorizar sobre a energia, vitalidade e atividades características de todos os grupos em relação a dois processos fundamentais. O primeiro foi rotulado de coesão, e se refere às

atividades relacionadas com o desenvolvimento e manutenção do grupo. O outro, chamado de locomoção, refere-se às atividades relacionadas com a realização dos objetivos do grupo. Sem o desenvolvimento e manutenção do grupo a locomoção não pode ocorrer.

De forma sintética, um grupo é constituído por duas ou mais pessoas reunidas para um determinado fim. Porém, para autores como Zimmerman (1997, p.28) o grupo é algo mais do que a soma das pessoas nele reunidas,

ressaltando que este não é apenas uma somatória de indivíduos, mas uma nova entidade, com leis, mecanismos próprios e específicos; que é unidade que se comporta como uma totalidade, modo que, tão importante quanto o fato dele se organizar a serviço de seus membros, é também a reciprocidade disso; que apesar de formar uma nova entidade, com sua identidade grupal própria, é também indispensável que fiquem preservadas, as identidades específicas de cada um dos componentes do grupo; e que coexistem duas forças contraditórias permanentemente em jogo, são elas: uma tendência à sua coesão, ou à sua desintegração; e finalmente que existe sempre uma hierárquica distribuição de posição de papéis, de diferentes modalidades. Desta forma, a formação de um grupo transcende a somatória de pessoas.

Ao transcender à somatória de pessoas ou ao mero agrupamento delas, o grupo estabelece a sua dinâmica. Cartwright e Zander (1975) definiram dinâmica de grupo como um campo de pesquisa dedicado ao conhecimento da natureza dos grupos, das leis de seu desenvolvimento e das inter-relações entre os indivíduos, e destes com outros grupos e instituições mais amplas.

Lewin (1948, p.100) afirma: “A essência de um grupo não é a semelhança, ou a diferença entre seus membros, mas a sua interdependência”. A maneira como os membros dependem uns dos outros e como se estabelecem essas relações de dependência são os fatores principais para o grupo atingir seus objetivos. Portanto, entender como se dá a interdependência entre os membros pode ajudar na compreensão da dinâmica do grupo.

Robbins (2002), um dos seguidores de Lewin, aponta seis motivos que levam as pessoas a se reunirem em grupos: 1) por segurança, reduzindo o sentimento de solidão; 2) por status, pois ser incluído no grupo traz status para os membros do próprio grupo e os de outros grupos; 3) por auto-estima, pois o grupo pode aumentar a sensação de valor próprio; 4) por associação, as pessoas do grupo reforçam as relações sociais e as interações tendem a ser prazerosas; 5) por questões de poder, pois em grupo pode-se atingir resultados que sozinho não se alcança; e 6) pelo alcance de metas, pois há ocasiões em que é preciso mais de uma pessoa para que o resultado seja otimizado.

Sendo assim, o grupo é um meio no qual a pessoa pode se realizar, satisfazendo suas necessidades e desejos e ao mesmo tempo beneficiando o grupo com sua presença, em uma interdependência constante.

Nessa interação proporcionada pela interdependência entre os membros do grupo, a pessoa forma a sua identidade, pois coloca no social o que está no psíquico e no psíquico o que está no social; dito de outra forma, a dinâmica interna se atualiza na dinâmica externa, e o inverso também é verdadeiro, tendo assim o grupo “responsabilidade” por seus membros. Segundo Lewin (1948), o grupo é a base para o desenvolvimento biológico-psíquico-social-cultural. Desta forma, justifica-se a utilização dos grupos na educação e reeducação das pessoas, em projetos sociais, ou mesmo em instituições, tornando os grupos um meio terapêutico eficiente.

Sobre as relações entre as pessoas, Whyte (2005, p.262) afirma que “a estrutura grupal é um produto dessas interações”; a maneira como as pessoas se organizam e se percebem mutuamente é que fornecerá elementos da estrutura e dinâmica do grupo. Em sua pesquisa, constatou uma relação entre a estrutura grupal e o desempenho individual (e vice-versa), observada, por exemplo, nos jogos de boliche. Assim, aqueles que possuíam melhor desempenho nos jogos tinham as melhores posições sociais. Afirma, também, que se pode perceber essa relação em diferentes atividades do grupo, como no beisebol e na interação com um grupo de garotas.

Whyte (2005) propõe uma tríplice conexão entre seus achados, ao realizar a sua pesquisa em uma área urbana pobre e degradada, mais especificamente no distrito North End em Boston, no período de 1936-1940, encontrando nos jovens e seus agrupamentos (gangues de esquina) indícios de organizações hierárquicas. Seu contato para realizar a pesquisa se chamava Doc, um jovem que ocupava a posição de liderança de seu grupo, sendo um personagem central tanto pelas informações quanto pelas oportunidades que proporcionava ao autor. Outra figura importante era Long John, que mantinha uma relação de proximidade com Doc, porém não era subordinado e não liderava os demais do grupo. Ambos foram importantes para os achados do autor:

Nos meses anteriores, eu havia topado com a relação entre posição no grupo e desempenho nas pistas de boliche. Agora via a conexão tríplice entre posição no grupo, desempenho e saúde mental. E não apenas no caso de Long John. Os episódios de ansiedade e confusão mental de Doc pareciam ter exatamente a mesma explicação. (WHYTE, 2005, p. 324).

Dessa forma, quando a estrutura ou dinâmica grupal se modifica pode gerar problemas de saúde mental. No caso de Doc, quando perdeu sua posição de liderança e

tornou-se incapaz de originar ações em eventos-grupo, começou a ter ataques de ansiedade e confusão mental. No caso de Long John, uma mudança na relação com os líderes, os seus principais interlocutores, fez com que tivesse pesadelos frequentes e medo de morrer; tornou-se inseguro, o que refletiu em seu desempenho no jogo de boliche que piorou e na sua posição dentro do grupo que tinha decrescido. Mas essa situação foi revertida quando voltou a interagir com seus principais interlocutores, deixando de ter pesadelos e medo de morrer. Voltando a se sentir confiante como antes, sua performance no jogo de boliche e sua posição social no grupo melhoraram.

A maneira como as interações grupais são estruturadas criam disposições para que seus integrantes venham a interagir de determinada forma, sendo que os próprios membros estimulam e cobram para que o integrante venha a agir de acordo com a sua posição na estrutura grupal. Caso a posição seja alterada, as disposições devem ser revistas, uma vez que a pessoa não tenha flexibilidade para acompanhar as alterações, poderá sofrer consequências que influenciaram em sua saúde mental.

Pérez (1997), sugere que há três esquemas de teorizações sobre os pequenos grupos: sistêmico-dialético, sistêmico-harmônico e centrado no indivíduo. Os pressupostos do *esquema sistêmico-dialético* são: contradição e conflito como base do sistema - o grupo é maior que a somatória dos indivíduos que o compõem -, os indivíduos se relacionam a partir de suas contradições e estão em “permanente” conflito. A contradição e o conflito são inerentes ao grupo. Esse esquema tem por base as teorias dialéticas marxistas e psicanalíticas mais sociológicas; sua tendência é radical sócio-histórica e tem como expoentes Jean Paul Sartre, George Lapassade e Max Pagés.

Os pressupostos do *esquema sistêmico-harmônico* são: o equilíbrio como base do sistema, o grupo é maior que a somatória dos indivíduos que o compõem, os indivíduos se relacionam buscando sempre a harmonia do sistema, a contradição e o conflito devem ser resolvidos para manter o equilíbrio do sistema. Tem por base teórica a Teoria Geral de Sistemas, Psicologia da Gestalt e modelos da Física. Sua tendência é pluralista, orientada para o equilíbrio e harmonia social, e tem como principais expoentes Kurt Lewin e Edgar Shein.

Os pressupostos do *esquema centrado no indivíduo* são: o indivíduo como base para explicação do grupo, o grupo é a somatória de seus participantes, é um conjunto definido a partir do seus elementos, agregacionista, a contradição e o conflito dependem de fatores meramente individuais, interacionais ou motivacionais. Tem por base teórica os modelos “pragmatistas” comportamentais, que responsabilizam o indivíduo. Sua

tendência é reducionista e objetivista, de orientação imediatista e tem como principais expoentes Robert F. Bales e Dorwin Cartwright.

Estes três esquemas nos ajudam a verificar quais são as orientações que as teorias sobre grupos seguem. Contudo, o próprio Pérez adverte que alguns autores transitam entre estes esquemas; uns até iniciam suas teorizações em um esquema e mais tarde seguem por outro.

Essas referências nos servem de base para pensar o grupo. Desta forma, definimos grupo como três ou mais pessoas que dependem umas das outras, ou seja, há uma interdependência para atingir o resultado, metas e objetivos que, por sua vez, são os motivos da existência do grupo. Diferente da proposta de Pérez (1997) e das posições principais da Sociologia, nessa definição o foco, não está no equilíbrio, no conflito ou na pessoa; esta sim nas relações.

Nas perspectivas construcionistas (que detalharemos no capítulo 4.2), os grupos são construções sociais. Em consonância ao pensamento de Berger e Luckmann (1974), poderíamos dizer que dentro dos contornos do grupo é construída uma “realidade”, singular. Uma “realidade” que, ao ser vista por pessoas externas ao grupo, pode parecer incoerente uma vez, que os integrantes atribuem os sentidos que foram construídos entre si, em determinado momento, levando em conta as especificidades de cada um e do contexto de interação. Nos referimos aqui as questões internas do grupo que fora desse contexto não possuem mesmo sentido.

O grupo se torna algo que os integrantes fazem junto; são relações, mediadas pela linguagem, voltadas para um determinado fim. A linguagem é o meio pelo qual os integrantes se relacionam, constroem o grupo e a si mesmos; através dela se negocia, impõe, discorda, acorda os sentidos comuns para o grupo.

Poderíamos dizer que quando os integrantes não atribuem sentidos às interações e não agem em conjunto, não formam um grupo, sendo somente um aglomerado de pessoas. Para que venham atribuir sentidos de modo a agir coletivamente é necessário ter clara a finalidade para qual o grupo existe e conseqüentemente quais são suas metas e objetivos.

3.2 - Sobre os grupos esportivos

De forma a definir grupos esportivos, Rubio (2003) distingue entre grupos primários e secundários. Os primários envolvem as relações parentais e os secundários, as relações fora do círculo familiar. Os grupos esportivos são secundários: seus membros perseguem objetivos comuns, compartilhando um determinado número de valores que leva à produção de normas, com os comportamentos específicos que o caracterizam.

Chappuis y Thomas (1989) definem os grupos esportivos como um conjunto dinâmico que se distingue pela originalidade em suas estruturas funcionais e complexidade de suas estruturas emocionais. As estruturas funcionais estão ligadas à esfera objetiva, e as estruturas emocionais à esfera subjetiva. Diferem dos outros grupos sociais pela dinâmica peculiar que cada modalidade esportiva imprime.

A estrutura funcional (ou técnica) é definida pelas tarefas e funções formalmente distribuídas aos membros do grupo. A estrutura emocional (ou afetiva) é composta pelas emoções e sentimentos de atração e repulsa de cada membro em relação aos demais. Essas estruturas se influenciam mutuamente, sendo que a adequação entre elas pode ser um fator que contribua para o sucesso do grupo. (CHAPPUIS; THOMAS, 1989).

Trninic; Papic & Dimec (2008) propõem que há um esquema de oscilação durante o desenvolvimento do grupo esportivo (ilustrado na figura 1), que contempla cinco fases: formação, agitação (tormenta), normalização, performance/desempenho e encerramento/adiamento. Na fase de *formação*, os membros estão se familiarizando. É um período marcado por uma grande incerteza; os integrantes testam as relações com os outros membros, e é necessário um acordo comum. Nesta fase, são definidas as tarefas dentro do grupo.

A segunda fase é caracterizada pela *agitação* ou tormenta. Os papéis e funções são definidos e clarificados, as tensões e conflitos emergem quando os membros assumirem uma posição ou papel e os líderes revelam antagonismos e preferências. Na fase três, a da *normalização*, há clareza dos papéis, o respeito mútuo entre os membros e a coesão são reforçados. Os membros se comunicam mais abertamente e aumenta o esforço coletivo para atingir a meta. Na quarta fase, da *performance/desempenho*, jogadores e técnicos se concentram nas metas específicas da equipe. Os membros são capazes de reconhecer diversas situações sem a intervenção dos líderes e os papéis são

amplamente aceitos. Há uma sinergia entre os integrantes do grupo. A quinta fase, de *encerramento/adiamento*, é caracterizada pela mudança de objetivos dos membros e dissolução do grupo, planejada ou espontânea. Geralmente o grupo percorre essas cinco fases, porém, o tempo gasto em cada uma delas varia de grupo para grupo.

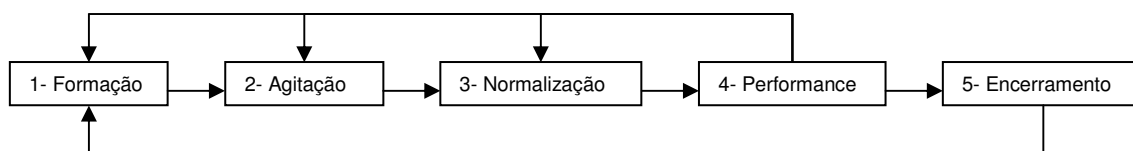


Figura 1 – Esquema do modelo de oscilação de duração ou desenvolvimento do grupo esportivo. Extraído de Trninic, Papic & Dimec (2008, p.89).

Para os referidos autores, os grupos podem seguir linearmente essa sequência, mas essa pode também oscilar, contribuindo ou não para coesão grupal (e vice-versa). Os grupos esportivos são frequentemente reformulados e reestruturados, alterando a sequência.

O estudo dos pequenos grupos se faz importante para entender os grupos esportivos, porém algumas peculiaridades devem ser levadas em conta. Para Becker Jr. (2000), os grupos esportivos diferem dos demais, por necessitar de uma “identidade coletiva” que os diferencie. Para isso, são utilizados uniformes, cânticos, rituais especiais ou privilégios particulares. E, ainda, a atividade praticada atribui características específicas à dinâmica do grupo.

Outra peculiaridade dos grupos esportivos é a interdependência e interação necessárias, que neles se tornam obrigatórias. Essa obrigatoriedade pode ser maior ou menor de acordo com a modalidade esportiva, por exemplo, na natação individual e em um time de basquete. Quanto maior for o número de pessoas para se atingir o objetivo proposto pela modalidade, maior será a necessidade de interação, obrigatoriedade que se dá através dos constantes treinos e jogos/provas, concentrações em alojamentos conjuntos e deslocamentos para competições. Assim, além de ser obrigatória a interação passa a ser recorrente. Se a coordenação dessas interações não for bem feita, a obrigatoriedade de permanecer juntos pode ser prejudicial.

O esporte, por si mesmo, também imprime características aos grupos. Elias e Dunning (1992, p.282) discorrem sobre a excitação, que também podemos chamar de competição: “uma característica fundamental não só do futebol, mas praticamente de

todos os jogos-desporto é que se constitui um tipo de dinâmica de grupo que é originado por tensões controladas entre pelo menos, dois subgrupos”. Afirmando, ainda, que a tensão e a cooperação são fenômenos interdependentes e específicos de cada modalidade esportiva. Nas corridas de aventura, basicamente a tensão decorre da necessidade de fazer o percurso no menor tempo, do cansaço físico e psicológico e da relação entre os membros da equipe.

As corridas de aventura são feitas em grupo/equipe de 4 atletas como determinam as regras. Vale informar que as primeiras corridas organizadas nessa modalidade foram feitas com equipes de 5 atletas e um do sexo oposto. Foi o jornalista francês, Gérard Fusil que organizou as primeiras corridas. Como não encontramos nenhum documento de domínio público que explicitasse o motivo de ser praticada em equipes de 4 atletas e de ter uma pessoa do sexo oposto, desta forma, enviamos um e-mail para a consultoria⁵ que Fusil coordena e atenciosamente ele nos respondeu.

Fusil esclarece que quando criou a primeira *Raid Gauloises*, pensou em organizar algo em equipe para atravessar áreas difíceis, sendo que a equipe contribui para a segurança dos atletas e aumenta a eficiência, com a adição de talentos. Diferentemente do que foi proposto por Romanini e Umeda (2002), Fusil afirma que essa idéia de competição surgiu com práticas antigas dos aborígenes Alakaluf, quando as pessoas atravessavam a “Terra del Fuego” para tentar escapar dos soldados hispanos. Eram formados grupos pequenos que somente seguiam andando e utilizando canoas baleeiras para atravessar lugares inóspitos.

Não nos ateremos sobre a veracidade dessas informações; o que queremos ressaltar é a idéia de segurança, de risco amenizado pela atuação em equipe para atravessar áreas difíceis e inóspitas.

Sobre a primeira corrida ter incluído 5 atletas na equipe, Fusil relata que em número ímpar é mais fácil promover decisões democráticas e que se houvesse um número maior de pessoas nas equipes, seria difícil organizar as provas. Conta, ainda, que foi na *Elf Authentic Adventure*, que passou-se a incluir apenas 4 atletas em cada equipe, por causa dos caiaques duplos e dos cavalos utilizados na prova, facilitando a logística.

⁵ O nome da consultoria é GFC - Gérard Fusil Consultants, localizada em Botergollec, 56 400 Brech, França. Na internet encontra-se em <http://www.authentiqueaventure.com>, e-mail para contato: gfusilcy@aol.com

Sobre a obrigatoriedade de ter uma pessoa do sexo oposto, tratava-se de garantir a presença de mulheres na competição e, também, pelo comportamento mais civilizado dos homens quando há uma mulher presente. Afirma que a experiência provou o quão importante é a presença feminina que contribui com sua energia e determinação, sendo que a motivação das mulheres é excelente. Além do que elas não participam para provar nada à ninguém; participam simplesmente porque gostam de praticar as corridas de aventura. Talvez poderíamos relacionar este aspecto “civilizado” apontado por Fusil com o processo de civilização de Elias e Dunning (1992).

A maioria das modalidades esportivas exige a presença de um técnico para coordenar as tensões intragrupo e do grupo com os demais grupos. Não só o técnico, mas também de outras pessoas que contribuem para o rendimento do grupo, tais como: preparador físico; psicólogo; nutricionista e outras que fazem parte da comissão técnica. Porém, é o técnico quem coordena e lidera os membros da comissão técnica e os atletas, daí sua importância. Poderíamos chamar de liderança externa a função que o técnico desenvolve, e de liderança interna aquela desenvolvida por um membro do grupo, que geralmente se torna o capitão.

No caso das corridas de aventura, a interação principal se dá entre os quatro integrantes e, também, entre estes e a equipe de apoio. Técnico, nutricionista e outros que auxiliam na preparação têm sua importância; porém, como cada atleta tem o seu técnico – e às vezes um técnico para cada modalidade – e na corrida participam somente os 4 atletas e a equipe de apoio, os demais se tornam secundários.

A equipe de apoio, geralmente é formada por 3 pessoas, sendo uma responsável pela alimentação, outra pelas bicicletas e outra pelos demais equipamentos utilizados durante a prova. A equipe de apoio fornece o suporte necessário aos atletas nas áreas de transição (ATs), quando trocam de modalidade. Por exemplo, quando chegam da modalidade remo, trocam de roupa, se alimentam, recarregam as mochilas com alimentos e água, com as *bikes* já montadas e ajustadas e saem pedalando. A equipe de apoio prepara toda a logística, equipamentos e alimentação para os atletas durante a corrida. Há uma restrição para o contato entre a equipe e a equipe de apoio, sendo que esta não pode acompanhar os atletas durante a prova, ficando limitada somente aos postos de controle e ATs determinados pela organização. A interação entre os atletas e a equipe de apoio, se for bem utilizada, pode fazer a diferença na hora da corrida.

O principal papel dentro de uma equipe de corrida de aventura é desempenhado pelo capitão. Geralmente é ele quem toma as decisões ou quem apresenta a palavra

final. Cabe aos demais aceitarem, mas, como aceitam ou como o capitão impõe, faz a diferença.

O tempo de existência da equipe de corrida de aventura é variável e, geralmente, as equipes definem quais os atletas que vão participar de cada prova. As grandes equipes que possuem patrocínios e/ou apoio financeiro, geralmente possuem entre cinco e oito atletas que se revezam e montam a equipe especificamente para cada prova - as dificuldades da prova a ser corrida determinam qual será a formação da equipe. Geralmente, têm-se dois ou três atletas “fixos” e os outros revezam, pois há dificuldades como: lesões, não estarem treinando adequadamente e seus trabalhos não permitem o tempo necessário para treinar ou para as provas.

Com relação aos atletas brasileiros, de acordo com Said A. Neto, que em uma conversa durante o campeonato mundial afirmou que atualmente só uma equipe de Brasília se mantém correndo aventura, ou seja, no Brasil somente uma equipe tem as corridas de aventura como profissão e sustento, as demais possuem patrocínio, porém, não é suficiente para arcar com todas as despesas de treinos, equipamentos, inscrição de prova e deslocamento da equipe mais equipe de apoio até o local da prova. Afirma, também, que além de treinar o atleta tem de ter uma profissão que lhe sustente, diferente de outros países em que os atletas são pagos para treinar o dia todo e essa é a sua profissão.

As corridas de aventura possuem uma particularidade que os demais esportes em grupo não possuem: o grupo de 4 atletas, segundo as regras, deve largar e percorrer toda a prova, em média 500km, juntos – não podem se separar por mais de 100 metros de distância – e todos devem atravessar a linha de chegada. Com isso, “a corrida de aventura envolve esforços que exigem elevado sistema de interdependência (ou seja, os membros da equipe devem ser altamente coordenados e harmonizados nos seus esforços com os outros membros da equipe para atingirem seus objetivos” (EDMONDS et. al. 2009, p. 166).

Caso algum membro do grupo venha a se machucar, não poderá ser substituído, diferentemente da maioria dos esportes em grupo, como por exemplo, no futebol. Nas corridas de aventura não existe o (atleta) reserva. Portanto, quando algum membro se machuca, o grupo deve tomar a decisão de desistir da competição ou de carregar o membro até à linha de chegada. Por isso, cada membro deve ser preservado e auxiliado pelos demais. Se algum deles se machucar, se esgotar fisicamente e/ou psicologicamente pode ser o fim antecipado da competição, “porque a corrida de

aventura é um esporte extremamente árduo, os corredores devem apoiar um aos outros quando as exigências da corrida começar a desgastar as capacidades físicas e mentais do seu companheiro” (EDMONDS et al. 2009, p. 167). Em suma, a interação é obrigatória e necessária; os integrantes convivem intensamente, sem dormir, buscando atingir a sua meta por cerca de 100 a 120 horas.

Tendo em vista à longa distância percorrida – as maiores percorridas em desafios físicos sem o auxílio de veículos motorizados – pelos 4 atletas, podemos entender que a exaustão, seja física ou psicológica, pode ocorrer. Dessa forma, temos uma variável a ser administrada que não se encontra na maioria das outras modalidades. Cabe ao capitão, gerir 4 possíveis exaustões, pois cada atleta poderá se sentir esgotado em momentos diferentes. Forçar um ritmo mais rápido em determinado momento pode levar à exaustão, logo em seguida ou após um tempo, comprometendo a prova.

Estas e outras peculiaridades reforçam o interesse nas relações interpessoais de uma equipe corredora de aventura.

3.3 Sobre a coesão grupal esportiva

Além das dificuldades e desafios individuais para cada membro, um grupo de corrida de aventura, depende dos membros unidos para atravessar a linha de chegada. Porém, da largada até a chegada há um longo caminho e manter-se unido pode ser uma difícil tarefa e, paradoxalmente, é o grupo que fornece o suporte para superar as dificuldades, “para enfrentar estas dificuldades e desafios, e ver até aonde conseguem aguentar, por suas características e limitações, só consegue enfrentá-los em equipe.” (BORGES, 2007, p.140).

Como o grupo se mantém e seu desenvolvimento são processos que, segundo Lewin (1948), levam o nome de *coesão* e devem ser levados em conta para que o grupo atinja seus objetivos (locomoção). Desta forma, sua importância está diretamente atrelada aos resultados esperados pelo grupo.

Carron e Brawley (2000, p.89) afirmam que “historicamente, a coesão foi considerada a variável mais importante dos pequenos grupos”. Sua relevância é destacada também por Figueiredo (2000), que a considera como um dos fatores que interferem no desenvolvimento do atleta de alto nível, somando-se à atenção, concentração, motivação e emoções.

No livro, *O pequeno grupo social*, Olmsted (1970, p.137) define a coesão como: “o campo total de forças que atuam sobre os membros para permanecerem no grupo”. Dessa forma, várias forças, motivos e necessidades fazem com que a pessoa não procure por outro grupo ou passe a agir individualmente.

Cartwright e Zander (1975, p.87), com base em diversos estudos sobre coesão grupal, consideram que esta inclui 3 sentidos: atração do grupo, que inclui a resistência para afastar-se dele; motivação dos membros para participar em suas atividades e coordenação dos esforços dos participantes. Porém, os autores destacam que “é muito improvável que se consiga construir um único conceito que contenha, adequadamente, os três sentidos. Propomos limitar o conceito de coesão, a fim de que se refira ao fenômeno de atração do grupo”.

Compartilhando dessa perspectiva, Tekleab et al. (2009, p.174) definem coesão como “um conjunto total de forças que mantém os membros do grupo juntos”. Afirmam, também, que coesão e conflito são partes inerentes à vida grupal, sendo o conflito um processo e a coesão é um estado emergente do grupo.

Rioux y Chappuis (1979) propõem o conceito de “significação da ação” que influencia a vontade de atuar juntos. A ação deve satisfazer as necessidades individuais e exigências coletivas, o que pressupõe o acesso normal dos atletas às responsabilidades e ao poder de decisão. Responsabilidade, poder de decisão, confiança e respeito são elementos fundamentais. Quando esses aspectos forem satisfeitos, segundo os autores, a coesão se converte em uma “comunhão de sentimentos”, fundamentada no respeito a cada pessoa. Um atleta aprende a ver a si mesmo como elemento necessário para a existência dos demais, e estes como indispensáveis para sua própria existência. Os autores não definem coesão mas propõem que é através de reestruturação das relações entre os membros que se pode propiciar o crescimento individual, gerando uma interação adequada e, como consequência, a coesão.

Em sua pesquisa sobre a relação entre atletas de voleibol, Rubio (1998, p.13) indica que “a coesão está fundamentada em três pilares: a cooperação, a confiança e o respeito”, voltados para a tarefa comum do grupo.

No artigo de Salo e Siebold (2008), encontramos a definição de coesão como uma capacidade grupal de suportar o estresse em grupo para atingir as metas, “Coesão é considerada como um conceito multidimensional sobre a idéia geral dos membros do grupo permanecerem juntos sob estresse e agindo coletivamente para atingir suas metas.” (SALO; SIEBOLD, 2008, p.2).

Como podemos perceber nas definições ilustradas, há uma dimensão subjetiva que torna difícil objetivar o que é coesão. Com base nesse ponto de vista, Carron (1982, p.124), define “coesão é um processo dinâmico que se reflete na tendência do grupo de permanecer junto e se manter unido na busca de seus objetivos e metas”. O autor, propõe futuras direções de pesquisa categorizando e desenvolvendo um sistema geral para a compreensão da coesão no esporte, que leva em conta os antecedentes, o tipo e os resultados da coesão. A figura 2 apresenta a proposta de Carron.

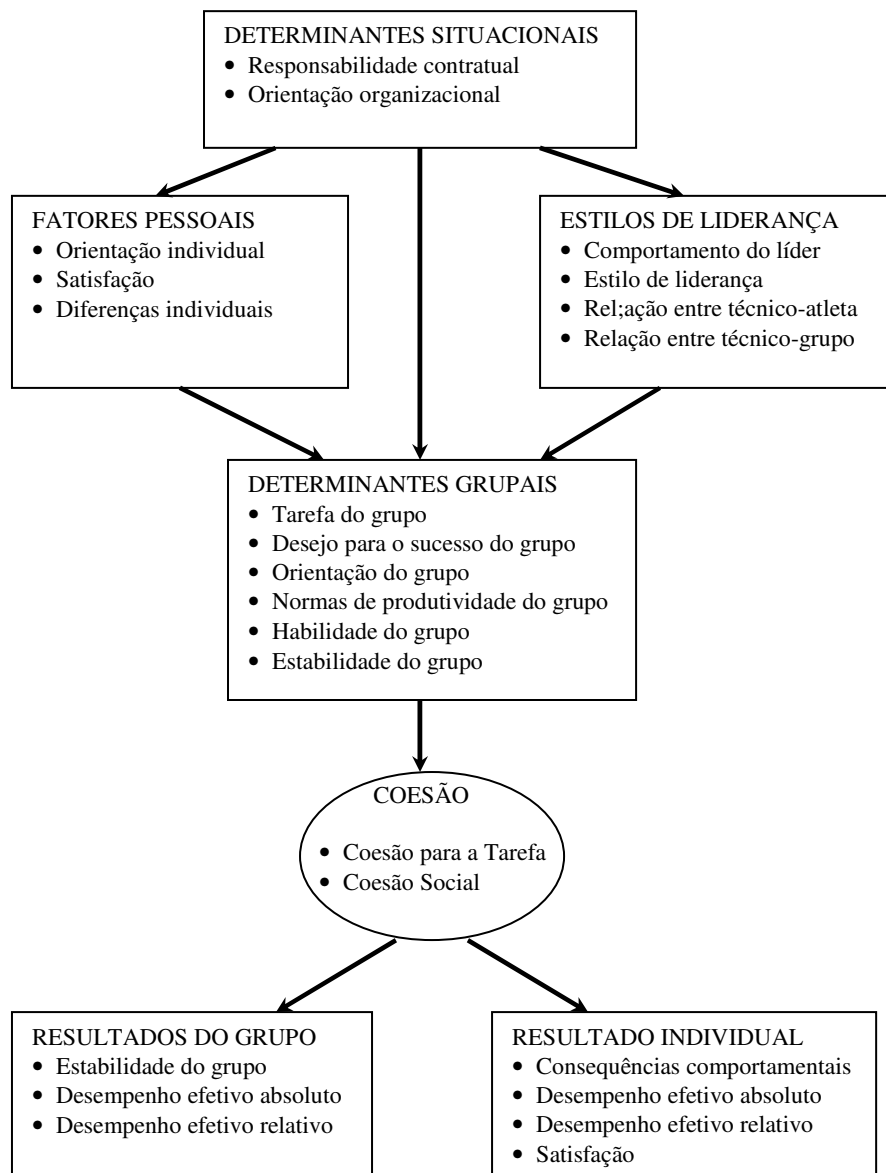


Figura 2 – Conceito de sistema geral para coesão nos grupos esportivos. Extraído de Carron (1982, p.131).

Como antecedente da coesão, temos quatro fatores: os determinantes situacionais, os fatores pessoais, os estilos de liderança, e os determinantes do grupo. A coesão pode ser voltada para a tarefa e/ou para o social. Os resultados da coesão podem ser grupais e/ou individuais.

Os *determinantes situacionais* se referem à dimensão imposta externamente pelo meio, como os contratos dos jogadores (o que as cláusulas permitem ou não fazer), renovações de contratos, atletas que jogam por bolsas de estudo, vitórias com remuneração extra, regras da modalidade, idade, local onde o time está inserido e a origem dos membros do grupo.

O segundo conjunto de mediadores engloba os *fatores pessoais* que se referem às características individuais dos membros do grupo: motivação para ser um membro do grupo; a orientação (ou motivação) para a tarefa, a motivação para afiliação; recompensas pessoais (motivação própria); a satisfação do membro do grupo; as diferenças individuais que variam também conforme o sexo, religião, raça, status sócio-econômico, e, ainda, se a pessoa é orientada para a tarefa ou para âmbito social.

A terceira influência para o desenvolvimento da coesão concerne aos *estilos de liderança*, que são influenciados pelo comportamento do líder e pelo estilo de liderança (autoritário, democrático, permissivo, informativo) propriamente dito. Essa dimensão inclui a dinâmica da relação entre técnico-atleta, e também técnico-grupo, acrescentando-se a isso a liderança pode ser externa, por meio do técnico e interna por meio do capitão da equipe. Os determinantes situacionais, fatores individuais e estilos de liderança contribuem para a categoria final mais específica: os determinantes grupais.

Os *determinantes grupais* são compostos por um importante constructo que é a orientação do grupo, a qual pode pautar-se por forças sociais e por forças de tarefa, sendo que os grupos diferem entre si pelo equilíbrio entre esses dois constructos. As normas de produtividade do grupo também influenciam a coesão e podem ser voltadas para a alta ou baixa produção. A estabilidade do grupo leva em conta o tempo de duração no qual a equipe está junta. O desejo de sucesso do grupo está baseado na orientação ou motivação para que consiga o sucesso. A tarefa do grupo se refere à natureza do que deve ser realizado pelo grupo e se há a necessidade da interação grupal. O autor afirma que a coesão é considerada essencial nas tarefas dependentes de interatividade.

A coesão, segundo Carron (1982), pode ser dividida em duas categorias: a social e aquela voltada para tarefa. A coesão relacionada à tarefa refere-se ao grau em que

membros do grupo trabalham juntos para alcançar metas e objetivos comuns; a social reflete a atração interpessoal entre membros do grupo. As duas formas de coesão aparecem simultaneamente em uma mesmo grupo, sendo que uma não exclui a outra. Pelo contrário, ambas são necessárias para o sucesso do grupo.

A coesão social está voltada para as relações e as suas mediações, ajudando a superar os conflitos internos para alcançar o sucesso. Segundo Weinberg & Gould (2001), coesão social é um conceito multidimensional e os autores identificam sete tipos baseados no apoio social: apoio pela escuta; apoio emocional; apoio emocionalmente desafiador; apoio de confirmação de realidade; apoio de reconhecimento de tarefa; apoio desafiador de tarefa; apoio pessoal.

No artigo de Carron et al. (2008) podemos ter acesso à nova versão da sua definição de coesão, atualizada em 1998 – que resiste aos ataques críticos de outros autores que não minaram ou apresentaram uma outra definição –, “coesão é um processo dinâmico que se reflete na tendência do grupo de permanecer junto e se manter unido na busca de seus objetivos e metas e/ou para a satisfação das necessidades afetivas de seus membros” (CARRON; BURKE; SHAPCOTT, 2008, p.109).

A definição proposta apenas reforça os aspectos afetivos que existem nos grupos e mantém os pressupostos que orientavam a definição anterior (um constructo dinâmico multidimensional – determinantes situacionais, fatores pessoais, fatores/estilos de liderança, e os determinantes do grupo). Inclusive a necessidade de distinguir entre o indivíduo e o grupo, e de distinguir entre a tarefa e relações sociais, com os quatro constructos: integração grupal - tarefa; integração grupal - social; individual atração para o grupo - tarefa; e, individual atração para o grupo – social.

A integração grupal representa a intimidade e a união dentro do grupo como. A atração individual pelo grupo representa as motivações que influenciam uma pessoa indivíduo a permanecer no grupo e concerne uma mescla de sentimentos individuais dos membros a respeito do grupo, seu envolvimento com seu papel e o envolvimento com os outros membros do grupo.

Essa definição, que reforça a coesão voltada para o social levando em conta os aspectos afetivos é amplamente utilizada na maioria dos estudos de coesão grupal esportiva contemporânea, como pode ser observado nos artigos: *Can High Group Cohesion Be Harmful? A case study of a junior ice-hockey team* (DUDA; ROVIO; ESKOLA; KOZUNB; LINTUNEM, 2009); *A longitudinal Study of team conflict, conflict management, cohesion, and team effectiveness* (TEKLEAB; QUIGLEY;

TESLUK, 2009); *Group cohesion and social support in exercise class: results from a Danish intervention study* (CHRISTENSEN; SCHMIDT; BUDTZ-JORGENSEN; AVLUND, 2006); *The Relationship Between Group Cohesion, Group Norms and Perceived Social Loafing in soccer team* (HOIGAARD; SAFVENBOM; TONNESSEN, 2006); *Concepts of developing Groups in sports games* (TRNINIC; PAPIC; DIMEC, 2000); *The measurement of cohesion in work teams* (CARLESS; PAOLA, 2000); *Cohesion and Performance in Sport: a meta analysis* (CARRON; STEVENS, 2002); *Cohesion: conceptual and measurement issues* (CARRON; BRAWLEY, 2000); *Team cohesion and individual productivity: the influence of the norm for productivity and the identifiability of and individual effort* (GAMMAGE, CARRON, ESTABROKKS, 2001), dentre outros.

Apresentamos algumas definições de coesão que nos servem como referência. Porém, em nossa pesquisa, iremos nos basear em estudos anteriores (MORETTI, 2003, 2005) que, por sua vez, são fundamentados nas idéias de Carron (1982) e em nossos fundamentos teóricos e epistemológicos. Constatamos, empiricamente, que a coesão grupal esportiva é voltada para a tarefa e para o social, em que uma depende da outra. Sugerimos que a coesão é composta por quatro dimensões: comunicação, orientação social, orientação para a tarefa e interação. As três primeiras, juntas, compõem, a dimensão necessária e central do conceito de coesão: a interação, como pode ser observado na figura 3.

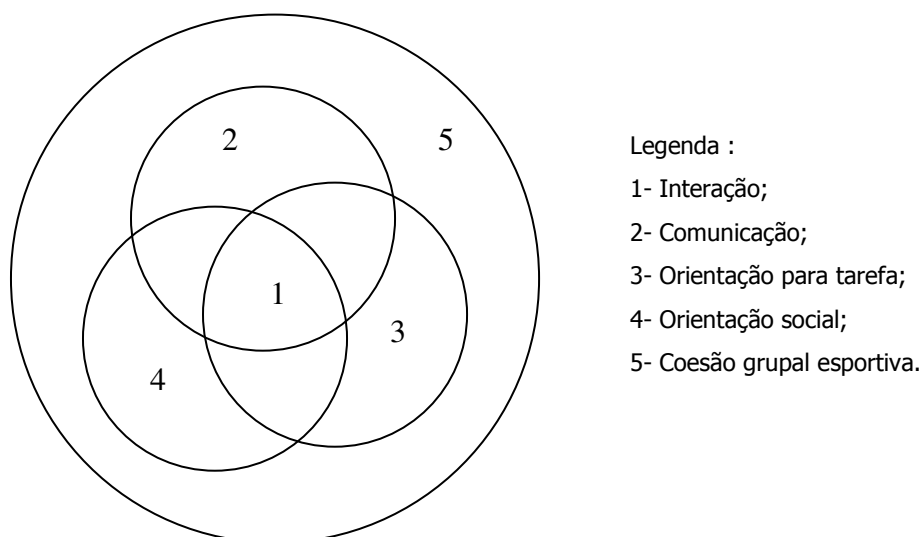


Figura 3 - Variáveis que compõem a coesão grupal no esporte. Extraído de Moretti (2005, p.46).

A orientação para tarefa e social são baseadas nos conceitos de Carron (1982); a dimensão comunicação compreende tanto comunicação verbal como a comunicação não verbal, que inclui o gestual, os olhares, a postura corporal, dentre outras possibilidades para um integrante se expressar (ou fazer-se entender). Por interação podemos entender que “ela é o ponto culminante das demais variáveis e através dela que as funções dos membros se efetivam.” (MORETTI, 2005, p.56). Sendo composta pelas outras 3 dimensões, a interação contribui nas funções de cada um dos integrantes e na interdependência do grupo para a busca dos resultados, metas e objetivos.

A interação se torna central, pois é por meio dela que os integrantes se mobilizam para os motivos de existência do grupo e, também, por meio dela que se administra os sentimentos e emoções gerados, justamente, pelas mobilizações para – ou pelas funções dos integrantes na busca dos – resultados, metas e objetivos. Os integrantes, ao realizarem suas funções através da interação, geram emoções e sentimentos que devem ser administradas pela própria interação. Paradoxalmente, poderíamos dizer que a interação cria e ao mesmo tempo resolve problemas entre os integrantes.

Essas dimensões são compostas pelos antecedentes da coesão, apresentados por Carron (1982): os determinantes situacionais, os fatores pessoais, os estilos de liderança, e os determinantes do grupo (vistos anteriormente).

Podemos definir coesão grupal esportiva como:

dinâmica e multidimensional, e um grupo coeso possui um clima para o desenvolvimento e a efetuação das capacidades individuais e grupais para a complementaridade funcional a fim de atingir as metas e objetivos do grupo, envolvidos por um profundo sentimento de igualdade e necessidade de interação, que resulta no equilíbrio entre a função de seus membros e a emoção gerada pela sua função. (MORETTI, 2005, p.48).

A base teórica e epistemológica desta pesquisa, as práticas discursivas analisadas no enquadre do construcionismo (aprofundadas mais adiante), nos permite pensar a dinamicidade que a coesão possui devido aos sentidos que são produzidos a cada momento, sobre tudo diante dos obstáculos vivenciados pelo grupo. Levando em conta como esses sentidos são produzidos a coesão pode vir a aumentar ou diminuir.

Associamos a linguagem, as práticas discursivas que constroem “realidades”, com a interação, dimensão central da coesão. É na interação que os integrantes constroem e atribuem sentidos ao grupo, a si mesmos, a como devem proceder, à

participação individual de cada um, aos resultados, metas e objetivos, dentre outros inúmeros sentidos que sustentam a “realidade” singular de cada grupo.

A interação se faz por meio da orientação para o social, da orientação para a tarefa e da comunicação para estabelecer diversos sentidos grupais que irão contribuir ou não para a coesão, porém se a interação entre os integrantes contribui para que sejam negociados um sentido comum, um sentido grupal, ao invés de sentidos isolados ou individuais, a coesão se faz presente.

A interação proporciona um emaranhado de sentidos sobre as múltiplas dimensões que compõem a coesão grupal e quando também proporciona a negociação dos sentidos, das emoções e sentimentos decorrentes desse emaranhado teremos um grupo que, por si só, dá conta das tensões surgidas ao longo de seu desenvolvimento.

4 - Procedimentos de pesquisa

4.1 - Objetivos

Objetivo geral:

O objetivo desta pesquisa é entender as relações estabelecidas entre os atletas de um grupo esportivo participante de corridas de aventura. Procura, por meio dos discursos dos atletas, acessar as formas de sociabilidade decorrentes da vivência dos obstáculos e riscos inerentes a esta modalidade esportiva, tendo como referência a coesão grupal.

Objetivos específicos:

- Entender como se configuram as relações entre os atletas corredores de aventura ao enfrentarem os obstáculos diversos (riscos, limites, proporcionados pela natureza, pelas regras da competição, pelo cansaço físico etc.);
- Verificar se as vivências de obstáculos diversos promovem (ou não) a coesão grupal, contribuindo para a superação de dificuldades individuais;
- Identificar as estratégias utilizadas pelo grupo para a superação dos obstáculos inerentes às corridas de aventura;
- Entender os sentidos de coesão grupal para os atletas participantes de corridas de aventura.

4.2 - Fundamentos teóricos e metodológicos

Os procedimentos adotados nesta pesquisa têm por fundamento epistemológico a perspectiva construcionista, e toma como base linguística a abordagem de práticas discursivas como linguagem em ação.

4.2.1 - Situando a perspectiva construcionista

A perspectiva construcionista é fundamentalmente uma teoria social do conhecimento. Trata-se, como afirma Gergen, do salto de uma epistemologia experimental para uma social (GERGEN, 1985, p. 268).

Existem diferentes formas de correntes de construcionismos. Compartilhamos da vertente que tem como seus principais expoentes: Kenneth J. Gergen, Tomás Ibáñez Garcia, Ian Hacking, Peter Berger e Thomas Luckmann, Lupicinio Íñigues, Peter Spink e Mary Jane Spink. Peter Berger e Thomas Luckmann merecem principal destaque por iniciar essa corrente na sociologia do conhecimento com a clássica obra *A Construção Social da Realidade*, publicada em 1966, que tem por foco os processos de construção e transformação social.

As posturas construcionistas buscam problematizar e desconstruir noções como objetividade, normalidade e naturalidade, que estão profundamente arraigadas em nossa cultura e sociedade. Em outras palavras, são posturas que partem da dúvida radical em relação ao que tomamos como “realidade”, seja nas ciências, seja na vida cotidiana e, portanto, atuam como uma crítica social. O “mundo” e sua compreensão são resultados de um empreendimento ativo, cooperativo, de pessoas em relação, o que implica uma comunicação concreto-real, a linguagem em ação. Desta linguagem em ação, que constrói “realidades”, decorem as negociações, conflitos e mediações que pontuam nossas interações cotidianas.

Segundo Gergen (1985), embora possuindo raízes epistemológicas remetidas às escolas de pensamento empirista (que tem o objeto como centro), racionalista (que tem a mente como centro), as posturas construcionistas, fazem com que se abandone o dualismo sujeito - objeto e ultrapasse o interacionismo, por agregar elementos históricos e culturais.

Se a realidade é socialmente construída, não há dicotomia entre sujeito e objeto: “na perspectiva construcionista tanto o objeto como o sujeito são construções sócio-históricas: o modo como acessamos a realidade institui os objetos que constituem a realidade. Dito de outra forma, a realidade não existe independente do nosso modo de acessá-la” (SPINK; MENEGON, 1999, p. 76). É por meio da linguagem que construímos a realidade.

Para Gergen (1985, p. 270-271):

O conhecimento não é algo que as pessoas possuem em algum lugar dentro da cabeça, mas sim algo que as pessoas fazem juntas. As linguagens são essencialmente atividades compartilhadas. (...) Com efeito podemos encerrar a investigação sobre a base psicológica da linguagem (cuja descrição constituiria nada mais do que um subtexto ou linguagem em miniatura) e nos focalizar no uso prático da linguagem nos assuntos humanos. (...) A mente (Coulter, 1979) torna-se uma forma de mito social; o conceito de si mesmo (Gergen, 1985) é removido da cabeça e localizado no interior da esfera do discurso social.

Nessa perspectiva, a linguagem tem papel central visto que é através dela que nos relacionamos e construímos os objetos, o mundo que nos cerca e nós mesmos. É com a linguagem que negociamos, conflitamos, impomos, discordamos, acordamos aquilo que acreditamos ser o mundo (idéias, opiniões, teorias, conceitos, valores etc.), com o outro, ou para o outro, como por exemplo na educação.

Como afirma Gergen (1985, p.266), “a pesquisa construcionista social ocupa-se principalmente de explicar os processos por meio dos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo (incluindo a si mesmos) em que vivem”. Ter por foco como as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo em que vivem é buscar os sentidos que as pessoas constroem. Procuramos nesta pesquisa através da linguagem em ação, como os atletas corredores de aventura descrevem sua equipe, a coesão grupal e a superação em equipe.

4.2.2 - A linguagem em ação: o giro linguístico

A linguagem é utilizada no dia-a-dia pelas pessoas comuns ou eruditas, nas empresas, nos textos acadêmicos, pelos atletas, pelas mídias, pelos juizes, pelos parlamentares, pelas leis etc.. Enfim, a linguagem está em ação nos diversos âmbitos sociais e em diversas áreas de nossa vida. Pode ser considerada um eixo transversal por meio do qual podemos entender como construímos nossos relacionamentos com os

acontecimentos, com os outros e conosco. Essa maneira de situar a linguagem é decorrência do “giro linguístico”, que “contribuiu para que fossem esboçados novos conceitos sobre a natureza do conhecimento, seja ele o do sentido comum ou científico” (IBÁÑEZ, 2005, p. 19).

Para melhor compreender o “giro linguístico” vamos contextualizar, a partir das idéias de Tomás Ibáñez Gracia (2005), o momento pelo qual a ciência estava atravessando. Por volta do século XVII, René Descartes contribuiu para que o olhar filosófico se voltasse para o interior de nosso mundo mental - *res cogitans* -, almejando idéias claras - e cartesianas - para focalizar o privado. Logicamente ao focalizar o mundo mental, temos do outro lado, ou fora, o mundo externo, instituindo uma clara dicotomia entre espaço interior e exterior (mente e mundo), entre sujeito e objeto. Esse foi o projeto da “Filosofia da Consciência”.

As idéias eram tidas como um reflexo do mundo; e o mundo por sua vez, alimentava as idéias. Nesse enquadre, a linguagem é meramente um instrumento para a expressão das idéias, visando traduzir e descrevê-las para acessar o mundo interior e principalmente o mundo exterior. Mas, em alguns casos, é tida como obscura por não conseguir exteriorizar as idéias do mundo interior dificultando a compreensão das mesmas.

O foco nas idéias, a dicotomia interior - exterior, ou mente - mundo, atravessam séculos como parâmetros filosóficos,

não é nada fácil deixar de lado dois séculos e meio de consenso filosófico.(...) questionar a primazia da “filosofia da consciência” e que, ainda hoje, temos serias dificuldades para livrar-nos de suas influências, indica, sem dúvida alguma, a magnitude da inovação que o “giro linguístico” supôs e a originalidade de que seus promotores tiveram que se vangloriar. (Ibáñez, 2005: 24-25).

Segundo o autor, o “giro linguístico” não é um fato preciso; é um processo que se forma progressivamente com o desenvolvimento da ciência e do contexto social, tendo como estímulo inicial a dupla ruptura ocorrida no despertar do século XX: com a antiga tradição filológica centrada na comparação das línguas, sua evolução histórica e a ruptura com a hegemonia que a “filosofia da consciência” exerceu durante mais de dois séculos.

A ruptura com a antiga tradição filológica foi liderada por Ferdinand de Saussure, instituindo a linguística moderna, dotando-a de um programa, de conceitos e de uma metodologia que viabilizavam o estudo rigoroso da língua considerada por si mesma e em si mesma. Tem como pressupostos principais Gottlob Frege e Bertrand

Russell, que propuseram uma nova forma de entender e praticar a Filosofia: a “Filosofia Analítica”, que se volta para o mundo passível de ser objetivado e tornado público por meio da linguagem.

Continuando pelo viés dos acontecimentos históricos, entramos na primeira metade do século XX que, didaticamente, podemos chamar de a primeira fase do “giro linguístico”. Com a influência de Frege e Russell, o foco, que antes eram “as idéias”, passa a ser a linguagem. A dicotomia entre espaço interior-exterior é minimizada, mas não superada por completo. Assim, temos o foco no discurso público, manifesto, sendo que a linguagem representa a realidade – o “mundo” – e este, por sua vez, verifica a linguagem. Não se tem mais a preocupação de saber se a linguagem expressa o pensamento corretamente; o que está em pauta é falar sobre o mundo, comunicar sobre ele, a construção de nossas práticas sociais e o estudo dos enunciados.

O elemento principal desta mudança está no deslocamento do estudo das “idéias”, realizado por meio de um discurso mental de caráter privado (introspecção), para o estudo dos enunciados linguísticos, públicos e objetivados, a fim de evidenciar a sua estrutura lógica. “O grande mérito de substituir a relação ‘idéias/mundo’ pela relação ‘linguagem/mundo’, trocando o privado pelo público e o não observável pelo manifesto” (Ibáñez, 2005: 28).

Na segunda metade do século XX, a linguagem assume uma posição equivalente ao da realidade (“mundo”). A dicotomia entre espaço interior – exterior é desconstruída, superada, dando origem a um único espaço que dá conta tanto do interior quanto do exterior. O foco é a linguagem. E esta é co-construtora do “mundo” e o “mundo” é co-construtor da linguagem.

O elemento principal desta mudança está em atribuir à linguagem o poder de construção do “mundo”, resultando nos usos e efeitos da linguagem como construtores de realidades.

Os filósofos de Oxford acentuaram ainda mais o afastamento da tradição cartesiana, ensinando-nos que a linguagem faz muito mais do que representar o mundo porque é basicamente um instrumento para ‘fazer coisas’. A linguagem não só ‘faz pensamento’ como também ‘faz realidades’. (IBÁÑEZ, 2005, p. 33).

Essas mudanças de paradigma ocorridas no “giro linguístico” vão repercutir de diferentes formas e em diferentes momentos nas várias ciências humanas/sociais. Ibáñez distingue três linhas principais de influência:

A) O impacto da linguística estrutural. Em poucos anos, a Linguística moderna conseguiu se constituir em uma disciplina totalmente autônoma, atingindo a

cientificidade com a linguística de inspiração saussuriana. Na Antropologia, esse efeito mimético se manifestou com maior nitidez nos trabalhos de Edward Sapir e Claude Lévi-Strauss. Na Fenomenologia, especialmente com Martin Heidegger, “é a própria linguagem que manda em nós, causando, modelando, constringendo e provocando nosso discurso, a tal ponto que bem se poderia dizer que é a linguagem que fala através de nós” (Ibáñez, 2005: 36). Na Psicanálise, com as idéias de Jacques Lacan, que se apóia nos fundamentos da “Linguística de Saussure” e da Antropologia de Lévi-Strauss.

B) A corrente analítico-logicista, responsável pelo início do “giro linguístico”. Embora seu projeto pretendia validar a crença na unicidade e validade absoluta do método científico, verificou que tal ideal não poderia ser defendido e, desta forma, abriu caminho para o pluralismo metodológico e teórico, permitindo um enriquecimento das ciências humanas/sociais.

C) O impacto da corrente analítica, centrada na linguagem cotidiana, que tem maior representatividade no “giro linguístico” e se manifesta em quatro grandes linhas de influência: “pragmatista”, as “construcionistas”, a terceira de “linguagem como ação sobre os demais (“mundo”)”, e a última, “a linguagem com instrumento para atuar no mundo”.

Ibáñez (2005), ao finalizar seu capítulo sobre o “giro linguístico” aponta que os acontecimentos não ocorreram de forma estática e demarcada, e por isso o “giro” não está finalizando; pelo contrário, está aberto a novas possibilidades que possam vir a ocorrer com o dinamismo das ciências.

Nessa perspectiva, a linguagem assume uma nova configuração, que permite e valida pensá-la como ato, como ação, atribuindo-lhe um papel fundamental na criação daquilo que chamamos de realidade. Há várias maneiras de trabalhar a linguagem em ação. Nesta pesquisa, optamos por utilizar a corrente analítica centrada na linguagem cotidiana, que busca entender por meios das práticas discursivas a co-construção de sentidos (SPINK, 2004).

4.2.3 - Sobre as práticas discursivas e produção de sentidos

O interesse no estudo das práticas discursivas é entender o papel da linguagem na interação social. Para Davies e Harré (1990), o termo “práticas discursivas” refere-se a todas as formas através das quais as pessoas ativamente produzem realidades sociais e

psicológicas, sendo que entre os produtos das práticas discursivas estão as próprias pessoas. Para Spink e Medrado (1999, p.45), as práticas discursivas são tidas:

como linguagem em ação, isto é, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. As práticas discursivas tem como elementos constitutivos: a dinâmica, ou seja, os *enunciados* orientados por *vozes*; as formas que são os *speech genres*; e os conteúdos, que são os repertórios interpretativos.

Essa definição engloba alguns conceitos derivados das teorias de Mikail Bakhtin (2003), o conceito de gêneros do discurso abarca as formas típicas e estáveis de enunciados compartilhados e utilizados na comunicação, seja ela oral ou escrita. Uma forma típica e estável de enunciado, ou seja, de gênero discursivo, seria o professor durante a aula, o operador de telemarketing quando nos liga ou uma carta de amor, que, já nas primeiras palavras nos possibilitam distinguir qual será o rumo do enunciado. Determinadas situações também exigem um gênero discursivo, como por exemplo, os enunciados já esperados quando estamos no dia de nosso aniversário ou na própria festa. Existem gêneros discursivos próprios e específicos de cada área profissional, como o gênero discursivo médico e, muitas vezes, quando conversam entre si, as outras pessoas não ligadas à área deles não compreendem o que está sendo falado. Embora os campos sejam relativamente estáveis, não são estáticos, pois permitem - e de fato concretamente acontece - a expansão dentro do próprio campo e a sua complexificação (desenvolvimento), como no caso do campo científico.

Os gêneros discursivos são maneiras de falar das coisas, que abarcam todas as formas de enunciados de um determinado conjunto. Alguns críticos poderiam dizer que os gêneros discursivos deixariam de levar em consideração o indivíduo; por serem padronizados, o indivíduo se diluiria nos repertórios já existentes. Mas, pelo contrário, o autor afirma que é no estilo individual que percebemos a existência do indivíduo: “todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual” (BAKHTIN, 2003: 265).

Os repertórios interpretativos (SPINK; MEDRADO, 1999), ou repertórios linguísticos (SPINK, 2004), são as unidades de construção das práticas discursivas que oferecem um leque de possibilidades de construções discursivas e constroem versões das ações, eventos e outros fenômenos que estão à nossa volta. Dito de outra forma, são os termos, os conceitos, os lugares-comuns e figuras de linguagem que demarcam o rol de possibilidades de construção de sentidos.

É por meio dos repertórios que podemos entender a estabilidade, dinâmica e variabilidade usualmente encontrada nas comunicações cotidianas, ou seja, permite diferenciar conteúdos e processos. Os “conteúdos associam-se de uma forma em determinados contextos, e de outras formas em outros contextos. Os sentidos são fluídos e contextuais. Os repertórios são colocados em movimento nos processos de interanimação dialógica” (SPINK, 2004, p.41).

Os repertórios circulam em temporalidades diversas,

É difícil muitas vezes entender que, na verdade, nós estamos falando do presente e não do passado. Na perspectiva temporal adotada, lidamos apenas com um passado presentificado. Temos adotado, para abordar essa questão, um esquema temporal tríplice: tempo longo, tempo vivido e tempo curto. (SPINK, 2004, p.46).

Por tempo longo podemos entender que os repertórios que circulam na sociedade ao longo da história, permanecem vivos nas produções culturais da humanidade e são moldados pelas contingências sociais de uma dada época, constituindo as vozes de outrora que povoam nossos enunciados. Os usos que podemos fazer deles hoje podem ser diferentes, mas os repertórios têm esse tempo longo que inclui manifestações linguísticas e imagéticas.

O tempo vivido leva em consideração esses conteúdos históricos e a sua ressignificação. Concernem basicamente ao tempo de socialização. Aprendemos a utilizar os repertórios a partir de posições que vivemos: a família em que fomos criados, a escola que frequentamos e assim por diante. É o tempo da memória na qual enraizamos nossas narrativas pessoais e identidades.

O tempo curto é o tempo das interações entre as pessoas, o tempo do aqui e agora da interanimação dialógica, o contexto que nos possibilita entender a dinâmica da produção de sentidos. É o momento concreto da vida social interativa, os interlocutores se comunicam diretamente, pautados na dialogia e na concorrência de múltiplos repertórios que são utilizados para dar sentido às experiências humanas. É nesse tempo que se presentificam as diferentes vozes ativadas pela memória cultural do tempo longo ou pela memória pessoal do tempo vivido.

Juntando a análise do enunciado orientado por vozes (dinâmica), os gêneros do discurso (forma) e os repertórios interpretativos/linguísticos (conteúdo), temos aceso às práticas discursivas, que são as maneiras pelas quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas.

Podemos definir sentido como:

Uma construção social, empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta.(SPINK; MEDRADO, 1999, p.41).

A produção de sentido é um processo interativo – lembremo-nos aqui da internanimação dialógica – é uma construção social – lembremo-nos aqui do construcionismo – que se faz através da linguagem em ação – lembremo-nos aqui do giro linguístico.

Segundo Spink (2004), de uma forma ou de outra, todo mundo trabalha com produção de sentidos, principalmente os psicólogos, seja na atuação na clínica, na Psicologia Social ou nas demais áreas da Psicologia. Enfim, o sentido é matéria prima básica para todos os cientistas sociais.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que a linguagem é constituinte do processo de construção da coesão grupal em uma equipe de atletas corredores de aventura, pois é através dela que os atletas compartilham, negociam e impõem sentidos. É a própria linguagem que contribui para produzir o sentido e fazer circular a noção de coesão grupal na equipe e fora dela, em nossa sociedade.

4.3 - Procedimentos de pesquisa

Tendo por orientação esses fundamentos epistemológicos e teóricos utilizamos vários procedimentos para a coleta das informações:

A) Para melhor entender o cenário das corridas de aventura fizemos:

- revisão bibliográfica sobre essa modalidade esportiva;
- conversas com organizadores de corridas de aventura;
- participamos como membro da organização de três corridas de aventura (corridas menores);
- participamos como atleta em duas pequenas corridas de aventura.

B) Acompanhamos uma equipe⁶ que participou do campeonato mundial de corridas de aventura no ano de 2008, a Ecomotion. O que resultou em anotações em um diário de campo.

C) Realizamos entrevistas com os atletas de uma equipe corredora de aventura, em dois momentos distintos:

- 1) entrevistas individuais antes da corrida Ecomotion;
- 2) entrevista com a equipe após a corrida.

As entrevistas foram gravadas em áudio e filmadas com o consentimento do atletas e com a condição que poderiam interromper as gravações no momento que desejassem⁷.

4.3.1 - Entrevistas

A entrevista é uma oportunidade de contar a experiência e vivência de pessoas que estão inseridas diretamente no contexto a ser pesquisado. Mas é uma via de mão dupla: entrevistador e entrevistados estão imersos em um processo de interaminação dialógica. São participes na co-construção de sentidos. Como podemos observar na abordagem utilizada no Núcleo de Pesquisa sobre Práticas Discursivas e Produção de Sentidos – NPDPS da PUC-SP, discutida por Menegon (1998), tendo a entrevista redefinida como “conversa”.

Utilizamos, portanto, esse estilo de entrevista para entrevistar os atletas corredores de aventura. Porém, não implica numa ausência de estrutura ou direcionamento do assunto por nós estabelecidos com base nos objetivos estipulados. As perguntas fazem parte da conversa; mas a maneira como perguntar e como conduzir a entrevista busca pôr de lado um caráter inquisitivo para deixar fluir a dinâmica da conversa – fazendo com que o entrevistado sinta-se mais a vontade para se expor suas

⁶ No capítulo Interlúdio, descrevemos como se deu o processo de contato com a equipe que participou desta pesquisa.

⁷ O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifca Universidade Católica de São Paulo. Para maiores detalhes consulte o documento em anexo (anexo 1), que aprovou os consentimentos informados, sendo que todos os atletas assinaram autorizando o uso das informações e imagens.

idéias e mais valorizado por sua opinião pessoal – uma dinâmica facilitadora para a construção de sentido de ambos: entrevistados e entrevistador.

Em um primeiro momento, nas entrevistas individuais, tínhamos como norteadores alguns assuntos que foram introduzidos e abordados como conversa. Resumidamente procuramos versar sobre a trajetória do atleta e porque decidiu pelas corridas de aventura, as corridas mais importantes que participou, que nos falassem sobre a equipe, sua preparação, quais problemas que poderiam ocorrer durante a prova que estava por vir e sobre uma equipe coesa. Esses assuntos às vezes foram perguntados e às vezes surgiam com o desenvolvimento da entrevista.

Neste mesmo raciocínio, a entrevista grupal foi concebida, para iniciar a entrevista com os quatro atletas foi pedido para que contassem sobre como a experiência da corrida que tinham acabado de realizado. E durante a entrevista alguns assuntos foram abordados tais como, momentos críticos, como cada um contribuiu para a equipe, se a equipe contribuía para superar os momentos críticos, se a equipe estava coesa durante a prova e como se desenvolveu a comunicação durante a prova.

Nas entrevistas, algumas informações surgiram de forma espontânea devido a abordagem semelhante a uma conversa, principalmente na entrevista grupal, uma vez que os quatro estavam negociando e atribuindo sentidos em grupo sobre a prova que tinham realizado.

4.3.2 - Modos de análise

A análise foi estruturada em três partes: A primeira visa descrever a prova, suas regras local de realização e ilustrar sua dinâmica por meio do diário de campo.

A segunda, volta-se à caracterização dos atletas e dimensões de coesão grupal, utilizando para isso as entrevistas individuais.

A terceira, concerne à entrevista grupal realizada após a corrida. As falas dos quatro atletas foram analisadas em episódios, pelos quais buscou-se as dimensões da coesão grupal presentes.

5 - Análise

5.1 – Apresentando o cenário: a Ecomotion 2008

A primeira Ecomotion foi organizada em 2003 na Chapada Diamantina/BA, pelo paulistano, administrador de empresas, Said Aiach Neto, que participava como atleta desde a primeira edição da EMA. Seguindo os mesmos moldes da EMA, esta nova é realizada uma vez por ano e, também, é filiada ao circuito internacional de corridas de aventura, ou seja, filiada ao Adventure Race World Championship (ARWC) e portanto segue as regras internacionais do esporte.

A segunda edição do Ecomoton foi realizada na Costa do Dendê/BA em 2004; a terceira na Serra Gaúcha/RS (2005); a quarta, no sul do Rio de Janeiro/RJ (2006); a quinta edição na região de Búzios/RJ (2007) e a sexta, aconteceu no Ceará, Piauí e Maranhão/BR de 31 de outubro até 8 de novembro de 2008. Esta edição tem uma importância maior que as anteriores por sediar o campeonato mundial de corrida de aventura, a prova mais importante do mundo para as corridas de aventura no ano de 2008.

Para competir nessa edição de 2008 foi necessário se classificar: ter vencido uma das nove provas que fazem parte da ARWC ao redor do mundo, ter vencido o campeonato no ano passado que foi realizado na Escócia, ou ainda, ter o currículo da equipe aprovado pela organização. Inscreveram-se sessenta equipes, sendo vinte e oito brasileiras e trinta e duas estrangeiras. A maioria das equipes brasileiras, ou seja, onze equipes são de São Mauro, seis equipes são do Rio de Janeiro, quatro equipes de Minas Gerais e uma equipe do Amazonas, Piauí, Rio Grande de Sul, Alagoas, Santa Catarina, Espírito Santo e Brasília.

Para se inscreverem, as equipes nacionais precisavam pagar uma taxa de inscrição de US\$ 2.500 e as estrangeiras US\$ 4.000. A elite mundial do esporte esteve presente, disputando US\$ 60.000 dividido entre as oito primeiras equipes da seguinte forma: 1º lugar - US\$ 35.000, 2º lugar - US\$ 10.000, 3º lugar - US\$ 5.000, 4º lugar - US\$ 3.000, 5º lugar - US\$ 2.500, 6º lugar - US\$ 2.000, 7º lugar - US\$ 1.500, 8º lugar - US\$ 1.000.

O percurso de aproximadamente 520 km foi dividido em cinco modalidades: *mountain bike* (246 km), remo - caiaque (132 km), *trekking* (110 km), técnicas verticais (ascensão e descida por meio do rapel) e velejar com canoas de pescadores locais (32

KM). O regulamento permite, que além das quatro modalidades obrigatórias (*mountain bike*, remo, *trekking* e técnicas verticais), seja incorporada à prova outras modalidades ou atividades locais não motorizadas, com o intuito de divulgar as peculiaridades do local em que é desenvolvida, por exemplo: a utilização de cavalos, patins, esqui, etc.

Nesta edição o organizador determinou a obrigatoriedade de os atletas dormirem oito horas, em postos de controle (PC) monitorados e cada equipe tinha o cartão de horas para comprovar as horas dormidas. Essas oito horas podiam ser “consumidas” de várias formas ao longo da corrida, fracionada em horas ou até quatro horas em somente dois PCs. Mas, nem todos os atletas conseguem dormir todo o período planejado. Há uma flexibilidade para determinar se a prova terá paradas obrigatórias ou não, fica ao encargo do organizador decidir. As paradas obrigatórias dificultam a prova, “quebrando” o ritmo dos atletas e devem ser planejadas (quantas horas dormir e em que lugar). Algumas provas são chamadas de *non-stop*, ou seja, não é obrigatório dormir, mas também não se impede que os atletas durmam durante o percurso. Geralmente os “atletas de ponta” não dormem para chegarem antes.

A grande inovação tecnológica desta edição – somente utilizado uma vez antes⁸ – foi um rastreador pessoal, via satélite, que permite o monitoramento em tempo real do trajeto que o atleta/equipe percorre, chamado de Spot. Esse aparelho permite rastrear as equipes durante todo o trajeto, acompanhar seu desempenho, comparar seu deslocamento com outras equipes e auxiliar na comunicação com a organização caso seja necessário ajuda ou solicitar o resgate, fornecendo a localização exata em que a equipe se encontra. Pelo site da prova foi possível acompanhar em tempo real as posições de cada equipe e o seu deslocamento no mapa, o que tornou mais atrativa para os espectadores – logo para os patrocinadores – que puderam acompanhar o progresso da corrida e as disputas entre as equipes. Cada equipe recebeu um Spot e no *briefing* (palestra esclarecedora antes da corrida) foi explanado como utilizá-lo. Porém, muitas equipes não souberam utilizá-lo e o deixaram desligado, não fornecendo a sua localização para o acompanhamento dos organizadores e internautas.

A obrigatoriedade de dormir oito horas, velejar em canoas de pescadores locais pilotadas pelos próprios pescadores e o rastreador Spot foram as únicas peculiaridades desta edição. Ou seja, além destas peculiaridades, a Ecomotion manteve características tradicionais das corridas de aventura.

⁸ Na corrida *Primal Quest Montana Expedition Adventure Race 2008*, realizada em junho nos E.U.A.

Um fator que dificultou a performance das equipes foi a temperatura enfrentada durante a corrida, que, em média foi de 45°C, sendo que no trecho de 100 km percorridos de *bike* entre Piauí e Ceará, no meio da caatinga – o sertão nordestino apelidado de “Caldeirão Ecomotion” – a temperatura chegou aos 49°C. O risco de hipertermia durante toda a prova foi constante. Na palestra inicial onde se esclarece as dúvidas e detalhes sobre a prova, a equipe médica alertou os atletas sobre como proceder em caso de hipertermia e como preveni-la, uma vez que, se não tratada, resulta em morte.

A corrida teve início dia 29 de outubro. Os dias 29 e 30 foram destinados à apresentação das equipes na sede da corrida em Jericoacoara (CE). Nos dias 30 e 31 as equipes apresentaram todos os equipamentos necessários e obrigatórios, recebendo os kits de prova com camisetas, numeral para colocar nas *bikes* e brindes dos patrocinadores. No dia 31 aconteceu o tradicional almoço de confraternização da Ecomotion, com o objetivo de promover a integração, trocas de experiências, formar novas amizades e efetuar trocas de camisa-uniforme entre as equipes. Ainda no dia 31 ocorreu a cerimônia de abertura da corrida, com participação de todos os atletas, durante a qual foi feita uma homenagem às equipes vencedoras das edições anteriores, um vídeo de apresentação da corrida que estava por vir e apresentação de todas as equipes. No dia 1º de novembro foi feito um comboio para a largada, parando às 13:00 horas na cidade de Parnaíba (PI) para a entrega dos mapas – somente nesta ocasião os atletas ficaram sabendo qual seria o percurso e onde seria a largada – apenas 24 horas antes da largada. À noite, às 21:30 horas, foi realizado o *briefing*, na qual foram explicitadas as regras adicionais às regras tradicionais. No dia 2, o comboio seguiu para a largada em Paulino Neves (MA), que estava prevista para às 13:00 horas mas, devido a atrasos no deslocamento do comboio e por motivos da organização, foi dada às 15:30 horas.

A corrida propriamente dita aconteceu entre os dias 2 e 8 de novembro. As “equipes de ponta” terminaram a corrida no dia 6 de novembro entre 12:30 e 16:45 horas e as últimas equipes cruzaram a linha de chegada até o dia 8 de novembro às 11:30 horas; uma diferença de aproximadamente 48 horas entre a última e a primeira equipe colocada. Ainda no dia 8 de novembro foi realizada a cerimônia de premiação, quando foi apresentada a classificação final das equipes, o filme da prova, a homenagem aos três primeiros colocados e a festa de confraternização/encerramento.

A primeira colocada, a equipe da Nova Zelândia *Orion Health.com*, completou a prova em 3 dias e 21 horas e a última completou a prova com 6 dias e 20 horas. Os dez

primeiros colocados foram: 1º - OrionHealth.com (Nova Zelândia), 2º - Team Nike (Estados Unidos), 3º - Sole (Estados Unidos), 4º - Sundown Oskalunga (Brasil), 5º - Quechua - Compagnie des Alpes (França), 6º - Dart-Nuun (Estados Unidos), 7º - Wilsa Hellyhansen (França), 8º - QuasarLontra (Brasil), 9º - McCain Adventure Addicts (África do Sul), 10º - Powered by velvet.org.nz (Nova Zelândia).

Somente uma equipe foi desclassificada, a *Team Explorer*, da Suécia, pelo fato de um atleta chegar sozinho no PC 20 (posto de controle) procurando por ajuda para que a organização fosse buscar o resto da equipe que não tinha condições de continuar por questões de saúde. Esta equipe é responsável pela organização das corridas de aventura na Suécia e costuma ficar entre as cinco primeiras equipes nas corridas da ARWC. Das 60 equipes que largaram somente 6 equipes desistiram, sendo quatro brasileiras, uma espanhola e uma da Costa Rica. A organização não divulgou o número de equipes que completaram a prova com corte, ou seja, que não conseguiram passar em determinados PCs antes do horário de corte e dessa forma pegam um atalho para conseguir terminar a prova no horário máximo de 13:30 horas do dia 08 de novembro. As equipes que sofreram o corte terminaram, mas não chegaram a correr a prova inteira.

5.2 - As aventuras de um pesquisador na equipe de apoio: anotações do diário de campo.

Dia 30 de outubro (quinta-feira)

Na porta do hotel Mosquito Blue fui procurar os atletas da equipe. Chegando lá, encontrei um conhecido e perguntei pela equipe; ele aponta para os integrantes Erasmo e Rodrigo (faltavam Rafael e Tessa) e os apoios Hugo⁹ e Gustavo (faltava Ricardo). Apresentei-me e falei que pretendia fazer uma pesquisa sobre os grupos de corrida de aventura. Perguntei se o Rafael (capitão da equipe) havia comentado isso com eles. Responderam que haviam recebido um e-mail ou algo assim.

Dessa forma, comecei a apresentar o meu projeto para o Erasmo (mais conhecido como Xikito); pouco depois chegaram o Rafael e a Tessa. Apresentei-me e os cumprimentei, sendo convidando para jantar num restaurante defrente o hotel.

⁹ Os nomes da equipe de apoio, bem como de outros, não são verdadeiros, são fictícios para resguardar suas identidades.

Durante o jantar estavam presentes todos os integrantes da equipe: Rafael, Tessa, Xikito, Rodrigo, e os apoios: Hugo (mecânico das *bikes*), Gustavo (responsável pelos equipamentos e cordas). Faltava apenas o Ricardo (responsável pela alimentação dos atletas) e o Mauro que não era apoio oficial da equipe, foi contratado para ser o motorista da *Land Rover* (mais conhecido como o motorista do 4x4, exigido pela organização) e acabou ficando, também, como apoio. Oficialmente inscritos na prova como apoios eram apenas o Gustavo, o Hugo e o Ricardo. Aproveitei que todos estavam presentes para me apresentar e falar da pesquisa.

Todos estavam animados, falando besteira e fazendo brincadeiras um com outro, mas o alvo “principal” foi o Hugo, que não se importava com o que falavam e até zombava das brincadeiras que faziam com ele. Em meio a esse clima de descontração, Tessa disse que eu deveria tratar todos, porque eram loucos, e perguntou qual era a análise que eu ia fazer deles. Respondi que o meu objetivo não era analisar, mas fazer a pesquisa para o Mestrado, que tinha por tema as corridas de aventura.

O Xikito era o que mais brincava com os outros. A Tessa ia no embalo das brincadeiras, principalmente as de Rafael. O Rodrigo (conhecido como Trator) era o mais quieto, reservado e só brincava com o Hugo. O Rafael observava mais do que brincava e mostrava-se bem tranquilo. O Gustavo era um dos mais quietos. O Hugo fazia o papel de animador do grupo, fazia brincadeiras e geralmente era o alvo predileto das brincadeiras dos outros.

Após o jantar, Rafael passou a programação do dia seguinte (arrumação dos equipamentos e um leve treino).

Dia 31 de outubro (sexta-feira)

Logo pela manhã fui até o hotel em que estavam hospedados e encontrei primeiramente Xikito e após os demais, montando as bicicletas. Tive uma conversa como Xikito (o primeiro a acordar) enquanto ele arrumava sua *bike*. Foi uma conversa séria, somente nós dois. Xikito disse que às vezes corre com pessoas que nem conhece e nunca viu antes; os grupos se formam para uma corrida e pronto. Pode ser que nunca mais corram juntos.

Perguntei sobre a amizade e respondeu que às vezes corre com pessoas que nunca mais quer ver, nem pintado de ouro, e outros que se tornam amigos. Amigos mesmo de poder contar de tudo, de quando precisar ligar etc. Segundo ele, o perrengue ajuda a conhecer as pessoas: “você passa sufoco e o cara ajuda ou não; você passa fome

e o cara tem comida na mochila dele e não fala nada. O sufoco mostra como a pessoa é. Muitas vezes, você vê pessoas que estão ali do seu lado e se ferram para te ajudar, sabe, pessoas companheiras mesmo, que depois da corrida viram até colega”. Xikito disse que Rafael é assim, que já correu com ele e sabe que não o deixa na mão.

Segundo ele, o chato é você sabe que vai passar perrengue, faz parte, só que ficar reclamando, ficar ouvindo o cara reclamar, brigar com os outros ou não respeitar o outro, às vezes até ajuda no sufoco, mas brigar e não respeitar, não dá. O respeito é fundamental: respeitar o limite físico, as brincadeiras, as cobranças. Muitas vezes na hora do sufoco o negócio aperta e o respeito deixa de existir, aí para “quebrar”¹⁰ é rápido e depois para voltar é muito difícil. O respeito ajuda a não quebrar e a continuar.

Neste mesmo dia foi realizada a entrevista com o Xikito e Rafael. E após isso jantei com todos da equipe, incluindo a mãe e o pai da Tessa, que tinham vindo acompanhar a corrida, e também com o Ricardo (também conhecido como Ricardão).

No jantar todos estavam animados e falantes, fazendo brincadeiras, mas não zombavam tanto quanto no dia anterior. Senti que Xikito (o mais brincalhão que puxava todos para as brincadeiras) estava tímido por causa da presença do pai e da mãe de Tessa. O assunto principal versou sobre as corridas anteriores. Mas, no final, ficaram Ricardo, Rafael, Hugo, Gustavo e eu, e o assunto passou a ser a conquista e o processo de conquista feminino.

Dia 01 de novembro (sábado)

A equipe continuou a arrumar os equipamentos e fizeram a checagem com a organização. Treinaram o uso das velas nos caiaques.

Nesse dia realizei a entrevista com a Tessa e o Trator.

À noite, aconteceu a cerimônia de abertura da prova – Ecomotion 2008.

Dia 02 de novembro (domingo)

Saída para a largada, de Jericoaquara (PiauÍ) para Parnaíba (CE) às 07:00 horas.

Estávamos em dois carros, uma Parati (quatro portas) e uma *Land Rover* (quatro portas), ambos lotados de equipamentos, a *Land Rover* com equipamentos até no

¹⁰ “Quebrar” é uma expressão muito utilizada nas corridas de aventura para nomear uma desgastante fase em que o atleta atravessa, seja devido ao grande esforço físico, adversidades do clima, falta de alimentação adequada ou devido a fatores psicológicos de esgotamento, dentre outras causas; contribuindo para que interrompa a prova e necessite descansar, em alguns casos o atleta não consegue se recuperar e desiste da prova.

bagageiro do teto e a Parati com alimentos e água para a equipe durante a realização de toda a prova.

O Rafael, capitão da equipe, me disse: “oh, se o carro atolar, ou não conseguir passar nas dunas/areias, você desce e dá um jeito de seguir para Parnaíba, ok?” Rezei para que isto não acontecesse, pois ficar no meio das dunas, sem saber como iria para Parnaíba e sem acompanhar a corrida, seria uma tragédia para minha pesquisa.

Já em Parnaíba, almoçamos, pegamos os mapas no local indicado pela organização e fomos para uma pousada para marcar no mapa as rotas que seriam feitas durante a corrida. Nessa hora era concentração total, e assim foi a tarde toda. Eu e Gustavo ficamos preparando e embalando (de forma que não entra-se água) os lanches que os atletas iriam levar para a corrida. Era pão de forma queijo, peito de peru ou queijo e salame.

Aconteceu, então, a primeira desavença. Ricardão me colocou como a pessoa que ia ler o *Road Book* (livro feito especialmente pela organização da prova para o apoio) e conduzir os dois carros para os pontos onde iriam ser feitas as transições das modalidades pelos atletas. Mas Gustavo não gostou e se irritou com a decisão. Eu concordei e disse que poderia ficar com outra coisa, senti que o Gustavo queria ficar com o *Road Book* e por mim tanto fazia. Não ficou acertado quem iria ficar com o *Road Book* e não houve qualquer acerto (mas acabou ficando com ele).

O Ricardão fez um macarrão, um prato simples e fomos para o *Briefing* (palestra onde são tiradas as dúvidas e reforçadas as regras e o que é ou não permitido durante esta prova específica). Nessa ocasião filmei as instruções dos organizadores da prova.

Dia 03 de novembro (domingo)

Acordamos em cima da hora e o Rafa disse: “oh, vai rápido porque você vai com o ônibus da organização”. O Mauro e eu, com a *Land Rover*, saímos correndo para eu chegar a tempo no ônibus para ir até Tutóia. Foi estranho porque o Rafa só me disse em cima da hora que não iria junto com o apoio, na parati.

Na cidade de Tutóia (MA), às 10:00 horas, os atletas começaram a se trocar e arrumar os equipamentos para o início da prova. Todos estavam tensos e não conversavam; um clima estranho, diferente do que eu havia conhecido nos dias anteriores a prova. Não havia muito diálogo. Eu estava como uma sensação de que algo ou alguma discussão tinha acontecido. Fiz uma pequena filmagem deles, dos carros e da praça de Tutóia

Sáímos para Paulino Neves, eu no “pau de arara” (cedido pela organização) e os atletas de *Land Rover*. A Parati não foi para a largada, pois teria trechos de dunas e riachos pelos quais com certeza não passaria.

No “pau de arara” tive duas conversas. A primeira, com a esposa de um atleta que estava correndo na equipe que chegou em quarto lugar: Os Kalungas. Resumidamente, ela falou que a equipe tinha sete ou oito atletas e, para cada prova, eles avaliavam quem estava melhor preparado, não tinha lesão, estava acostumado com a quilometragem da prova, havia acabado de correr, ou seja, respeitando os limites físicos e o desgaste decorrente das provas. Eles formam a equipe especificamente para uma determinada prova. Todos se conhecem e se dão bem, mas a formação sempre varia. O que conta mesmo para a definição da equipe é o preparo físico. E esses que estavam participando da corrida já tinham vindo o mês passado para a região treinar sob o forte sol do sertão.

A segunda conversa foi com um atleta que estava participando como apoio para uma equipe. Expliquei-lhe o motivo de eu estar ali, e ele respondeu que era um privilégio ter a oportunidade de acompanhar a Quasar Lontra, porque poucos abrem essa intimidade: “eu mesmo nunca abri espaço para pesquisa; acho que tem coisas que não se deve mostrar”. Indaguei que coisas eram elas e ele respondeu que são as questões íntimas de cada atleta e que surgiam durante a prova. Quando os atletas estão no excesso de esforço, com sono, fome, sede, “eles piram”; é nessa hora que a pessoa se mostra, caem todas as máscaras. É algo muito pessoal: tem gente que chora, que grita, que xinga, que se transforma. É como se fosse uma catarse, e isso os atletas não gostam de revelar. Expliquei que meu foco era outro: as relações, o trabalho em equipe e a coesão grupal. Mas ele deu um descrédito, mostrando que achava o tema dele melhor e que eu deveria pesquisar isso... a catarse.

Antes de chegar na largada em Paulino Neves houve uma pausa. Os Lontras chegaram sem pressa, tirando fotos. Sentaram em uma sombra, comeram o macarrão de ontem e já aparentavam estar mais calmos, conversando uns com os outros e ouvindo música (do gênero axé).

Seguindo para as dunas, mais enrolação de baixo de uma sol de mais de 40 graus. Eu já estava com a língua de fora. Tirei umas fotos, filmei, mas a enrolação foi tamanha que os atletas se reuniram debaixo de uma árvore seca para se proteger do sol. Eles ainda tinham que atravessar o rio para ir a outra duna e, aí sim, largar. Todos

estavam irritados com a demora, sob um sol escaldante. Após uma longa espera fui embora e não acompanhei a largada.

A largada estava prevista para as 14 horas, mas só foi realmente acontecer em torno das 15:30.

De volta a Tutóia, que era a primeira Área de Transição (AT), o pessoal do apoio tinha arrumado tudo. Ajudei na cozinha e ficamos aguardando os Lontras chegarem. Entre nós, do apoio (eu, Gustavo, Hugo, Ricardão e Mauro), nada foi combinado ou esquematizado para receber os atletas. O clima era de expectativa, pois eles estavam entre os primeiros. Gustavo e Hugo se juntaram e ficaram conversando entre si.

Na hora que eles chegaram (19:48) foi uma correria só. Aí, até eu entrei na dança: era comida para cá, arrumar mochila para lá, pegar as coisas e correr, pois tinha outra equipe chegando. Saíram remando nos caiaques após 12 minutos de AT (é um bom tempo). Num clima festivo, pois os Lontras estavam em primeiro lugar, guardamos as coisas nos dois carros e fomos para 2º AT, em Parnaíba.

Viajamos à noite, chegamos em Parnaíba de madrugada. No caminho, pouca conversa e aproveitamos para dormir. Já em Parnaíba, escolhemos o lugar próximo da margem do rio, para arrumar as coisas e encostar as *bikes*. Ricardão e Mauro dormiram em uma pousada, Gustavo dormiu no carro, eu e Hugo, na calçada, tomando conta das tralhas e das *bikes*.

Dia 04 de novembro (segunda-feira)

Acordamos com o sol, após poucas horas de sono. Montamos as *bikes*; ajudei na cozinha e no preparo de lanches, pois além de fazer-los, tínhamos que embala-los em filme plástico e papel alumínio, uma grande mão de obra, que fiquei encarregado de fazer. Agora os lanches eram um pouco melhores, pois, segundo Ricardão, você não pode tratar bem os atletas desde o começo porque se não eles ficam mal acostumados. Por isso que o primeiro lanche foi a “seco”. “Neste vamos colocar um requeijãozinho para ficar mais molhadinho, e aí sim eles vão dar valor ao nosso trabalho.” Fora o requeijão, era o mesmo recheio que o anterior.

Meu contato maior foi com Ricardão, por permanecermos mais tempo na cozinha da pousada, Gustavo e Hugo eram de pouco papo.

Neste AT, os Lontras demoraram para chegar (17:12) pois dormiram as quatro horas obrigatórias, todas de uma vez. Chegaram remando e saíram de *bike*. O AT foi rápido, aproximadamente 9 minutos, sem nenhum erro ou contratempo.

Desmontamos as tralhas, guardamos nos carros e saímos para o 3º AT, no final da tarde. No caminho, pegamos um atalho para ser mais rápido, seguimos por uma trilha muito esburacada onde a Parati quase não passou e ficou muito “deteriorada” (estourou um pneu e entortou todas as rodas). Esse atalho, que era para ser mais rápido, acabou demorando mais do que se tivéssemos ido pelo caminho normal. Mas as paisagens que vimos foram espetaculares, a Lua iluminava o sertão e as montanhas próximas. Coisa que nenhuma outra equipe de apoio viu.

Chegamos no 3º AT, em Ubatuba, de noite. Arrumamos as coisas, ajudei na cozinha, fazendo um fubá e uma sopa para comerem assim que chegassem e para levar no caminho. Ficamos acordados e alertas para que assim que chegassem o AT fosse rápido.

O AT foi rápido e sem problemas. Foi no meio da madrugada, às 02:22 horas. Chegaram de *bike* e saíram a pé no trekking. Desmontamos as coisas e seguimos para o 4º AT.

Dia 05 de novembro (terça-feira)

No caminho para o 4º AT aproveitei para dormir um pouco. Chegamos de madrugada, aproveitamos os bancos da praça e dormimos um pouco, até o Sol nascer, pois o calor e a luz ficavam insuportáveis.

Arrumamos as coisas. Fui colocar as baterias das lanternas das *bikes* para recarregar e ao conversar com o morador, que emprestara a sua varanda para nós arrumarmos as tralhas, sobre a voltagem da tomada, o mesmo me garantiu que a tensão era 110w. acreditei em sua palavra e liguei o carregador na tomada, o que alguns segundos depois estava “torrado”, ou seja, queimei o recarregador. Gustavo me deu uma bronca que foi seguida pelos demais.

Tentando reparar meu erro, desmontei o meu recarregador de bateria para a filmadora e fiz um recarregador para as baterias das *bike* (porém talvez eles não iriam pegar trechos que fossem usar a lanterna da *bike*).

Nisso o Ricardão estava fazendo comida e não deu para terminar a tempo de eles chegarem. O AT foi rápido. Chegaram a pé no trekking e saíram de *bike*. Tivemos de desmontar tudo e sair rapidamente para o próximo AT, pois o nosso deslocamento poderia demorar mais que os atletas.

No 5º AT, chegamos, arrumamos as coisas e eles logo em seguida já chegaram (11:45) de *bike* e saíram a pé, no trekking. Foi um AT rápido e Xikito saiu com a mochila

errada e sem os equipamentos obrigatórios que eles devem carregar durante toda a prova. Gustavo percebeu e foi atrás deles correndo de *bike* para levar a mochila certa com os equipamentos obrigatórios. Quando voltou, nada disse para mim e eu, achando que foi um esquecimento/erro do próprio Xikito, nada falei, pois se o Xikito esqueceu, a “culpa” não era de ninguém. Mas, eu é que tinha abastecido o mochila dele com água.

Desmontamos tudo e fomos rumo a cidade de Viçosa, um longo caminho que fizemos devagar, pois os atletas iriam demorar para chegar.

Em Viçosa, o 6ºAT, arrumamos as coisas. Fiquei na cozinha fazendo lanche para os atletas levarem durante a prova. Hugo e Gustavo só conversavam entre si. Ricardão que era o meu companheiro de cozinha me deixou e foi fazer seu *network*. Senti um afastamento deles. O Ricardão alugou um quarto em uma pousada (que forneceu a cozinha para o preparo dos lanches); Mauro dormiu a tarde toda e eu aproveitei para tomar banho, mas a maior parte do tempo eu fiquei na cozinha.

Dia 06 de novembro (quarta-feira)

Quando os Lontras chegaram a pé, às 02:45 horas, fui fazer o que sempre fazia em todos os AT's, que era encher de água os reservatórios das mochilas. Nisso o Ricardão disse: “não, não vai mexer na mochila deles”, respondi: “Ok, só estou recarregando a água!”. Mas isso foi na frente dos atletas. Percebi, então, que o erro de Xikito ter deixado a mochila com os equipamentos obrigatórios foi atribuído a mim. Assim disse a cada um dos atletas: “eu só vou encher o reservatório de água, ok?” para mostrar que somente fazia isto e que não tirava ou colocava coisas em suas mochilas.

Saíram de *bike*, foi um AT rápido, e, ao sair Xikito disse que no próximo AT queria tomar um banho, nem que fosse rápido. Mas isto não aconteceu, nem no próximo e nem em nenhum AT. Ele só foi tomar banho na pousada, depois de terminar a corrida.

Os apoios não conversaram comigo sobre coisa alguma. Eu então lhes disse que o que eu venho fazendo era encher os reservatórios e dar comida, só isso. Eles falaram que estava bom e nada mais. Desmontamos as coisas no meio da madrugada e fomos para o 7ºAT. Aproveitei o deslocamento para dormir um pouco.

No 7º AT, arrumamos as tralhas. Eles chegaram de *bike* às 08:00 horas. A expectativa do pessoal de apoio era boa; estavam otimistas e animados. Foi um AT muito rápido, mas vi que os atletas já apresentavam certo cansaço. Saíram a pé para logo em seguida pegar os caiaques e remar até a barragem. Este trecho foi o mais desgastante da prova.

Desmontamos as coisas e saímos para a barragem, o 8º AT. Aproveitei para dormir um pouco.

Dia 07 de novembro (quinta-feira)

Passamos o dia inteiro com as coisas arrumadas esperando pelos atletas no 8ºAT, mas eles não chegavam. O rio estava baixo e não dava para remar nos caiaques. Provavelmente estavam carregando os caiaques nas costas.

Somente às 2:32 horas da manhã, eles chegaram, visivelmente cansados. Tessa estava mal de tanto vomitar, sua expressão de exaustão se misturava com um olhar perdido no horizonte e apatia. Xikito exalava um forte cheiro e precisava de um banho. Rodrigo, como sempre, permaneceu quieto. Rafael parecia não se abalar e como sempre atento ao mapa e detalhes técnicos da prova. Os atletas e apoios estavam muito desanimados com o rendimento, já prevendo que não iam ficar entre os primeiros colocados da prova.

Após os atletas saírem de *bike*, os apoios estavam completamente desolados. Parecia que a corrida tinha acabado e que terminávamos em último lugar. Desmontamos as tralhas e saímos de madrugada para a cidade de Camocim.

No 9ºAT, em Camocim, chegamos arrumamos as tralhas e eles não chegavam. Neste ponto da prova acontecia o “horário de corte”, estabelecido pela organização com base nos horários das marés, porque, após certo horário, ela muda e leva as canoas para altamar, sendo muito perigoso. Os atletas chegaram, de *bike*, dez minutos após o horário de corte. Somente com muita conversa com o organizador da prova é que foram autorizados a embarcar em uma canoa rumo à chegada.

Após os atletas saírem, estávamos todos exaustos. Os mais decepcionados eram Gustavo e Hugo, que aparentavam que davam a entender que nada do que tinham feito havia valido à pena. Como este era o último AT, não arrumamos as coisas. Distribuimos as coisas para as crianças carentes, só restando as tralhas/equipamentos, e voltamos para Jericoaquara, onde foi a chegada.

Não acompanhamos a chegada deles, pois ainda estávamos a caminho de Jericoaquara. Eles chegaram às 15:01 da quinta-feira, 07 de novembro. Relataram que chegaram muito cansados; a Tessa admitiu que nem conseguia falar direito com a imprensa de tão cansada.

Dia 08 de novembro (sexta-feira)

Os atletas aproveitaram para dormir e, após o almoço, foram relaxar nas lagoas de água doce no meio das dunas próximas de Jericoaquara. Porém, não os acompanhei.

Dia 09 de novembro (sábado)

Fiquei acompanhando a equipe no estande da organização para saber em que lugar na classificação geral haviam ficado. Chegaram em 7º lugar, mas acabaram ficando em 8º, devido a somatória de tempo das outras equipes.

Conversei com uma jornalista que acompanha as corridas de aventura. Perguntei como ela via a questão da coesão grupal, mas fomos interrompidos quando Rafael veio me chamar para fazermos a entrevista com todos os atletas juntos.

Fomos à uma lanchonete, os atletas e eu, para fazer a última entrevista. Estavam todos brincalhões, mas meio chateados. Sabiam que não era o melhor resultado e culpavam ter que arrastar caiaque e a trilha na serra, antes das técnicas verticais, como problemas decisivos para o mau rendimento.

Em síntese, os atletas passaram uma média de três dias e 23 horas, quase quatro dias, percorrendo aproximadamente 550 quilômetros de *mountain bike* (246 Km), remo em caiaques (132 Km), *trekking* (110 Km), regata de canoas de pescadores (32 Km) e técnicas verticais (subida e descidas de paredes de pedras). Isso tudo em um clima muito quente, com a temperatura atingindo 49°C. Nesse percurso de quase quatro dias (ou quase 96 horas), eles dormiram pouco mais de oito horas; não tomaram banho. Somente encontravam a equipe de apoio em lugares delimitados pela organização na ATs, de 11 em 11 horas em média. E, nas ATs reabasteciam-se de alimentos, água e aproveitavam para comer. Cada “parada” nas ATs tinha a duração média de 12 minutos.

Durante os ATs, Tessa era a pessoa que motivava os demais ou cobrava-os para irem mais rápido com a troca de roupa e equipamentos. Em todos os ATs ela era a primeira a se aprontar (trocar de roupa e equipamentos), somente no penúltimo que era após o “arrasta caiaque”, que não foi a mais rápida e não cobrava ou motivava os demais. A Tessa exercia a liderança “voltado para o social”, cuidando da comunicação, dos sentimentos e emoções surgidos no grupo. A liderança “voltada para tarefa” era exercida pelo Rafael que era o capitão formal da equipe, utilizada para realizar as tarefas, realizar as metas e objetivos. Rafael também exercia, em poucos casos, uma liderança voltado para o social, porém, Tessa ao realizar uma liderança voltada para a tarefa, não era seguida.

Logo no começo da corrida percebi que não fazia parte da equipe de apoio, tinha a sensação de ser um intruso, um de fora, que era enxergado como aquele que estava avaliando/analizando cada um e cada situação, mesmo afirmando não estar ali para isso e sim para entender as relações entre os atletas. Porém, acredito que vários fatores contribuíram isso, além de que a minha presença era desnecessária, são eles: baixa comunicação entre os integrantes da equipe de apoio “voltada para a tarefa”; ter mantido um certo afastamento para não influenciar a dinâmica da equipe de apoio; ter criado um vínculo um pouco maior com o Ricardo; não ter conseguido ganhar a simpatia de Gustavo, que era o líder; e, ter cometido erros. Em consequência, minha inserção na equipe de apoio foi turbulenta.

Sobre a baixa comunicação quero dizer que havia conversas sobre diversos temas, porém para resolver problemas ou achar soluções era quase nula. Teve um episódio em que posso, agora, observar a dinâmica estabelecida. Um dia antes da largada Gustavo e Hugo estavam instalando um suporte na *Land Rover* de Mauro para prender as *bikes*, querendo ajudar dei algumas dicas para a melhor fixação dos suportes, porém não fui ouvido. Gustavo decidiu por uma solução semelhante a que eu tinha apresentado. Então, fui atrás de alguns pedaços de madeira para fazer um calço e entreguei para Gustavo, que utilizou somente aqueles que ele mesmo tinha providenciado. Após fixar, Rafael, o capitão da equipe, perguntou como estavam os preparativos. Gustavo respondeu que teve uma dificuldade, porém sem maiores problemas porque ele já tinha resolvido. Neste episódio percebi que não era bem vindo, além da baixa comunicação.

Sobre minha postura de afastamento para não influenciar a dinâmica da equipe de apoio admito que fui influenciado por valores positivistas que visavam manter a neutralidade. Sei que não há neutralidade, porém em alguns momentos houve um distanciamento para melhor compreender o funcionamento e aquilo que estava se passando. Como por exemplo, quando Ricardão sugeriu para que eu ficasse com o *road book*, e Gustavo não gostou da idéia, no momento eu não esbocei reação para ver como isso se resolveria; porém nada foi feito, acordado ou resolvido.

Acabei me vinculando de uma forma mais consistente com Ricardo devido à proximidade física nas cozinhas (das casas e pousadas emprestadas) preparando lanches e comidas para os atletas. Com Mauro também estabeleci uma boa relação, porém, ele não fazia parte da equipe oficial de apoio; havia sido contratado como motorista e, de certa forma, também era “excluído” da equipe de apoio.

Ricardo era o mais velho e, a princípio associei a idade/experiência à posição social de status dentro da equipe, ou seja, por ser o mais experiente seria o líder, tendo uma alta posição na equipe, sendo que se conseguisse me associar a ele seria mais fácil de os demais me aceitarem. Entretanto, Ricardo, não possuía o status de líder e minha estratégia não funcionou. Somente percebi que Gustavo era o líder, após a corrida começar, e por consequente, Ricardo e Hugo estariam logo abaixo na hierarquia, subordinados à Gustavo, e um pouco mais abaixo se encontrava Mauro, eu me encontrava por último, sendo subordinado de todos os demais.

Gustavo era de “pouco papo” e não consegui estabelecer uma relação de simpatia com ele, posteriormente percebi que seria fundamental ter a sua simpatia, por ele ser o líder, a sensação que eu tinha era de uma exclusão por parte do líder e uma aceitação mediana pelos demais.

No episódio em que Xikito saiu sem os equipamentos obrigatórios o erro foi atribuído a mim; não sei ao certo se foi o próprio Xikito que não conferiu se os equipamentos obrigatórios estavam dentro de sua mochila ou se foi a minha intervenção que o impediu de conferir; mas o evento contribuiu para uma negativa reputação com Gustavo e os demais. Isso, somado ao erro de queimar o recarregador da bateria da lanterna de *bike* devido à informação errada do morador, contribuiu para minha reputação negativa impedindo que me tornasse um efetivo membro da equipe de apoio, comprovando também que a neutralidade positivista não existe (mesmo tentando ser neutro).

Por último, não foi feita uma apresentação ou qualquer recomendação por parte do Rafael, líder formal da equipe, para os integrantes da equipe de apoio sobre a minha presença. Talvez o comentário de Rafael, quando estávamos saindo para a largada – “se o carro atolar você desce e se vira” – tenha tido o efeito de me posicionar como aquele que não tem nenhum valor perante os demais da equipe de apoio, o que de fato não era mentira, pois a minha presença ali não era necessária para eles.

6 - A Coesão Grupal no Contexto de uma Corrida de Aventura

Abordaremos a coesão grupal a partir de duas fontes de informação: as entrevistas individuais e a grupal. Nas entrevistas individuais havíamos perguntado o que era, para cada atleta, coesão grupal o que possibilitou uma primeira aproximação ao tema. Na entrevista grupal focalizamos as experiências vivenciadas durante a prova que foram analisadas buscando entender as diversas dimensões de coesão grupal.

6.1 – Caracterização dos Atletas

Primeiramente, vamos caracterizar os atletas que participaram dessa pesquisa. Em um segundo momento, vamos explicitar como cada um define coesão grupal.

A equipe composta por Xikito, Rafael, Tessa e Rodrigo, a Quasar Lontra, está junta desde setembro de 2008 quando seus integrantes correram a primeira prova juntos, a *Brasil Wild 24 horas* de 130 km, como teste para o campeonato mundial realizado em novembro de 2008. Anteriormente já haviam corrido juntos em outras formações com um ou dois diferentes integrantes, configurando-se três atletas desta formação e um outro diferente, ou ainda, dois atletas dessa formação e outros dois diferentes.

6.1.1 - Xikito

Xikito tem, 30 anos, é baiano e praticante de corrida de aventura desde 2004. Tem longa trajetória como atleta. Desde 1994 praticava canoagem e *mountain bike*; veio para São Paulo para participar de provas de ciclismo, e em 2004 o seu treinador de triathlon indicou uma equipe que precisava de mais uma pessoa para participar de uma pequena corrida de aventura. A partir de então, começou a trinar e participar somente para as corridas de aventura, salvo alguma vezes em que o seu treinador de remo lhe chama para alguma competição.

Participou das quatro maiores provas do mundo: o Desafio dos Vulcões (Argentina), o Mundial de corrida de aventura de 2007 (Escócia), a *Ecomotion* (Rio de Janeiro) e a Dubai (Emirados Árabes). Correu as quatro maiores do mundo em um ano

o que lhe concede o título de o único brasileiro a correr as quatro maiores corridas no mesmo ano.

A experiência que mais marcou sua carreira foi essa de correr as quatro maiores provas do mundo em um ano, sendo que o intervalo entre uma e outra foi pequeno (aproximadamente 2 meses). Ou seja, correu provas de 800 km, 500km, 600km, uma média de 600km por prova e algumas com somente 45 dias de intervalo.

Em meio a essa empreitada, se isolou em uma fazenda, ficando 15 dias sem querer ver ninguém além do pai e da mãe. Nesses 15 dias, somente se alimentava porque a sua mãe batia a comida em um liquidificador, por estar impossibilitado de mastigar os alimentos. Tinha acabado de chegar de uma corrida e em 45 dias já participaria da próxima, com 800 km. Relata um episódio que aconteceu durante uma dessas quatro corridas, quando teve uma arritmia cardíaca; seu coração acelerou tanto que chegou a pensar que iria morrer.

Porém, atribui um sentido positivo a essa experiência de correr as quatro maiores do mundo: “Mudou minha vida não só como atleta, mas como ser humano” (...) “eu creio que depois dessas corridas, eu vi que dá pra fazer tudo o que você quiser, é só acreditar nisso” (...) “algumas coisas que você acha que é difícil, que é impossível de fazer, você vê que não é tão complicado assim”. O atleta diz ter ouvido falar ou lido em livros sobre a superação, determinação, confiança, mas nunca acreditou e nunca deu muito crédito para o que se fala a respeito. Porém, após passar por esta experiência, afirma que funciona: “Hoje se (eu) quiser conseguir alguma coisa é só ir atrás buscar que você consegue.”.

Quanto ao treinamento, diz contar com orientação profissional e que durante os treinos físicos, de maneira indireta, acaba treinando a técnica, tática e o aspecto psicológico. Utiliza de corridas menores para treinar.

O treino físico é orientado por três técnicos diferentes, para a corrida, para o remo e para *bike*. Por semana, treina aproximadamente 300km, divididos nas três modalidades (corrida, remo e *bike*). Em pico de treinamento chega a pedalar 600 km, fazer 120 km de canoagem e 80 km de corrida em uma semana.

O treinamento com a equipe toda acontece a cada 15 dias quando fazem um treino longo em algum local distante. Os atletas utilizam um esquema de rodízio onde cada dia treina uma dupla diferente – sendo que todos treinam com todos – devido a dificuldade de reunir todos no mesmo horário.

Afirma que já conhecia e já tinha corrido outras provas com cada membro da equipe em separado, variando a formação da equipe. Acredita que a composição desta equipe foi baseada na experiência e na amizade com os outros atletas. Além da capacidade física, levou-se em conta o relacionamento entre os membros da equipe.

Discorrendo sobre a prova disse que um dos maiores problemas que pode ocorrer é a hipertermia devido ao excesso de calor, por não conseguir controlar a alimentação, pela falta de hidratação e pelo ritmo de prova que ocasionam um desconforto muito grande. Para isto se previne tendo cuidado de se alimentar nas horas certas, hidratar-se constantemente e cuidando da “parte mental” para enfrentar as adversidades e desconfortos, sem desrespeitar os outros atletas ou querer desistir da prova.

6.1.2 - Rafael

Rafael, o capitão da equipe, tem 32 anos, é paulistano, oficial da reserva do exército, formado em administração de empresas, e, desde 1999, corredor de aventura.

Desde pequeno sempre praticava esporte visando o podium, o alto rendimento. Começou aos seis anos jogando bola, depois treinou ginástica olímpica, natação, corrida e biathlon. Participou de três ou quatro provas de triathlon. Em 1998, na primeira edição da EMA, um amigo o convidou para participar, mas não tinha mais vagas. No seguinte, em 1999, participou em uma equipe com o intuito apenas de terminar a prova, mas acabou vencendo e desde então “pegou gosto” e continua buscando os melhores resultados.

A primeira prova da qual participou, a EMA 1999, se tornou importante, pois não sabia exatamente como se preparar, o que era e iria enfrentar. Descobriu então que não era somente a força física; era algo a mais, exigindo planejamento, logística, trabalho em equipe, estratégia e preparo psicológico para suportar o desconforto. Elegeu duas provas como as mais importantes de sua carreira devido aos resultados que obteve: a *Eco-Challenge* nas Ilhas Virgens, 2002 (a prova mais difícil que fez até hoje), terminando em 12º lugar, e, a *Ecomotion 2004*, em Itacaré na Bahia, sendo a única equipe brasileira que venceu a *Ecomotion* em suas edições.

Quanto ao treinamento aponta dois tipos de preparação: a física, que envolve simplesmente treinar remo, corrida e *bike*, no asfalto, sem subidas, sem maiores dificuldades, e a técnica, para enfrentar as condições encontradas nas provas, por

exemplo: remar com ondas, com vento contra ou lateral, com chuva, com muito sol, com frio; pedalar na subida e na descida, na areia, com calor, chuva, na trilha; correr com mochila carregada, com muito sol, chovendo, com frio, em subida, com distancias longas. O treino técnico o prepara para condições encontradas na corrida.

Treina com toda a equipe somente em alguns finais de semana. A questão tática não é diretamente treinada, sendo atrelada a experiências de corridas anteriores e aos treinos técnicos, nas quais são simuladas as condições de prova, fazendo-os passar por situações de desconforto, perigos, e estresse e observando como reagem a elas.

Não possui treino psicológico específico, mas considera importante todos da equipe manterem um bom nível de amizade, respeito, confiança e de certa forma uma intimidade para resolver problemas, sempre procurando manter um clima legal na equipe.

Quanto à equipe, quando soube que a *Ecomotion*, seria o mundial de corrida de aventura em 2008, pensou em participar de uma excelente equipe para chegar em primeiro lugar. Considerou a possibilidade de juntar atletas de outros países, mas não teriam uma boa preparação e seria economicamente inviável. Optou então por montar a sua equipe. Teve à sua disposição sete atletas que fazem parte da equipe Quasar Lontra, e, para escolher entre eles, levou em consideração a preparação física e posteriormente a questão dos relacionamentos e empatia entre os membros. Dessa forma suas preocupações se concentraram em montar uma equipe em que os membros tivessem um bom relacionamento, empatia e um bom astral e que tivesse mais um navegador para ajuda-lo durante a prova.

Afirma serem inúmeros os problemas que podem acontecer durante a prova. Os mais críticos são: 1) não saber dosar o ritmo (não saber o momento em que tem que forçar, em que tem que se poupar, em que tem que descansar e recuperar, isso pode levar alguém a passar mal, ficar muito fraco na prova e fazer com que o ritmo caia) e, 2) errar na navegação, seguindo por um caminho errado e ter que voltar atrás, perdendo tempo e energia.

Atribui uma grande responsabilidade a si por não ter um segundo navegador, sabendo que durante a noite sente muito sono e isso pode vir a atrapalhar seu desempenho. As estratégias utilizadas são: todos ficarem atentos ao seu ritmo e ao ritmo do outro, procurar ajudar quando percebe que o outro está com dificuldade, antes mesmo deste pedir ajuda; dividir com outro membro da equipe a tarefa da navegação, principalmente à noite.

Comentou também sobre a exigência de ter uma mulher na equipe. Nas provas curtas as mulheres acabam rendendo menos, pois é necessária a “explosão”, uma característica masculina. Nas provas longas, as mulheres agregam, somam exatamente por suas diferenças: nas horas de sono ficam acordadas e mantêm os homens acordados e ajudam a manter o astral da equipe. Na hora em que o rendimento diminui, são elas que cobram o rendimento e acima de tudo cuidam dos outros integrantes. Considera, assim, positivo ter uma mulher na equipe: “tem de ter uma sinergia, e eu sempre tive a graça de correr com mulheres que somavam muito”.

6.1.3 - Tessa

Tessa tem 27 anos, é bióloga e desde 2000, corre corridas de ventura. Quanto à sua trajetória como atleta, conta que desde pequena teve a oportunidade de praticar esportes. Podia escolher, mas tinha de praticar alguma atividade; então praticou todas as modalidades e em algumas o seu treinador dizia que estava na hora de levar mais a sério e treinar mais. Mas por falta de tempo, por saber que não teria um retorno financeiro e que a vida útil do atleta dura pouco, optou por não seguir nenhum esporte profissionalmente.

Cursou Biologia, trabalhou em lugares como a Patagônia, sempre gostou de atividades ao ar livre: praticava escalada, expedições e de estar outdoor em lugares remotos.

Juntando o seu gosto por esporte, mais o gosto pela natureza, foi convidada por colegas de sua faculdade a participar de uma corrida de aventura sendo que não sabiam o que era e o que iriam encontrar. Aceitou, gostou da corrida de aventura e por poder continuar a trabalhar sem precisar se dedicar exclusivamente às corridas de aventura, continua correndo. Decidiu que este seria seu esporte.

Discorrendo sobre as corridas de aventura em que participou, referiu-se as memoráveis, como a primeira corrida de aventura que ganhou e a primeira corrida com amigos legais.

Treina no mínimo uma hora por dia, sozinha ou em grupo, mas com pessoas que não são corredores de aventura. Prefere treinar em grupo porque aumenta a motivação e a disciplina, mas cada um tem a sua planilha de treino para seguir. Utiliza-se de treinos em grupos para ter uma base do rendimento das outras pessoas, afirmando que a sua competitividade faz querer superar o outro e isso contribui para o seu desenvolvimento.

Acredita que o treinamento tático se dá na prática, nas provas, com a experiência das corridas. Não possui treinamento psicológico específico; afirma que de certa forma trabalha o psicológico junto nos treinos físicos.

Treina alguns dias da semana com um ou outro da equipe, mas treinos com todos os membros reunidos são poucos.

Participa da equipe Quasar Lontra – que ao todo inclui oito atletas – desde o final de 2006. Conhece os demais atletas e já correu com formações diferentes com a maioria deles. Afirma que a confiança na pessoa é essencial para escolha dos membros da equipe que vai fazer a prova. Em segundo lugar, é preciso ter a grana para fazer a prova e saber que a pessoa não vai desistir, portanto deve estar bem fisicamente.

Quanto aos problemas que podem ocorrer durante a prova, afirma que tudo pode acontecer, mas destaca os fatores abiótico, como areia, vento e calor. E ainda é preciso torcer para ninguém passar mal no percurso por causa de água, comida ou hipertermia. Preparou-se trazendo vários suportes de garrafinha de água para colocar na *bike* - pretende sempre carregar o máximo de água possível -, e afirma que saber que você vai enfrentar todo o tipo de adversidade e desconforto já a prepara para as eventualidades.

Quanto a exigência de ter uma pessoa do sexo oposto, embora reconheça que existem diferenças físicas entre homens e a mulheres, afirma que os homens não lidam bem com a questão da mulher ser mais resistente e, depois do meio da prova, estarem fisicamente melhor que os homens. Para lidar com isso afirma que procura não correr na frente dos homens, para não gerar mal estar. Mas, afirma:

Eu vejo como positivo pro aprendizado mesmo; desafio não. Eu acho que se você sabe usar aquilo, com certeza acrescenta para equipe, porque a visão de homem e mulher numa prova dessa não é melhor nem pior, são diferentes. Dependendo do trecho, ajuda mais o jeito de uma mulher lidar com uma situação do que um homem lidar com a situação, ou o contrário também.

6.1.4 - Rodrigo

Rodrigo tem 31 anos, é educador físico e desde 2004, é corredor de aventura. Iniciou nas atividades físicas aos nove anos treinando karate. Aos 13 anos começou a treinar futebol de campo no São Mauro F.C. e aos 23 anos, quando parou o futebol, começou a treinar triathlon. Nos treinos de triathlon tinha um amigo que já participava das corridas de aventura e lhe contava como era a prova; ele somente acompanhava pela televisão. Mas no final de 2004, em uma sexta-feira, esse amigo lhe chamou para

participar no sábado de uma pequena corrida de aventura. Acabou indo e participou como dupla masculina.

Teve bons resultados nesse ano de 2004 alcançando a segunda colocação no campeonato como dupla masculina e em terceiro lugar na categoria geral. Em 2005 fez a sua primeira prova de média duração, com quatro integrantes. Em 2006 fez a sua primeira prova longa de cinco dias e, atualmente, continua a correr aventura.

Decidiu optar pela corrida de aventura ao invés do triathlon, por ser um esporte praticado em grupo, na natureza – que lhe possibilita o contato com paisagens que, de outra forma, nunca iria apreciar - e pela questão da superação dos limites. Afirma que a questão da superação é muito enriquecedora e atribui a isso ao principal motivo para praticar as corridas de aventura: “de você se superar a cada dia. Isso trabalha a mente de uma forma gigante. Assim, você pega e leva pra sua vida, então sempre que tiver uma coisa na sua vida assim tipo uma barreira, uma dificuldade, você tem um pouco mais de facilidade pra superar”.

Quanto às experiências importantes afirmou que seria esta, que estava para participar, por ser um campeonato mundial e o nível das equipes ser muito alto. As melhores equipes do mundo estariam nessa prova. E isto faz com que esta seja a mais importante de todas que já participou.

Uma vez por mês tentam se reunir para treinarem juntos. E durante a semana se revezam para treinar em duplas de maneira que todos possam treinar com todos. Mas afirma que, por causa de seus horários e de sua agenda de trabalho, treinou mais sozinho do que com os demais membros da equipe. Treina todos os dias, seguindo uma agenda pré-fixada. Na segunda, quarta e sexta (ou sábado) treina corrida; de terça, quinta e domingo treina remo e vai intercalando o treino de *bike*. Seriam aproximadamente três dias fixos na semana para treinar remo, *bike* e corrida. Pouco treina a técnica. Fizeram apenas um treino na praia para remar com vela, e experimentar o tipo de tênis, meia e outros acessórios e equipamentos. Afirma que é difícil fazer treinamento tático em corrida de aventura porque a tática a ser utilizada é somente definida no momento em que se pega o mapa, isso é 24 horas antes da largada.

Em suma, já corria com a equipe em diferentes formações desde 2006. Foi conhecendo os membros da equipe aos poucos em diferentes corridas. A perda de patrocínio dificultou a formação da equipe e até mesmo a participação na prova. A escolha foi feita pelos atletas de base da equipe: aqueles que mais corriam entre os oito que dela fazem parte.

No que concerne os problemas que podem ocorrer, afirma que tudo pode ocorrer, pois a corrida de aventura é um esporte com um leque de muitas modalidades, com grandes possibilidades de erros. Por exemplo: alguém passar mal, pode faltar de água ou tomar água contaminada, a *bike* quebrar, errar o caminho, perder o mapa, o atleta “quebrar”. A previsão ser de calor, mas chover e fazer frio.

Para não ser pego desprevenido, com a experiência que tem sabe o que levar em sua mala e mochila para não passar frio e enfrentar a chuva. E, também, por experiência, consegue saber o limite de seu corpo e quando vai “quebrar”. Por ter passado por várias situações de prova sabe que existe um “pico”, um momento crítico da prova. Quando o atleta está no “pico” ele pensa que não pode continuar e que vai desistir. Mas após passar por essa barreira, o atleta segue e ganha mais confiança para seguir. Afirma que saber que vai passar por isso já é uma maneira de se preparar: “Porque eu já sei que eu vou passar por isso, eu sei que aquele momento crítico vai passar.”

Quanto a ter uma pessoa do sexo oposto, afirma não saber o motivo dessa regra: “Não sei, sinceramente falando, porque tem que ter uma mulher na equipe”. Mas acredita ser positivo, porque a mulher consegue nivelar o rendimento físico; ela equilibra e não deixa ser somente uma prova de força física.

6.2 – A coesão grupal ideal: a perspectiva dos atletas

Para Xikito, coesão é estar diante uma dificuldade, adversidade, carregando uma mochila com 15 quilos, sem dormir, com fome, sede, no meio do nada e todos da equipe serem as mesmas pessoas que são quando não estão nessas circunstâncias, também, de não desrespeitar o outro da equipe: “Eu acredito que uma equipe ideal é uma equipe que chega nesse tipo de adversidade, de circunstância, consegue passar por isso sem... sem ser deselegante com o outro parceiro”; “Em qualquer circunstância você é a mesma pessoa, não muda. Eu creio que isso... isso é uma equipe ideal pra correr.”.

Portanto, uma equipe coesa é aquela em que o respeito se faz presente e, a equipe, diante de um inesperado ou uma grande dificuldade, venha a reagir da mesma maneira que diante uma situação esperada, de uma situação fácil. Resumindo em palavras-chave, para Xikito, a coesão ideal é composta por: respeito e serem os mesmos diante das diversidades.

Para Rafael, equipe coesa é aquela que, antes da prova, consegue fazer todos integrantes terem compromisso com o objetivo. Em segundo lugar, há que ter respeito para com todos e, terceiro, ter confiança no outro. Durante a prova, é preciso manter essas três características em situações de privação, com as dificuldades que vão aparecendo, com o cansaço, com o estresse e com situações que vão além da zona de desconforto.

Afirma que se com todas as dificuldades que a corrida oferece conseguirem manter o compromisso com o objetivo, o respeito e confiança entre todos e uns com os outros, cuidando para manter um clima de amizade, de energia legal e um clima gostoso de conviver, a equipe é coesa. Resumindo em palavras-chave, Rafael atribui a coesão ideal ao compromisso com o objetivo, respeito com todos, confiança no outro e o cuidado de manter um clima positivo entre todos.

Tessa diz que um dos maiores desafios da corrida de aventura é a questão da equipe: “você acha se uma pessoa corresse sozinha ela chegaria na frente de todo mundo; ok, não interessa, não adianta. Você precisa que a equipe inteira ande junto e chegue junto e todo mundo tem que saber disso”. Aponta para a questão de cada atleta ter um rendimento diferente do outro e por ser mulher também é diferente, sendo que um atleta pode estar rendendo pouco naquele momento, mas em seguida voltar a render. Com isso há uma oscilação grande na equipe.

Explica que essa oscilação, se não levada em conta, pode fazer com que aquele atleta que já está rendendo pouco venha a “quebrar”. Seja devido à questão física (por excesso e desgaste) ou à questão psicológica de acreditar não ser mais possível continuar e desistir de correr. Por isso, afirma dosar o ritmo e prestar atenção em todos da equipe. Assegura ser necessário um dinamismo para que todos se comuniquem ou, sem precisar falar, diante da dificuldade ou cansaço, alguém já pega a mochila do outro, divide o peso ou lembra aos demais a necessidade de comer e hidratar: “Tá todo mundo focado na prova, mas você tem que saber o que está rolando, você tem que saber como as pessoas estão sentindo. Agora quanto mais unida a equipe, mais você saca essas coisas sem ter que ficar conversando, entendeu?”. Acrescenta, ainda, que “As pessoas, elas aprendem a cuidar da equipe como um todo, você não pode ter um pensamento individual”.

Resumindo em palavras-chave, Tessa concebe a coesão ideal como: manter um equilíbrio no ritmo de prova, cuidar uns dos outros e todos devem saber o que o cada um está sentindo sem comunicar.

Rodrigo declara que equipe coesa e unida é aquela em que seus membros estão sempre se ajudando, um ajuda o outro e vice-versa.

Nas palavras do atleta:

Equipe unida é um saber ajudar o outro na hora que precisa; saber ajudar na hora que tem que ajudar. Equipe unida é aquela que sabe que o outro está precisando de apoio. Tem que saber se doar também e não esperar o outro pedir ajuda; sempre ir ajudando. Quando o cara tá cansado, tá mais lento, você não vai esperar o cara pedir pra você ajuda. Em uma equipe unida, bem sintonizada, o cara começa a perceber isso e fala: ‘ô vem cá, você tá bem, tá cansado?’ ‘Estou cansado’. ‘Então faz o seguinte: me dá sua mochila que eu levo, aí você vai respirando um pouquinho e depois te dou’, então é equipe unida, equipe que se ajuda.

Resumindo em palavras-chave, para Rodrigo, a coesão ideal é um ajudar o outro.

6.3 - A coesão grupal vista a partir dos episódios vivenciados durante a prova

A partir da entrevista grupal feita após a prova, foram identificados 16 episódios aqui apresentados na sequência em que foram relatados.

Episódio 1

Rafael: ... vamos falar de nós...

Rodrigo: A idéia ali é a gente ficar na parte da frente da prova, entre os cinco primeiros, então na hora que largou, então o grupo ali...

Tessa: Essa era a idéia, é?

Rodrigo: Ah, vamos por a idéia...

Rafa: ... desde que não fosse absurdo, então pra nós o ritmo estava bom e ter a consciência ali da gente querer ficar na...

Alexandre: ... ponta.

Rafa: Não... atrás... botando a cara no vento, ficou filão aí depois refez, mas aí a Tessa ficava sempre abrigada. O Xikito no começo, na loucura dele, queria ir na frente e se ligou e ... vem pra trás, vem pra trás, não se estressa não. Ele ficou se cuidando ali que... olhando o outro, as paradinhas que fazia: “vamos tirar areia?”, né, 1-2-3 e já, parava, tirava e não perdia tempo, perder 15, 20 segundos ali na prova não fazia influência, mas ali pra ficar no pelotão, andando na frente, ganhando moral e ainda assim botando respeito foi legal, foi bom.

Tessa: Eu acho que a gente, opa...

(interrupção de uma terceira pessoa e conseqüentemente no assunto)

Neste momento podemos observar a falta de comunicação sobre as estratégias adotadas no começo da prova: para dois integrantes a estratégia estava “definida”, para os outros dois nem tanto (Xikito queria ir na frente e Tessa não sabia da estratégia).

Episódio 2

Tessa: Pode deixar, pode deixar. Eu acho que, na verdade, a gente começou a prova, bem ou mal, foi assim. A gente juntou a equipe, a gente nunca... apesar de todo mundo acreditar, eu acho que a gente tinha um pouco de medo até de falar qual que era a

expectativa da equipe. Era um pouco a sensação que eu tinha, porque a gente tinha uma expectativa alta. A gente não sabia como que ia ser bater ali nos gringos. A gente acreditava, porque a gente tinha experiência internacional e tudo o mais, achava que dava. Mas é aquela coisa, né, você tem medo de... não fala do trânsito porque para logo na sequência. Então você... acho que tava um pouco nessa, né, ninguém nunca falou abertamente aqui: “vamos chegar entre os cinco, vamos chegar... vamos brigar pelo primeiro?”

Rafael: A idéia era ficar entre os dez, mas falar...

As metas e objetivos devem estar claros para todos os integrantes, a fim de que todos se esforcem (uns mais, outros menos) na busca das mesmas metas e objetivos. Se não, cada integrante segue por uma direção e esforço diferente ao benéfico para a equipe. Ter metas e objetivos comuns contribui para que todos permaneçam unidos em sua busca.

Episódio 3

Rodrigo: Você tem que ter a consciência de que você é bom...

Tessa: Acho que a gente tinha. Mas, até pelo fato da gente ter montado a equipe, de ter feito uma prova antes dessa prova juntos, né, foi uma coisa meio assim... a gente não tinha essa...

Rafael: ... segurança.

Tessa: ... até pelo conhecimento tanto da dinâmica da equipe, quer dizer, muita coisa a gente foi sentindo nessa prova, é uma equipe super nova mesmo.

Os sentimentos devem ser levados em consideração por toda a equipe, devem ser administrados, tanto os de insegurança, quanto aos sentimentos gerados pela recente formação.

Episódio 4

Tessa: Esse ano, especialmente, né, quando a gente começou a pensar em fazer a prova, eu conversei com o Rafa e tudo o mais. Assumi um compromisso com ele; eu falei: “puta, eu vou me preparar como nunca pra essa prova, eu estou louca pra fazer essa prova, vamos fazer”. E eu só entro numa prova dessas com gente que eu confio, com gente que eu sei que vai valer a pena, não quero fazer pra completar, ou pra fazer mais uma prova. Eu quero fazer “a prova”, porque eu acho que vai ser minha “última prova”. Foi o papo que a gente teve, né; eu falei, vamos lá e minha intenção era ta... chegar pra uma prova dessas focada, só pra isso. Agora, esse ano, especialmente, tinha muita coisa rolando na minha vida, muita coisa grande rolando na minha vida, né, tanto na parte profissional quanto pessoal que complicaram um pouco isso. Acho que foi complicado pra muita gente da equipe, né. O Rafa também está com várias coisas pessoais rolando aí, bem ou mal, tira um pouco da atenção, do teu preparo, do teu foco ali, né. E você pode até fazer todo o treinamento, mas se a tua cabeça não tá ali, você compromete a tua concentração, o teu preparo. Então eu acho que um pouco nisso acho que acabou afetando o meu envolvimento, acho que eu não tava do jeito que eu gostaria de estar. Eu acho que, até durante a prova eu acho que eu tava com uma paciência muito curta com muitas coisas, eu não tava... não sei, acho que em muitos momentos eu não fui das melhores companhias para os meninos. Mas eu não tava com muitos dedos também porque não tinha fôlego pra ficar com muitos dedos.

Xikito: Então, você continua sendo elegante mesmo não tendo muita paciência, eu não percebi, não.

Rafael: E continuava elegante ficava mais... mais ainda, mais simpática.

Alexandre: Eu acho que não foi tão deselegante assim não pelo jeito.

Os determinantes situacionais, ou seja, os antecedentes têm influência na coesão grupal e na performance dos atletas, o que pode se visto nesta passagem. Porém, os integrantes respondem aos antecedentes que podem prejudicar, acolhendo e elogiando. Contribuindo para a coesão grupal.

Episódio 5

Rafael: Vamos lá canoagem. Nós entramos na água primeiro, entramos em terceiro já, tava tudo junto, meio embolado assim. Nosso remo não é forte comparado com outras equipes, nosso remo assim comparado com nosso nível de corrida e de bike, mas o remo não é grande coisa, já imaginávamos que não íamos render muito, que isso ia aparecer conforme fosse suspendendo, cara, você andou duas, quatro, cinco horas, vai aguentando, vai aguentando, vai piorando, isso repetiu. Mas eu, particularmente, tive uma diarreia que nunca tinha tido até então, até achei que eu estava meio fraco: diarreia, dor no estômago, pulei na água brrrom diarreião. Aí fui pulando na água mais algumas outras vezes, aí me deixaram. Eu não conseguia render no remo, aí fiquei preocupado que além do remo já não ser forte, no meio do pelotão, mas eu... sabe aquele negócio ali, não sabia, se ia parar ou se... não, se ia continuar aquilo ali, Xikito até falou uma hora: "vamos trocar de barco, e agora o Rafa foi ficar doente, agora fodeu". Doente não, doente não vou ficar não, graças a Deus realmente terminamos o remo, chegou o momento, próximo de amanhecer, era umas 5 hs, a gente tava no ritmo, que era "expirador de água", a pá água, não conseguia puxar, e eu tentava puxar, não rendia nada. Tudo travado como se tivesse a técnica sei lá, mas ... algumas equipes passaram aí dei uma acordada, dei uma despertada pra gente tentar novamente encaixar um ritmo um pouco mais forte... e aí o lance é seguir e terminar aquele remo, que eu imaginava que depois que terminasse a gente ia voltar a estar bem na prova, porque a pausa que a gente tinha programado dormir, pra ficar parado quatro horas, oportunidade de dormir. Aí depois de uma sequência de modalidades que a gente tinha passado bem forte, como o *trekking* e a *bike*, então era quando a gente voltaria pra prova, e foi o que aconteceu, né, terminamos a água bem desgastado, ainda com a diarreia, mas depois que paramos pra dormir ali, foi uma boa...

Ao narrar um episódio crítico, o capitão da equipe, aborda a dimensão de cooperação referindo-se à ajuda de Xikito em um momento que estava se sentindo enfraquecido. Uma atitude que contribui para a coesão e para a performance da equipe.

Episódio 6

Rafael: Eu acho legal esse esquema que o sono à noite, principalmente no remo, e aí de certa forma todo mundo preocupado em aporrinhar pra tentar não dormir, então brigava, brincava, gritava, zoava, iphone, tentava falar, fazia tudo que era possível...

Tessa: Ipod.

Rafael: O importante essa atenção não só ali, mas em todas as noites. Saber que vai virar a noite, pronto, começa a ficar numa desgraça de sono, mas seja brigando ou tirando sarro ou brincando tem que tentar manter acordado.

Alexandre: Aí todo mundo tentava fazer alguma coisa: todo mundo vamos lá vamos lá...

Rodrigo: Vamos lá não! Acorda filha da p...

(Risadas)

Rafael: ... mas eu sempre falo pode se quiser até dar tapa na cara, grita, grita mesmo, porque você grita dali a um minuto já estão dormindo de novo. Já teve noite que eu passei assim com o Rodrigo, no remo lá, ano retrasado, o cara foi remando e eu: “acorda, saci, acorda, saci”, três remando e um já tava fora.

Tessa: É literalmente. Não é exagero.

Rodrigo: ... era tão grande que até você remando você apagava. Não é por ser sacanagem é que era tão pesado, que até remando você desliga, quando acorda você... é horrível isso.

O sono é um dos pontos críticos nas corridas de aventura. Fica claro nesse episódio que o Rafael tem dificuldade em administrar o sono. A equipe, que já sabe deste incidente, contribui para mantê-lo acordado. Desta forma todos os integrantes se juntam para ajudá-lo a superar o sono. Trata-se da dimensão de cuidado com o outro, fazendo valer a coesão grupal.

Episódio 7

Tessa: Teve uma coisa que eu não achei que foi, que foi aquele problema da estratégia que a gente mudou o caminho, né. A gente tinha traçado, a gente analisou, eles viram o mapa tudo o mais antes da prova. Tinha definido o quê que a gente ia fazer e tudo o mais, e chegou ali na hora, no calor do momento, a gente optou por outro caminho, né...

Rafael: Não faço isso, porque já planejei antes, não preciso mudar em cima da hora.

Tessa: ... com base de uma informação de uma moradora local, né. Ela insistiu no negócio e aí até pelo Rafa nunca fazer isso, é uma coisa que eu fiquei muito estranha, eu fiquei perguntando, eu estava remando com o Xikito na hora, eu fiquei, aquilo... eu fiquei travada, né, como... pra onde a gente está indo, o que está acontecendo, não ta batendo nada o que foi planejado. E não é uma coisa que o Rafa costumava fazer, então ali no começo deu uma abalada ali, que ficou esquisito, porque não era uma coisa que você costumava a fazer. Uma coisa que não deu certo no final, então acho que isso foi uma coisa negativa do primeiro remo.

Alexandre: Acabou não dando certo.

Rafael: Uma rota de frente ali, tinha imaginado uma coisa, chegamos afobados na transição. Então foi uma pescadora, o pessoal que morava lá, e eles deram uma outra rota, então foi tudo uma questão da maré, né. Não sabia como a maré ia se comportar dentro daquela rota ali, então quando veio a opinião da mulher, ela disse vai por ali por causa disso e daquilo, achei coerente, e arriscamos por lá, mas no final não foi melhor não, foi um caminho mais longo...

Tessa: Pegamos um vento lá e perdemos um tempo aí dos líderes. Agente entrou junto na água, eles abriram um tempão ali.

Podemos observar neste episódio o respeito pela decisão do capitão da equipe. As decisões tomadas pelo líder devem ser seguidas para que todos concentrem seus esforços na mesma direção, contribuindo para a coesão grupal voltada para a tarefa, ou seja, voltada para realizar as tarefas necessárias e executar metas e objetivos.

Mas indica, também, uma falta de comunicação explicitada por Tessa: “eu fiquei perguntando, eu estava remando com o Xikito na hora, eu fiquei, aquilo... eu fiquei travada, né, como... pra onde a gente está indo, o que está acontecendo”. A interação

pode ser uma aliada para favorecer a dinâmica do grupo, diminuir incoerências e administrar sentimentos e conflitos.

Ainda sobre este episódio, podemos observar outro fator que não contribui para a performance e/ou coesão grupal: mesmo que alterar o planejamento não seja uma prática comum da equipe, ou do capitão, deve haver certa flexibilidade por parte dos integrantes para as situações inesperadas. A flexibilidade permite que as tarefas, mesmo que seja diferente daquela combinada previamente, sejam cumpridas e não desestabilize os sentimentos e emoções dos integrantes da equipe. Quando, Tessa afirma, que ficou travada, diante do inesperado, nos mostra, neste episódio que não houve flexibilidade.

Episódio 8

Rafael: Evoluiu. Xikito, sempre foi forte, era forte fisicamente, mas faltava a navegação pra ajudar.

Tessa: Ele supriu bem legal essa parte, mas aí o Xikito tem um probleminha.

Rodrigo: Ansiedade, ele é meio ansioso, né.

Rafael: A gente já tinha falado, a gente só confirmou, a gente já tinha visto, que é: juntou uma equipe do lado...

Rodrigo: Por que você faz aquilo?

Xikito: ah, nada...

Rodrigo: ...não, não pera, por que você faz aquilo? Não, o caramba.

Alexandre: Não entendi, o que você falou?

Rodrigo: Por que ele faz aquilo? Que pega o pessoal, vai com o pessoal e larga os outros lá atrás e junta com a outra equipe...

Tessa: Ele esquece que tá correndo com uma equipe...

Rafael: Junta uma equipe e ele quer ir junto. Passou alguém mais forte, ele quer grudar e quer ficar junto e quer...

Rodrigo: ... não, é sério...

Rafael: ...ir com os cara, e vai botando pressão, mas andando junto

Alexandre: ... ai ele vai embora com outra equipe...

Tessa: ...porque na verdade assim, o Xikito...

Rafael: ...vai, ele vai, vai e você fica

Tessa: ...mas o problema, que além disso ser contra as regras, é que o Xikito tem força. Ele tem fôlego para ir na frente e pra passar essa galera, então entendo como frustrante pra ele ver uma equipe passando que ele poderia... que ele poderia ganhar. Só que... infelizmente isso é um esporte de equipe, e a equipe toda tem um ritmo que não dá pra quebrar, né. Então, o fato de, às vezes, o Xikito sair e abrir desse jeito faz, às vezes, quem tá mais fraco, quem tá com mais sono, quem tá cansado, quem tá se sentindo fisicamente mal, quem tá doente, se sentir muito pior, né, que se sente culpado, fica ruim, a equipe toda quebra, você perde a liberdade...

Rafael: ... é... ou alguém que está num ritimozinho se esforça um pouco demais, mas o suficiente pra destrambelhar...

Tessa: ...E ai você perde o ritmo de prova...

Rafael: ...e esse pouquinho a mais seria culpado de parar nossa equipe suficiente de atrapalhar nossa equipe, então não é prudente levantar o ritmo naquele momento. Pode ser dali um período, meia hora, uma hora, e a coisa volta.

Tessa: É o momento, coisa da equipe estar passando, às vezes, eles vão passar mais forte, isso é uma coisa que acontece, e muitas vezes acontece também de você estar num momento de navegação delicado e tudo o mais, que você prefere deixar o pessoal passar pra não afetarem a tua navegação; não afetar o que a tua equipe tá pensando, fazendo, a tua logística. E o Xikito saía nessa porra louquice; não tem tempo de parar pra fazer mais nada e acho que umas três vezes a gente perdeu por causa desse veneno, né, que sai no veneno de pegar a galera e você acaba perdendo mais do que ganhando e nisso a

gente desequilibra que até você achar o menino lá na... né, na base do apito, fazendo ele voltar, torcendo para as outras equipes não ficarem mais bravas ainda. Aí ele volta, aí você... ainda rola aquele clima que você fala “porra”, aí o cara ainda fica chateado, aí fica aquela coisa tipo, aí você tem que recuperar o astral da equipe, recuperar o equilíbrio, é um desgaste que não precisava, e então, neste aspecto o Xikito acho que ainda é muito individualista, faltou o espírito de equipe aí em alguns momentos.

Rodrigo: Muito bem.

(risadas)

Rafael: Muito besta, né.

(pequena pausa)

Alexandre: E aí Rodrigo quando aconteceu isso o que você falou pra ele? O Xikito saiu correndo e depois de meia hora que encontraram com ele: “e aí?”

Tessa: O Rodrigo não fala.

Rodrigo: Não falo. Ou eu falo ou eu ando, então é melhor andar, né.

(risadas)

Primeiramente um elogio – feito pela Tessa e Rafael – e depois a crítica feita por todos os integrantes da equipe ao comportamento de Xikito durante a prova. Assim como afirmou Tessa, esta é uma atitude individualista contrária a coesão grupal.

Neste episódio podemos observar a atitude individualista e suas consequências para a equipe; um ponto crítico que os integrantes não souberam administrar durante a prova, que interferiu na dinâmica, tanto emocional quanto fisicamente e no rendimento da equipe. Ainda sobre este episódio, podemos observar a falta de comunicação durante a entrevista (quando o Xikito é questionado e não responde) e durante a realização da prova para evitar que o Xikito saia sozinho em disparada.

Episódio 9

Tessa: Rodrigo não fala, quem fala sou eu, a pessoa que fica mais brava na equipe, por isso me sinto mal, sou a única que fala lá, eu falo que o pessoal tá pensando, falo acho que demais.

Alexandre: Você é a única que traduz tudo o que está acontecendo e acaba levando a culpa?

Tessa: É, não sei, mas eu falo...

Rodrigo: ...aah não..

Tessa: ...eu falo porque é o meu jeito, eu não fico engolindo também não, aí chega falo um monte de bobagens também e aí passa. Eu não consigo ficar quieta, mas daí passa.

Alexandre: Como vocês vêem isso, porque ela falou, ela acaba falando aquilo que está se passando e está pondo pra fora, como vocês vêem isso, como positivo, negativo?

Rafael: Pra mim é positivo, pra mim tem que por pra fora, o que ela ta falando é justamente o que está pensando, às vezes não é, mas também é bom porque tem alguém pra por fora.

Rodrigo: Não pode pensar que ela ta falando: “ah, vamos lá, ah, ta tudo bem, ah, vamos lá”. Precisa dar uma estilingada pra ser... sair andando, né, “vamos, vamos, vamos”, não dá, né, só ficar passando a mão na cabeça que vai resolver, não dá, precisa dar uma chadinha de vez em quando pra... por mais que você não goste, está cansado, tá meio estressado, você entra aqui e assimila e vai embora, é importante, é importante, é bom sim.

Alexandre: E aí Xikito?

Xikito: Eu concordo com os dois.

(risos)

(pequena pausa)

Alexandre: Que mais gente. Existe algum ponto mais interessante aí, alguma coisa assim lá da prova que a gente pode resumir. Porque naquele esquema que a gente estava fazendo ia demorar mesmo.

Tessa: Vamos aproveitar que a gente tá falando de tudo também, vai. Já que vocês não falam, caramba, só eu que falo, só eu que vou queimar o filme aqui na fita, eu vou falar então...

Alexandre: É como a gente estava falando, é você que estava traduzindo, falando pela equipe...

Rodrigo: As coisas a sua volta.

Tessa: É, mas é... não, não, não, não, depois só eu que lavo a roupa suja aqui, agora..., quero escutar vocês também.

Xikito: É só pegar o sabão e a escova, continua.

(risos)

Podemos dizer, a partir deste episódio, que Tessa assume ou é levada a assumir uma posição – aquela que “fala” – e não sabe ao certo como suas atitudes repercutem na equipe. Assim como no relato de Tessa sobre a corrida e na dinâmica que se configura na entrevista grupal, ela é a que mais se comunica e expõe os fatos e sentimentos que estão acontecendo, aceitando ou não esta posição, os demais respondem demonstrando apoio e dizem ser necessário, o que por sua vez, reforça seu posicionamento.

Ao fazer uma avaliação de suas atitudes, Tessa, de certa forma, faz com que os integrantes lhe forneçam *feedback*. O *feedback* é uma das ferramentas para aumentar a coesão grupal que, neste episódio, é feito e reforçado pelas repostas de apoio e elogio dos demais.

Episódio 10

Tessa: Acho que tem uma coisa aqui que ficou faltando assim também, eu acho que por exemplo, o Rafa, eu tava falando, ele melhorou muita coisa que eu achei super legal, ele antes, a gente sempre reclamou muito com ele, a gente falava: “pô, Rafa”, ele era o Xikito 2, né, ele sempre fez a prova super individual, e acho que parte disso... isso dava um puta sono pra ele, porque ele ia sozinho na frente, navegava sozinho, não falava com ninguém, não dividia nada com ninguém, a gente sabia que não era que ele tava bravo, por nada, era o jeito dele, mas...

Alexandre: ...na concentração ali...

Tessa: ... mas essa falta de interação fazia ele ficar assonado, desligado da equipe, né. Não sentia o ritmo da equipe, não tinha essa troca, e, putz fica difícil você sentir, né, o que tá rolando com a equipe toda, isso é essencial pra você ter um bom desempenho ali do grupo, nessa prova ele... era outra pessoa, eu fiquei impressionada, o capitão tava junto toda hora, cantando a navegação, o que tava rolando...

Alexandre: ...tava liderando mesmo...

Tessa: ...chamando o pessoal, tava... nisso estava mais presente. Mas em compensação ele tem um lado que eu acho que falta um pouco disso. Ele, apesar de ele ser capitão da equipe, ele não tem a mão firme pra muita coisa, então eu vejo na cara dele, tipo as coisas quando está incomodando, quando o Xikito abre, ou quando alguém tá demorando pra fazer alguma coisa, não sei o que, e que tá me incomodando também. Eu fico lá nervosa e falo uns negócios, eu fico nervosinha, e ele fica do lado assim, né, eu: “capitão, fala você, caramba, porque os caras não escutam”, aí ele vai lá e fala.

Alexandre: Ele tem a voz mais forte, né?

Tessa: É, porque eles respeitam o capitão. O capitão não chama a atenção.

Rafael: Nós não temos o que falar, realmente, pra não desestabilizar, de repente quebra o clima e dá uma abalada...
(pequena interrupção para cumprimentar o Mauro - apoio)
Rafael: ... tem coisas que tem que falar... mas, às vezes... se eu falar dou uma explodida e... pode ser que de uma abalada, o que falou foi demais, aí fala: não... deixar passar...
Tessa: Mas acaba falando de menos.
Rafael: É, falando de menos.
Tessa: Você fala bem de menos, fica calado com aquela coceira assim...
(risos)

O elogio seguido de crítica demonstra cuidado e respeito pelo outro integrante da equipe, que novamente, é feito pela Tessa, o que vem a ser positivo para o “clima” social da equipe. Ao criticar Rafael, Tessa aponta uma falta de liderança e/ou comando por parte do capitão da equipe e como isso repercute na equipe e em si. Como demonstrado por Tessa a falta de liderança pode ser prejudicial para a equipe e contribuir para a falta de coesão para tarefa.

Ao fazer a crítica, Tessa posiciona Rafael como o integrante que deveria ter a “voz de comando” sobre os demais e que não utiliza essa posição em prol da equipe. Rafael assume que em alguns momentos não lidera a equipe como gostaria.

Episódio 11

Alexandre: Como você vê esse equilíbrio assim, de isso, de fala menos, fala mais, fala... não precisa falar mais, não precisa falar menos, fala que ta certo, já ta bom. Como que fica pra você isso?
(Risos por ninguém falar nada)
Rodrigo: vai, fala!
Xikito: Por que?
Rodrigo: Fala alguma coisa? Ta falando menos do que eu!
Xikito: que isso! Já fiquei falando uma hora para ele, fala você...
Tessa: Aliás, rola alguma nessa equipe, que era consequência disso que me incomodava um pouco. Os rapazes têm mania de não responder, caramba.
(risadas)
Tessa: Caraca, meu, e aí vai irritando porque não sabe se o cara não escutou ou se ele ta bravo e não quer responder, ou se... aí você fica: “Rodrigo, Roodriigo ou Xikito, Xikiiiiito porra Xikito, responde, caramba”. Aí o cara responde depois de mil anos. Hoje eu tava voltando pro meu negócio, tipo você fica repetindo o negócio, aquilo acho que te irrita mais e irrita mais a outra pessoa, então eu acho que é um gasto de energia essa coisa de não... né, você tem que ter uma prontidão um pouco mais, mas isso foi uma coisa que eu percebi na prova, foi a prova inteira assim, dava... Não sei porque cara, ninguém responde.
Rafael: ...se é noite também, é pior pra mim falar e fazer qualquer... durante o dia não... durante o dia é... normalmente a noite é mais difícil.
Alexandre: E aí Xikito você achou que a Tessa te irritava? Ficava gritando muito, te chamando, perguntando ou não?
Xikito: Não, não.
Tessa: Ele é cavalheiro, ele não vai falar isso.
Xikito: ... a mulher só me irrita quando... e... mulher fica chorando, choramingando. Ela se garantindo, já tava bom demais, podia fazer qualquer marmelada, que já tinha...
Rodrigo: ... tava com crédito.
Xikito: ... tava com crédito.
(risadas)

Xikito: Uma vez ela tava insuportável de forte.

(risadas de Tessa)

(pausa)

Alexandre: Xikito, você acha que conversando mais é melhor ou não?

Xikito: Não, eu to correndo, eu to correndo atrás, falar só o que for necessário e pronto, e vamos embora.

Neste episódio fica evidente a falta de comunicação entre os integrantes. A comunicação é o principal meio para se promover as tarefas da equipes e manter um clima favorável para realiza-las, quando a comunicação é deficiente a interação (que é a dimensão central da coesão grupal) pode não ocorrer, o que em alguns casos leva a equipe a sérios conflitos e até sua extinção. Caso a interação não consiga satisfazer minimamente as tarefas, execução de metas e objetivos, a razão da existir da equipe se desfaz.

O “não falar”, ou não responder quando questionado, é tido como uma falta de respeito à sua pessoa.

Episódio 12

Alexandre: Quais foram os momentos mais críticos da prova?

Tessa: O rio.

Rodrigo: O rio e o *trekking* lá do rapel.

Rafael: O *trekking* do rapel a subida, que a escalada lá foi...

Rodrigo: ... pesada.

Rafael: ... foi pesada e um trecho perigoso. Um trecho muito quente e que a gente tava próximo da terceira colocada, quarta colocada, um mapa perigoso que... que valeu e aí depois mais um trecho de subida que era desgastante... pra caramba... trilha no meio do mato, muito sol quente...

Tessa: Tinha pouca água.

Rafael: Água limitada, isso até quando chegava lá em cima, no alto. O Xikito tava bem, a hora que viu de novo os caras queria correr...

(pequena interrupção, Mauro se junta a mesa, para tomar o seu açaí na tigela.)

Rafael: ... quando nós chegamos lá no alto estava desgastado eu e o Rodrigo, estávamos cansados, estávamos... mas tava quente, fervendo, e o Xikito tava correndo, querendo correr, mas puta... ali não dava pra correr, porque se fosse correr iria faltar em algum momento...

Tessa: E o Rodrigo também sem água. Deu um problema na transição com a caramanhola e ele começou a passar mal. Tava desidratando. Então... tem que considerar tudo isso, não dá pra quebrar isso.

Rafael: No momento que a gente estava próximo do terceiro, mas também junto com o quarto, quinto e o sexto, mais ou menos na quarta, juntos, acha que pode chegar em um e chegar em outro. Mas forçar ali também ia faltar depois.

Rodrigo: Então tem que achar um limite. Você precisa ter um nível pra chegar pra frente, recupera, e faz a prova melhor, porque se matar ali acaba não... quebrado, destruído, perde a prova inteira. Daí tinha mais um dia, um dia e meio de prova, então tinha que tentar levar o máximo possível, não que fosse tão confortável assim, mas...

Tessa: Nessa situação que acho que a coisa fica séria, né, porque você tem que pensar, quer dizer, você pode estar se sentindo bem, mas você tem que pensar com a cabeça na equipe, né, você vê que o Rodrigo estava realmente desidratado. Foi um trecho seriíssimo ali de falta de água. Ele tava tentando não acabar com a água do resto da equipe, né. Mas ao mesmo tempo também tem que levar o cara, tem que hidratar o cara, não dá pra você abandonar o cara sem água, né, então a gente tava todo mundo

dividindo água e tudo o mais. Mas ele tava com menos água de qualquer jeito, o cavalo louco aqui tava querendo arrebentar o ritmo na frente, porque tinha umas equipes na frente. Ele tava se segurando lá, mas nessa hora você tem que ter acho que o sangue frio de, né, de pensar não: o ritmo da equipe não é o meu ritmo, então... acho que é uma coisa que rola em vários momentos da prova, tipo que tem momentos na prova que eu posso estar melhor que o Rodrigo, em outro ele estar melhor que eu, tem que saber que uma hora vai ser outra pessoa que vai estar lá atrás ou vai tá lá na frente, o que conta é o ritmo da equipe e não o teu ritmo.

Rafael: Até minutos antes da *bike*, a gente desceu a serra de Ubatuba, aquela *bike* curta de uns 45 km, chegamos na casa dos porquinhos, que era quente, aí saiu meio forte, aí o Rodrigo disse para não ir forte nos 26, 27, não, apenas 22, que a Tessa andou sozinha, começou a fazer o *trekking* lá na frente, a gente estoura agora...

Rodrigo: ... pra classificação que ela vai

Tessa: Eu tava com um calor...

Rodrigo: A minha idéia ali era pegar você pro *trekking* seguinte.

Rafael: Diminuir 2, 3 km por hora a velocidade média, é...

Tessa: ... se não me quebra pra depois.

Rafael: Então, se não focasse ali, como é que ia saber aquele negócio. É melhor fazer meia hora do que...

Tessa: ... perde muito mais.

Rodrigo: ... então a idéia era aquilo lá, era muito melhor que tentar ir na frente.

Alexandre: Então, nesses momentos vocês acabam meio que, quem está mais forte, quem está mais fraco, vocês estavam meio que nivelando?

Rodrigo: Tem que conhecer mais ou menos o outro aqui tá mais forte, tá mais fraco e saber mesmo que equilibrar.

Tessa: Acho que uma equipe boa é essa, né, a equipe que todo mundo cuida de todo mundo, e ao mesmo tempo, quem está precisando de cuidado, não pode se sentir mal por causa disso, né, não pode se sentir...

Rodrigo: ... inferiorizado.

Tessa: ... não quer aceitar ajuda, prefere quebrar e passar mal do que... quebra a cabeça, né?

Rodrigo: Não pode ser tipo aquele orgulho assim, eu não quebro, eu sou fodão, não vou quebrar.

Tessa: Não aceita reboque, pede pra diminuir o ritmo, teve hora lá que eu pedi pra ele, gente, desculpa, agora eu não vou, é um desejo de cada um.

Rafael: ... tem que conhecer para saber, meu vai apertar ou não, não vai. Já tinha falado pra dormir beleza, pra forçar mais, deixar para à noite, porque à noite eu fico com sono, então...

Tessa: A equipe inteira tem que se privar, e todo mundo tem a maturidade pra saber que todo mundo ali, ninguém tá fazendo corpo mole, porque isso é importante. Às vezes você corre em equipe, se não é a equipe que você confia, que você conhece, você acha que o outro cara não está andando direito. O cara tá fazendo corpo mole; o cara quer que eu carregue o peso dele, né. Você fica, pô. Aqui é chato, mas aqui todo mundo sabia que tava todo mundo ali, todo mundo tinha trabalhado duro, e tava todo mundo querendo dar o sangue mesmo. Então, a gente confiava em todo mundo e isso faz uma diferença ali, acho que foi a primeira vez, realmente, que eu fiz uma prova dessas com uma equipe que me deixou satisfeita, de falar: “porra, uma prova que deu pra dar o melhor mesmo”.

Seguindo pela ordem em que relatam o episódio podemos perceber dois movimentos. Primeiramente, uma descrição do momento crítico e em seguida um consenso entre as falas, confluindo para o trabalho em equipe e como administram as diferenças entre as quatro performances.

Ao negociarem os sentidos e estes serem estabelecidos, cria-se uma espécie de normas de funcionamento que posicionam os integrantes a assumirem-nas, como por

exemplo: seguir um ritmo que todos acompanhem; todos cuidam de todos, não ter orgulho para pedir ajuda e não se sentir inferiorizado.

Podemos dizer que, ao relatarem o momento crítico e após explicitarem que todos se ajudam, com um sentimento de preocupação com o outro, há uma forte tendência para a coesão grupal. Neste episódio podemos perceber que, diante a dificuldade, o que prevaleceu foi a cooperação, a ajuda mútua.

Episódio 13

Alexandre: Outro momento crítico foi o segundo remo, né, o segundo caiaque, gostaria que vocês falassem um pouquinho desse momento, aí, vocês, Xikito, Rodrigo pra falar um pouco.

Tessa: deixa eles falarem Rafa, só vocês falam do caiaque... só vocês falam...

Rodrigo: ah, eu esperava que...

Xikito: ... (pequena fala inelégível seguida de breve risada)...

Rodrigo: ... o pior que foi um remo difícil no começo, mas depois um trecho remável assim, pelo menos metade do trecho, na pior das hipóteses, um trecho de 70 km. Você empurrando o caiaque, é difícil (pausa), é difícil Até no final a gente achou que tava no lugar errado, no lugar que agente saiu, ia pra tal lugar só tinha pedra, pedra, pedra. Duas coisas: uma equipe passou a gente, escureceu e ia baixando o rio. Ali deu uma baixada na moral ali grande, aquele trecho ali. Até aparecer uma equipe pra dar confiança, pra gente saber que está no caminho certo, demorou. Tava abaixado, tava todo mundo parado ali. Acho que foram perguntar, aí tava lá parado. Vocês dois estavam no caiaque, dormindo, ali tava lenta. Mas quando ela passou foi ruim, mas foi bom, deu confiança pra gente acreditar que era ali e ir embora. Porque ali faltava um empurrãozinho, ai deu aquele empurrãozinho pra o carro andar de novo. No finalzinho faltou um pouco de confiança ali.

Tessa: Faltou comida, faltou água, faltou...
(pausa)

Este episódio há um relato de um momento crítico da prova que não aborda diretamente as atitudes dos integrantes. Porém, podemos dizer que a falta de confiança, ou seja, o sentimento gerado pelo momento crítico não foi administrado pela equipe.

A interação entre os integrantes deve ser capaz de administrar os sentimentos gerados por toda e qualquer situação e tarefa realizada, para que não influencie nas próximas tarefas e situações. Quando Rodrigo relata “uma baixada na moral”, “faltou um pouco de confiança ali” e não apresenta um movimento por parte da equipe em alterar essa situação, podemos dizer que foi resolvida com o passar do tempo, não foi através da interação entre os integrantes que foi resolvida.

Episódio 14

Tessa: Faltou comida, faltou água, faltou...
(pausa)

Alexandre: É isso mesmo?

Xikito: É isso que ele tá falando mesmo. É, é.
(pausa)

Alexandre: É pra saber gente aqui que é o foco do meu trabalho, já meio que terminando. A equipe contribui, isso aqui é uma pergunta, a equipe, os quatro, né, essa união, contribui na superação dos momentos críticos, que nem do caiaque, e como, como a equipe... ela conseguiu chegar nessa superação?

Rodrigo: Um ajudando o outro.

Alexandre: Como que é isso, um ajudando o outro como? Como você ajuda, por exemplo, a Tessa?

Rodrigo: é que nem ela falou falou... isso acaba tentando deixar o ritmo da equipe mover, né. Deixando equilibrado, na verdade pra três muito forte, um lá embaixo, não consegue andar, o melhor é ter três mais ou menos puxar esse um, fica com o ritmo um pouco mais baixo, mas constante, a equipe ajuda bastante, pra recuperar, sem dúvida.

Tessa: Acho que não precisa pegar o ritmo. É uma coisa de acreditar, né. Tem gente que acredita em você ou você se sente cobrado, né.

Rodrigo: E passa a confiar também.

Rafael: É demonstrando cuidado, é oferecendo água, dando uma comida, ajudando a levar mochila, ou só de estar do lado ali pra manter acordado, estar do lado pra ficar junto no mesmo ritmo, nos momentos mais perigosos, então acaba passando confiança pra todo mundo só pelo fato de estar junto, por exemplo, a escalada que a gente teve, saindo dos porquinhos lá, era um momento perigoso. Mas tava um do lado do outro, vendo o outro, cuidado isso, coloca o pé ali, pisa por ali, acho que... algumas coisas ninguém pode fazer sozinho, tem que sempre ir na companhia de alguém e fazer em equipe..., que dá para confiar, se acontecer alguma merda, o cara vai ajudar. Isso faz a diferença. Acaba uma lanterna e não ter ninguém para iluminar, notando esse companheirismo mesmo.

(pausa)

Podemos perceber que a idéia de ajudar e ser ajudado está bem definida e é compartilhada por Rafael, Tessa e Rodrigo. Ao descrever como a equipe pode contribuir, Rafael explicita que é ajudando e demonstrando apoio, principalmente, nos momentos mais perigosos, “algumas coisas ninguém pode fazer sozinho, tem que sempre ir na companhia de alguém e fazer em equipe..., que dá para confiar, se acontecer alguma merda, o cara vai ajudar, isso faz a diferença”

Episódio 15

(pausa)

Alexandre: E pra você Xikito o quê que é? O que a equipe contribui nesses momentos mais chatos da prova aí. Contribui, não contribui?

Xikito: No meu caso eu tenho que... eu sei que tenho que ter mais um pouco de paciência, porque os dois primeiros dias pra mim é o pior. Eu vou com o objetivo de ir crescendo na prova e às vezes é... até um atleta da equipe não é assim, no terceiro dia, quarto dia, vou ficando um pouco melhor, mais dentro da prova. Então eu tenho que ter paciência pra saber que nem sempre a equipe vai se comportando, tendo um comportamento físico que eu estou tendo, entendeu? Então eu tento me controlar pra ter um pouco mais paciência pra ficar todo mundo junto, então esse é o equilíbrio que a gente está falando, de saber dividir a força e o ritmo, entendeu? Aí dessa forma você consegue fazer a equipe a andar direito.

Ao ser indagado como a equipe contribui, Xikito demonstra consciência de sua atitude individualista e o que tem de fazer para contribuir com a equipe. A possibilidade de adequar-se à equipe é imprescindível para a coesão grupal.

Episódio 16

Alexandre: É, isso aí... Tem uma coisa que ouvi de um outro atleta, que estava no apoio de uma equipe, algo mais ou menos assim, “na corrida de aventura, quando você tá ali sob grande stress, sob fome, sob falta de sono, você acaba conhecendo mesmo as pessoas e acaba vendo quem é o seu companheiro de equipe. Porque nessas horas não tem como as pessoas se esconder ou fazer que está tudo bem.” Isso aconteceu, isso acontece?

Tessa: Ah, com certeza, com certeza. Mas não quer dizer assim que você está correndo com... acho que até já falei isso; a gente sabe disso. Você tá correndo e (você) vira os melhores amigos para sempre. Não é essa questão, mas você conhece o caráter da pessoa, você sabe realmente quem a pessoa é, você sabe que você vai poder contar com essa pessoa quando a coisa complica ou não. É o que eu falo, tipo pra mim esses meninos aqui, puta eu confio neles no perrengue que eu tiver, eu sei que eu estou em segurança, eu sei que eles não vão me largar na mão, até porque eles pedem pra chegarem sem mim (risada), não mais é...

Rafael: Antigamente era obrigatório.

Tessa: ... muita gente que...

(risadas)

Tessa: ... mas é muita gente que... tem muita história de atleta que não é de uma prova... surta de uma maneira, tem comportamento, piti ou tem ciúme de equipamento, sei lá, coisa besta. Racional, esconde comida um do outro na equipe, aquela falta de espírito de equipe, que é uma coisa acho que básica, essencial pra você entrar numa coisa dessas. É o comprometimento que você assume, e que você descobre se a pessoa assumiu de verdade ou não no meio da prova, né. Agora quando você está no momento do perrengue e descobre que a pessoa não assumiu aquilo e que ela tá ali sozinha na prova, é uma coisa que é uma traição; você se sente traída, né, então, mas eu acho que para as equipes andarem na frente elas têm que ter isso. Acho que pra você estar andando lá na ponta, bater, ter alguma chance, você tem que ter esse comprometimento, esse compromisso e já conhece o lado de cada um desse jeito, desse caráter de cada um, nessa equipe eu não tenho dúvida não.

Xikito: Outro pedido é aquilo você estar com alguma mágoa, pode ser uma besteira, do nada, e você sai num circuito desse de corrida, a primeira chance que você tiver de...

Rodrigo: ... abrir a boca.

Xikito: ... dá umas porradas no cara lá, é a chance, é a grande chance, né.

Alexandre: É a hora.

Xikito: E a gente não tinha, pelo menos da minha parte, não tinha nenhum tipo de mágoa com ninguém aqui ó, foi... um dos motivos foi ter corrido com essa equipe, as últimas que eu estava se eu largasse com um cara daquele é... certeza que eu ia cortar a corda dele lá na prova é... levar morro abaixo, então é melhor não ir junto do que... entrar em crise...

Rodrigo: ... fazer besteira.

Tessa: Rapaz, alguém tira a faca do equipamento obrigatório do Xikito.

(risada)

Xikito: Não, é sério... eu acho que você fica muito louco. Se você vê ele na frente e tiver oportunidade de dar uma.

(continua a risada)

Xikito: Caramba, você caiu, meu, tem um buraco aí, quer ajuda?

(risadas)

Rodrigo: Né, Xikito, tem um buraco aí...

(risadas)

Tessa: É, isso não tem preço. Esses moleques aí quando querem saltar os bichos, falar bobagem, esse espírito de equipe ajuda também, viu?

Alexandre: Descontraído, fica mais unido, né.

(risadas)

Tessa afirma que a confiança e o comprometimento são essenciais para o bom funcionamento da equipe. Deixa claro que percebeu isto em todos os integrantes, demonstrando um bom clima de equipe e a coesão grupal. Xikito complementa afirmando que não tinha mágoa de nenhum integrante e esse é um dos motivos para estar nesta equipe. Ambos afirmam que já presenciaram muitas atitudes que não contribuem para a equipe - “aquela falta de espírito de equipe” - e que nesta equipe isto não ocorreu; desta forma, mostram que a coesão se fez presente.

Este episódio encerra a entrevista. Nele podemos perceber as brincadeiras e risadas que Tessa considera também ser benéfico para manter o espírito de equipe.

6.4 - Então, o que é mesmo coesão grupal?

Nas entrevistas individuais, cada atleta expôs o sentido que atribui a coesão grupal, são eles: respeito e serem os mesmos diante das diversidades (Xikito); compromisso com o objetivo, respeito com todos, confiança no outro e o cuidado de manter um clima positivo entre todos (Rafael); cuidar uns dos outros, todos devem saber o que o cada um está sentindo sem comunicar (Tessa), e um ajudar o outro (Rodrigo). Podemos também observar essas dimensões de coesão nos episódios ocorridos durante a prova relatados na entrevista grupal.

Elas permeiam, tanto o relato de cada um sobre a prova, quanto a dinâmica que se estabelece na entrevista grupal para falar sobre a prova. Como por exemplo: no episódio 7, onde os membros respeitam a decisão do capitão; no episódio 16, em que o compromisso com o objetivo e a confiança no outro deve ser necessário; no episódio 14, diante o perigo um cuida/ajuda o outro e, também, no desenrolar das falas ao exporem as idéias, com respeito e com um ajudando o outro, em um clima positivo.

Nos episódios podemos ainda observar as dimensões que compõem a coesão grupal nas abordagens teóricas, tais como: comunicação (episódios 1,4,7,8,9,11); ajudar/cuidar uns dos outros (episódios 5,6,12,14); manter o ritmo (episódio 5,6,8,12,14,15); administrar os sentimentos (episódio 3, 13); liderança (episódio 10); confiança e comprometimento (episódio 16) e metas e objetivos (episódio 2). Essas várias dimensões condizem com a discussão teórica sobre coesão grupal que, segundo Moretti (2005) e Carron (1982), é multidimensionale contextual, dependendo, portanto, das especificidades de cada equipe.

Na equipe que pesquisamos, a comunicação compreende expor as idéias, utilizada para demonstrar confiança nos demais, fornecer elogio, crítica, feedback, motivar, cobrar por mais empenho, contribuir através das brincadeiras para manter o “espírito de equipe” ou a sua falta e não utilização.

A dimensão ajudar/cuidar uns dos outros compreende os seguintes aspectos: demonstrar e ajudar o outro integrante, estar atento se o outro necessita de ajuda, administrar as diferenças, saber das dificuldades do outro e contribuir para que ele supere, feito mutuamente por todos da equipe

A dimensão manter o ritmo inclui elementos das duas dimensões anteriores e compreende os seguintes aspectos: todos da equipe devem contribuir para que o ritmo de rendimento não diminua, utilizando a comunicação ou ajudando o outro para manter um ritmo médio levando em consideração o perfil de cada integrante, incluindo as diferenças entre os sexos; a equipe inteira deve andar junto e todos tem que estar cientes disso e contribuir para que isso ocorra.

A dimensão administrar os sentimentos implica em a equipe administrar os sentimentos gerados tanto pelas dificuldades individuais, como pelos obstáculos grupais. Lidar com os sentimentos gerados, por exemplo, com os imprevistos, com a “quebra” do ritmo da equipe, com a dificuldade de realizar as tarefas, ou ainda, com os sentimentos que surgem com as atitudes do Xikito quando sai em disparada atrás de outra equipe.

A dimensão liderança compreende tanto a liderança para as tarefas, que era feita pelo capitão da equipe, como a liderança voltada para o social feita por Tessa. Nessa equipe a dimensão liderança surge, retratando a sua falta, que por sua vez, esta atrelada a tarefa, ou seja, nessa equipe a falta de liderança reflete diretamente na execução da tarefa.

A dimensão confiança e comprometimento implica que todos devem confiar em todos para que, diante dos obstáculos diversos haja o comprometimento para supera-los. Essa dimensão está incluída dentro da dimensão ajudar/cuidar uns dos outros. E, o comprometimento de cada um com os objetivos da equipe, deve se estabelecer desde o treinamento antes da prova, até a sua realização.

A dimensão metas e objetivos compreende em a equipe estabelecer quais são e todos devem ter claro, para que durante a sua atuação sigam na mesma direção, unindo esforços para atingir o que foi estabelecido.

Com base nos episódios e nas entrevistas individuais, três dimensões parecem ser particularmente importantes para esta equipe: a comunicação; ajudar/cuidar uns dos outros e manter o ritmo da equipe.

7 – Considerações finais

Esta pesquisa procurou entender as relações estabelecidas entre os atletas de um grupo esportivo participante de corridas de aventura. Por meio dos discursos dos atletas, acessamos as formas de sociabilidade decorrentes da vivência dos obstáculos e riscos inerentes a esta modalidade esportiva, tendo como referência a coesão grupal. Mais especificamente buscamos entender como se configuram as relações entre os atletas corredores de aventura ao enfrentarem os obstáculos diversos (riscos, limites, proporcionados pela natureza, pelas regras da competição, pelo cansaço físico etc.); verificar se as vivências de obstáculos diversos promovem (ou não) a coesão grupal, contribuindo para a superação de dificuldades individuais; identificar as estratégias utilizadas pelo grupo para a superação dos obstáculos inerentes às corridas de aventura; e por fim, entender os sentidos de coesão grupal para os atletas participantes de corridas de aventura.

Para tanto, realizamos quatro entrevistas individuais, uma com cada atleta da equipe Quasar Lontra, antes da prova que foi o campeonato mundial de corrida de aventura no ano de 2008. Acompanhamos a prova como “membro” da equipe de apoio, o que nos possibilitou fazer observações e registros em um diário de campo e, após a prova, realizamos uma entrevista grupal com os quatro atletas da equipe. Nossa análise se deu principalmente a partir dos conteúdos das entrevistas; as observações e anotações no diário de campo serviram para obter dados de contexto, contribuindo para uma melhor compreensão das entrevistas.

A corrida de aventura, como propõem Elias e Dunning (1992, p.18) se mostrou um meio propício, para estudo das modalidades esportivas serem um “laboratório natural’ para a exploração de propriedades das relações sociais”. Um meio para a exploração das relações em sentido amplo como também para exploração das relações em sentido restrito.

Em sentido amplo observamos, no âmbito das corridas de aventura, a exacerbação do risco e as características da sociedade de risco. O risco contribui para a prática das corridas de aventura somando mimeticamente – ou não –, elementos que incitam a tensão intrínseca do lazer e das práticas esportivas. Desta forma, o risco-aventura passa a ser buscado, desejado, em diversas práticas, entre elas os esportes radicais e as corridas de aventura que se tornaram-se um dos maiores expoentes do risco-aventura.

Os riscos influenciam as relações de todos seja diretamente ou indiretamente, o que produz consequências na sociedade, tais como: globalização, individualização e reflexividade/destraditionalização. São consequências que permeiam a nossa vida e podem ser observadas nas corridas de aventura, tais como; o controle social se transforma em autocontrole; as biografias que se tornam autobiografias e, o gerenciamento dos riscos que, antes coletivo, passa a ser autogerenciado.

Embora os riscos sejam inerentes às corridas de aventura, durante as entrevistas realizadas e também na inclusão como membro de apoio para acompanhar a equipe, a palavra risco não foi utilizada. Foram relatadas algumas situações problemáticas, porém não consideradas como arriscadas. Fato este que está alinhado com pesquisas anteriores.

Os riscos, muitas vezes sub-julgados nas corridas de aventura, podem levar à morte, como em alguns casos apresentados, porém, simbolicamente a morte pode ser representada pelo “quebrar”. Quando algum atleta “quebra”, seja por motivos de exaustão física ou psicológica pode ser o fim da corrida para ele e para a sua equipe, ou seja, a morte.

O “quebrar” passa a ser, em alguns casos, mais evitado do que os riscos propriamente ditos. As corridas de aventura levam os participantes aos seus limites, seja, através da longa distância a ser percorrida, das condições climáticas extremas, das privações de alimentação e sono, do estresse psicológico, do relacionamento entre os integrantes da equipe e superação de imprevistos e obstáculos diversos, que devem ser administrados para que não “quebrem”. É exemplo disso uma situação comum nas corridas de aventura em que um trecho que, pela previsão, iria ser percorrido em torno de sete horas, acaba sendo realizado em quatorze , vinte horas – ou mais –, seja pela dificuldade do terreno – como o trecho de canoagem em rio seco na prova Ecomotion 2008 –, e/ou por erro de navegação. Considerando-se que, cada atleta só carrega consigo mantimentos e água necessários para o tempo previsto, isto para não carregar muito peso; conseqüentemente, numa prova que dure mais que o previsto, o atleta ficará sem alimentação e hidratação necessárias para manter seu metabolismo funcionando sob a alta demanda de esforço físico, o que pode ocasionar uma fadiga¹¹ ou falta de nutrientes no momento, ou algum tempo mais adiante na prova, ou seja, podendo ocasionar a “quebra”.

¹¹ Utilizamos o termo fadiga no sentido de que há uma quantidade necessária de calorias, vitaminas, nutrientes, minerais etc. a serem ingeridos e se transformarem em energia para realizar o esforço físico. Quando ocorre a ingestão menor do que a quantidade mínima necessária, pode-se ter a fadiga.

Rodrigo, um dos atletas entrevistados, utiliza uma metáfora para afirmar que o “quebrar” é como uma montanha, sendo que o pico é o trecho mais difícil e muitos não conseguem atravessar, pois “quebram”; porém, aquele que se esforça e consegue subir e ultrapassar o pico, segue e termina a prova. E, ao superar essa barreira, ganha mais força e confiança para terminar a prova.

Simbolicamente poderíamos dizer que é um jogo com a morte; um jogo no qual arrisca-se tudo para superar o “quebrar”, ou seja, para superar a morte. Um jogo de características ordálicas; que uma vez ganho, traz sentimentos de potência, vigor, capacidade fazendo com que outros obstáculos e dificuldades da vida sejam enfrentados com mais facilidade e com a certeza de que serão superados. Uma sensação de que tudo aquilo que se almeja será conquistado.

Nos relatos de Xikito, um dos atletas entrevistados, podemos observar essa relação ordálica, “Não vou parar por qualquer coisa, né, a não ser que quebre os dois braços ou dê uma parada cardíaca lá, (eu já ia pensando nisso, né), não vai ser o cansaço, dor, essas coisas, que vão me tirar de uma prova, tem que ser uma coisa bem grave mesmo.” E suas consequências:

Mudou minha vida não só como atleta, mas como ser humano, cara. [...] Na questão de não ser... algumas coisas que você acha que é difícil, que é impossível de fazer, você vê que não é tão complicado assim. Às vezes você coloca um muro na sua frente, você fala não dá para pular. Ih... eu creio que depois dessas corridas, eu vi que dá pra fazer tudo o que você quiser, é só acreditar nisso, né.

As consequências compreendem, também, a busca de sentido para a existência humana, o que atualmente é tido como importante devido à destradicionalização e incertezas em que vivemos.

Para superar os riscos concretos ou simbólicos e, também, o ordálio que as corridas de aventura proporcionam o trabalho em equipe é fundamental. Ela, como proposto por Gérard Fusil, é importante para a segurança e contribui para maior eficiência. Dessa forma, exerce um papel importante que pôde ser observado durante esta pesquisa, contribuindo para a superação de cada integrante e também, nos obstáculos coletivos.

Nas entrevistas individuais os quatro atletas apontaram a equipe como o meio para evitar que os integrantes venham a “quebrar”, por sua contribuição através do incentivo verbal, aliviando a carga (por exemplo, carregando a mochila do outro) ou mesmo rebocando/puxando o integrante durante a prova. Dessa forma, a equipe contribui na superação do ordálio e dos riscos individuais. Logicamente, a equipe deve

contribuir de modo que cada integrante para não venha “quebrar”, pois se isso acontecer a prova será interrompida.

Na maioria das modalidades esportivas, caso algum atleta venha necessitar de cuidados médicos a ambulância está próxima e à disposição. Já nas corridas de aventura, em alguns casos o socorro médico pode demorar um ou mais dias e em casos mais extremos o acesso ao local não é possível. Assim, o socorro deve ser realizado pelos integrantes da equipe; daí a necessidade de portarem, obrigatoriamente durante todo o percurso, os equipamentos de primeiros socorros. Portanto, a equipe deve preservar todos os integrantes durante toda a prova, seja para evitar que “quebrem” ou que se machuquem.

Em um episódio (episódio 14) relatado na entrevista grupal sobre o trecho mais perigoso da prova, podemos ver que o risco contribui para que a equipe se unisse, aumentando a coesão grupal naquele momento, para superar o perigo. Como podemos observar no relato de Rafael:

Nos momentos mais perigosos, então acaba passando confiança pra todo mundo só pelo fato de estar junto, por exemplo, a escalada que a gente teve, saindo dos porquinhos, lá era um momento perigoso. Mas tava um do lado do outro, vendo o outro, cuidado isso, coloca o pé ali, pisa por ali, acho que... algumas coisas ninguém pode fazer sozinho.

Quando há disposição para a coesão grupal, diante o risco ou perigo, a equipe tende a se unir e ficar mais coesa para enfrentar o obstáculo ameaçador. Poderíamos dizer que, nesta equipe, o risco forçou os integrantes a se juntarem lado a lado e cuidarem uns dos outros, promovendo a coesão grupal.

Portanto, a equipe de corrida de aventura tem uma tarefa bem delineada, que é contribuir para que não ocorra a “quebra” de nenhum integrante, garantir a segurança de todos, além, é claro, de realizar todas as modalidades em menor tempo. Os integrantes da equipe estudada demonstram ter essa consciência sobre a tarefa e agem para tal, com a exceção de Xikito que possui consciência da tarefa, porém, indiretamente, com a sua vontade de ir mais rápido e/ou seguir uma outra equipe que estivesse na frente, poderia ter contribuído para que um integrante se esforçasse demais e viesse a “quebrar”. Mas, durante a entrevista grupal, Xikito diante as críticas dos demais, admite que deve ter mais paciência quando o ritmo da equipe não for o seu e se compromete a permanecer junto com a equipe. Ou seja, tomou consciência de que poderia, indiretamente, ter prejudicado a equipe.

Talvez, o espaço e o clima criado pela entrevista, que foi abordada como conversa, tenha contribuído para que os integrantes se sentissem mais à vontade para exporem, criarem e redefinirem sentidos, como por exemplo, no caso de Xikito.

Em sentido restrito, as relações entre os integrantes de um grupo corredor de aventura nos possibilitaram entender como ocorre a coesão grupal, que é o foco dessa pesquisa.

Nossa metodologia e seus fundamentos teóricos permitiram entender a singularidade com que cada pessoa atribui sentido a algo – no nosso caso, a singularidade que o atleta atribui à coesão grupal e suas relações –, recaindo sobre a linguagem um papel fundamental na construção de sentidos. Porém, como observado, uma equipe, um grupo, é algo que seus integrantes fazem juntos, ou seja, não é o sentido individual e sim um sentido coletivo singular. Singular, pois, cada equipe atribui o seu sentido de acordo com o momento, o local e as circunstâncias em que se encontra. Em nosso caso, a singularidade decorreu da corrida que foi palco do campeonato mundial de corrida de aventura em outubro/novembro de 2008, realizada no Brasil.

Assim, o sentido que a equipe pesquisada atribuiu à coesão grupal é singular, uma vez que, se fosse em outro momento, outra corrida, o sentido atribuído poderia ser outro; como também, se fosse outra equipe, outro seria o sentido. Essa flexibilidade que as práticas discursivas e a produção de sentidos proporcionam serve como uma importante ferramenta para se acessar e compreender a dinamicidade da coesão grupal.

Nosso intuito não foi avaliar se a equipe era ou não coesa, mas de entender o que era coesão grupal para a equipe Quasar Lontra. Para tanto, nos baseamos, principalmente na linguagem em uso, ou seja, aquilo que os atletas falaram sobre a coesão e, também, a maneira como falaram. Com esse intuito, analisamos os sentidos de coesão grupal, para cada atleta a partir das entrevistas individuais acrescentando a elas as informações derivadas da entrevista grupal, de modo a compreender o sentido coletivo de coesão grupal.

Considerando primeiramente as entrevistas individuais, para Xikito é o respeito e serem os mesmos diante das diversidades; para Rafael é compromisso com o objetivo, respeito com todos, confiança no outro e o cuidado de manter um clima positivo entre todos; para Tessa é cuidar uns dos outros, todos devem saber o que o cada um está sentindo sem comunicar e, finalmente para Rodrigo é um ajudar o outro. Sentidos esses que, somados com os sentidos negociados incluindo a maneira como os atletas se

relacionaram, nos permitem observar as três principais dimensões da coesão grupal: a comunicação; ajudar/cuidar uns dos outros e manter o ritmo da equipe.

Essas três dimensões resumem o sentido de coesão grupal para a equipe que pesquisamos. A dimensão comunicação compreende: expor as idéias, através da fala demonstrar confiança nos demais, fornecer elogios, críticas, *feedback*, motivar, cobrar por mais empenho e contribuir com brincadeiras para manter o “espírito de equipe” ou, ainda, a sua falta e não utilização.

A dimensão ajudar/cuidar uns dos outros compreende: demonstrar e ajudar o outro integrante, estar atento se o outro necessita de ajuda, administrar as diferenças, saber das dificuldades do outro e contribuir para que ele supere, feito mutuamente por todos da equipe.

A dimensão manter o ritmo inclui elementos das duas dimensões anteriores e resulta que todos da equipe devem contribuir para que o ritmo de rendimento não diminua, utilizando a comunicação ou ajudando o outro para manter um ritmo médio levando em consideração o perfil de cada integrante, incluindo as diferenças entre os sexos, assim como que a equipe deve andar junta e todos têm que estar cientes disso e contribuir para que isso ocorra.

Essas três principais dimensões refletem as principais características das corridas de aventura, pois são frutos das peculiaridades dessa modalidade esportiva, tais como: ser uma prática esportiva que visa a competição; características radicais e extremas, grandes distâncias e diversas modalidades; os riscos, impostos pela natureza, condições adversas; as características da modalidade esportiva, ser feita em equipe, não possuir atleta reserva, durar vários dias; influências sociais da modernidade tardia.

Essas peculiaridades influenciam diretamente as interações entres os integrantes, que, por sua vez, devem administrá-las. A principal peculiaridade das corridas de aventura por nós observada quando acompanhamos a equipe durante a prova e, também, nas entrevistas com os atletas, é a idéia de ritmo/regularidade.

Por ritmo podemos entender que as características pessoais de cada atleta, como por exemplo: rendimento físico e psicológico, sono, alimentação, desenvoltura com as modalidades, gasto calórico, preferência de clima (calor ou frio), render mais em determinado horário do dia, lidar com o estresse, manter-se concentrado, retomar a motivação, como se relaciona com os demais; enfim, as características físicas, técnicas e psicológicas individuais que vão determinar a regularidade da performance de cada um. Porém, uma equipe é composta de quatro atletas; de quatro ritmos que oscilam no

decorrer da prova. Dessa forma, quando um atleta está disposto e pretende acelerar o ritmo o outro pode estar cansado; quando um está no ápice de sua performance o outro está em um ritmo médio; quando um está com sono o outro pode estar com fome e um outro deseja ir ao banheiro.

São quatro ritmos a serem administrados durante as variações que a prova oferece, como modalidade, dia ou noite, trecho perigoso etc.; acrescentando-se que, dentre esses quatro ritmos a serem administrados no mínimo um decorre das diferenças de sexo entre os atletas, como determinam as regras.

O sucesso de uma equipe de corrida de aventura está atrelado ao equilíbrio no ritmo entre os integrantes. Manter esse equilíbrio passa a ser a tarefa primordial da equipe; controlar as oscilações de cada um é cuidar para que os integrantes não “quebrem”. Ou seja, para manter a regularidade, o equilíbrio do ritmo de prova, é preciso que os esforços sejam direcionados para a própria equipe, incluindo as dimensões comunicação e cuidar/ajudar o outro. Para manter o ritmo é necessário cuidar e ajudar os demais integrantes diante uma dificuldade ou diminuição de ritmo que, por sua vez, se faz através da comunicação, solicitando ou fornecendo ajuda, seja verbal ou física.

Essas três principais dimensões não são independentes umas das outras; são interligadas, de acordo com estudos anteriores (MORETTI, 2005), por meio da interação. A interação, neste caso, se faz por meio da dimensão comunicação, da dimensão ajudar/cuidar um dos outros e a da dimensão manter o ritmo. É através da interação que os integrantes estabelecem, negociam, e produzem os sentidos necessários para que cada dimensão venha a contribuir com a sua equipe.

Essas dimensões corroboram as três dimensões destacadas em estudo anterior (MORETTI, 2005), uma vez que a base da cada uma é a mesma, apenas somando a elas a especificidade das corridas de aventura. A dimensão manter o ritmo, tem por base a dimensão orientação voltada para a tarefa (CARRON, 1982) – que se refere ao grau em que membros do grupo trabalham juntos para alcançar metas e objetivos comuns; a dimensão ajudar/cuidar uns dos outros está apoiada na orientação voltada para o social (CARRON, 1982) – que reflete a atração interpessoal entre membros do grupo, as questões afetivas e o apoio para realizar a tarefa; a dimensão comunicação inclui a comunicação verbal e não verbal que possibilita um integrante se expressar (ou fazer-se entender). Para melhor ilustrar temos a figura 4.

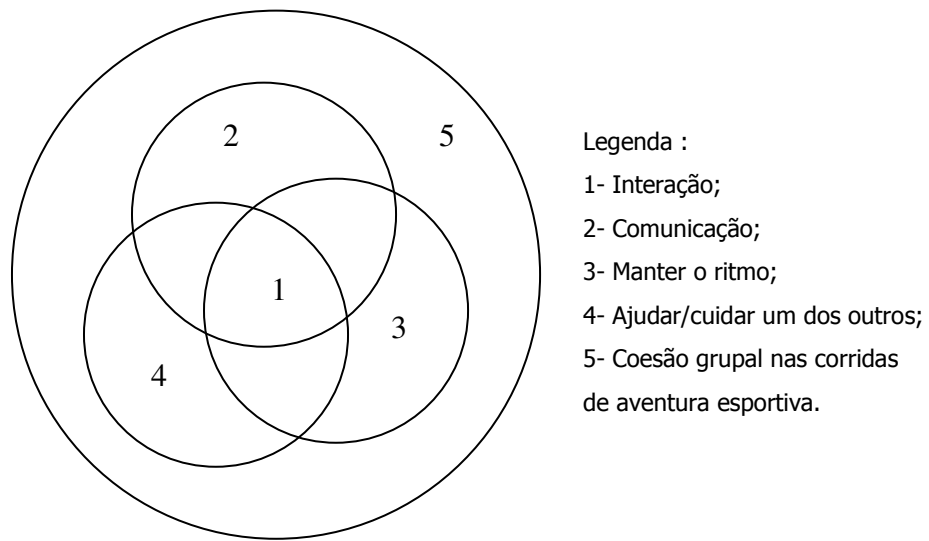


Figura 4 – Dimensões que compõem a coesão grupal nas corridas de aventura.

Portanto, a interação se torna central, pois é por meio dela que os integrantes se mobilizam para manter o equilíbrio/regularidade e, também, é por meio dela que, administram os sentimentos e emoções gerados, justamente, para manter o equilíbrio/regularidade. Cabe ainda ressaltar que é através da interação que os integrantes negociam os sentidos pessoais e grupais; dividem responsabilidades, decisões, tarefas e retificam sentidos pessoais ou grupal. A interação saudável é aquela em que os integrantes produzem sentidos pessoais e o grupo um sentido grupal, sendo que um não anula o outro. A interação deve contribuir para que os sentidos pessoais e grupais coexistam de maneira harmoniosa e proporcione a produção e retificação de sentidos em ambos.

8- Referencias bibliográficas

- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Z. Modernidade e Ambivalência. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECK, U. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997
- BECK, U. O que é globalização?: equívocos do globalismo, repostas a globalização. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- BECK, U. Risk Society: Towards a New Modernity. Cambridge: Polity Press, 1993.
- BECKER Jr. B. Manual de Psicología del deporte & ejercicio. Novo Hamburgo: Feevale, 2001.
- BELINI, JR. Corridas de aventura e desenvolvimento pessoal. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Bacharelado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. 2004.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petropolis, RJ : Vozes, 1974.
- BORGES, R.L. Corrida de aventura e risco: um estudo etnográfico. Dissertação apresentada Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007
- CARLESS, S.A.; PAOLA, C. The measurement of cohesion in work teams. In: The Small Group Research. V.31. N.1. 2000. pp-71-88.
- CARTWRIGHT, D. & ZANDER, A. A Dinâmica de Grupo: pesquisa e teoria. 3ªed. Tradução de Dante Moreira Leite e Mirian Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1975. vol. I e II.
- CARRON, A.V. & CHELLADURAI, P. The Dynamics of Group Cohesion in Sport. In: Journal of Sport Psychology, 1981, 3, 123-139.
- CARRON, A. V. Cohesiveness in Sport Groups: Interpretations and Considerations. In: Journal of Sport Psychology, 1982, 4, 123-138.
- CARRON, A. V., WIDMEYER, W. N., & BRAWLEY, L.R. The Development of an Instrument to Assess Cohesion in Sport Teams: the Group Environment Questionnaire. In: Journal of Sport Psychology, 1985, 7, 244-266.
- CARRON, A.V., BRAWLEY, L. & WIDMEYER, W. N. The Measurement of Cohesiveness in Sport Groups. In: DUDA, J.L. (ed.) Advances in Sport and Exercise

Psychology Measurement. Morgantown, USA: Ed. Fitness Information Technology, 1998.

CARRON, A.V.; BRAWLEY, L.R Cohesion: Conceptual e Measurement Issues. In: Small Group Research, Vol. 31, No.01. 2000, pp. 89-106.

CARRON, A.V.; BURKE, S.M.; SHAPCOTT, K.M. Cohesion in exercise groups: an overview. In: International Review of Sport and Exercise Psychology. Vol 01, N. 02, 2008, pp 107-123.

CARRON, AV.; STEVENS, D. Cohesion and Performance in Sport: a meta analysis. In: Journal of Sport & Exercise Psychology, V.24. 2002, pp. 168-188.

CASTIEL, D.L. Vivendo entre exposições e agravos: a teoria da relatividade do risco. In. <<http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco>>. Acessado em 24/06/2008.

CHAPPUIS, R. ; THOMAS, R.. El equipo deportivo. Barcelona: Paidós, 1989.

COICERO, G.A. O imaginário social de aventureiros do extremo. Tese de Doutorado, apresentada Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

COSTA, V.L.M. Esporte de aventura e o risco na montanha: uma trajetória de jogo com limites e a incertezas. Doutorado em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999.

COSTA, V.L.M. Esporte de aventura e o risco na montanha – um mergulho no imaginário. Rio de Janeiro: Manole, 2000.

COSTA, V.L.M. Esportes de aventura e risco na montanha: uma trajetória de jogo com limites e incertezas. In. The FIEP Bulletin, Brasil, V. 72, N.1. 2002, pp. 26-35.

COSTA, V. L. M.; MARINHO, A.; PASSOS, K.C. M. Esportes de aventura e esportes radicais: propondo conceitos. Revista Motriz. Anais do V Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XI Simpósio Paulista de Educação Física. UNESP, Rio Claro (SP), v.13, n.2 (suplemento), mai/ago, 2007.

CHRISTENSEN, U.; SCHMIDT, L.; BUDTZ-JORGENSEN, E.; AVLUND, K. Group cohesion and social support in exercise class: results from a Danish intervention study. In: Health Education and Behavior. V. 33. N. 5. 2006, pp 677-689.

CRATY, B. Y. Psicologia no Esporte. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil, 1984.

DAVIES, B. & HARRÉ, R. Positioning: The Discursive Production of Selves. Trad. Livre Mary Jane Spink, In: Journal for the Theory of Social Behavior, 20 (1) 1990. pp.43-63.

- DEGANI, C. Um papo com Said Aiach Neto, atleta e organizador da corrida Ecomotion. 2001. Disponível em: <<http://360graus.terra.com.br/adventurerace/default.asp?did=1576&action=entrevista>>. Acessado em: 28/07/2008.
- DUDA, J.L.; ROVIO, E.; ESKOLA, J.; KOZUNB, S.A.; LINTUNEM, T. Can High Group Cohesion Be Harmful? A case study of a junior ice-hockey team. In: Small group research. 2009. Disponível em: <<http://sgr.sagepub.com>>. Acessado em: 28/06/2009.
- EDMONDS, W.A.; TENEBBAUM, G; KAMATA, A; JOHNSON, M.B. The role of collective efficacy in adventure racing team . In: Small Group Research. V. 40 N.2, pp 163-180, 2009.
- ELIAS, N. e DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: DIFEL, 1992.
- ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N. e DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: DIFEL, 1992. p.187-219.
- ELIAS, N. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FIGUEREDO, S.H. Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento. In: RUBIO, K. (org.) Psicologia do esporte, interfaces, pesquisas e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- FONSECA, C. O profissional, corrida de aventura. 2004. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/istoe_sp/esportes_2004/reportagens/corrida_de_aventura_o_profissional.htm>. Acessado em: 28/07/2008.
- FRANCO, F. Os Últimos Serão os Primeiros. In: Revista Go Outside. Junho, 2009. Disponível em: < <http://gooutside.terra.com.br/Edicoes/43/artigo118495-1.asp>>. Acessado em: 28/06/2009.
- FREITAS, A. Alexandre Freitas: Nasci de novo. [S.L.] 03/06/2003. disponível em: <<http://360graus.terra.com.br/adventurerace/default.asp?did=7318&action=coluna>>. Acesso em 25/07/2008.
- FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).
- GAMMAGE, K.L.; CARON, A.V.; ESTABROKKS, P.A. Team cohesion and individual productivity: the influence of the norm for productivity and the identifiability of and individual effort. In: Small Group Research. V.32. N.1. 2001, pp. 03-18.
- GERGEN, K. J. The Social Constructionist Movement in Modern Psychology. In: American Psychological Association, Vol. 40, N.3, 1985. pp. 266-275.

- GIDDENS, A. As Conseqüências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIDDENS, A. A tradição. In.: BECK, U. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997
- GONZÁLEZ, J.L. La Cohesión Del Equipo. In: GONZÁLEZ, J.L (ed.) Manual de Práticas de Psicologia Deportiva, las ciencias del comportamiento deportivo: prácticas de entrenamiento mental. Madrid: Biblioteca Nueva, 2001.
- HELAL, R. O que é Sociologia do Esporte. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HOIGAARD, R.; SAFVENBOM, R.; TONNESSEN, F.G. The Relationship Between Group Cohesion, Group Norms and Perceived Social Loafing in soccer team. In: Small Group Research. V. 32, N.3. 2006, pp.217-232.
- IBÁÑEZ, T. O Giro Lingüístico. In: L. Iñiguez (coord.) Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais (2ª.ed.) (pp 19- 49) Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- KAY, J; LABERGE, S. The “new” corporate habitus in adventure racing. In. International Reviewfor Sociology of Sport. V.37, N.1. 2002, pp.17-36.
- LASH, S. A estética na ordem social moderna. In.: BECK, U. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997
- LE BRETON, D. Passions du risque. Paris: Métailié, 1991.
- _____. La sociologie du risque. Paris, Presses Universitaires de France. 1995
- _____. Aqueles que vão para o mar, o risco e o mar. In. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, V.28, n.3, maio, 2007, pp. 9-19.
- LEFÈVRE, C,E,A. O esporte moderno e a busca do limite: maratona, ironman e corrida de aventura. In.:Rubio, K. Psicologia do Esporte Aplicada. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. pp. 155-171.
- LEWIN, K. Problemas de Dinâmica de Grupos. Trad. Miriam Moreira Leite. São Paulo: Cultrix. 1948
- MARINHO, A. Lazer, aventura e risco. In. Movimento, Porto Alegre. V.14, N.02. 2008, pp.181-206.
- MENEGON, V. S. M. Entre a linguagem dos direitos e a linguagem dos riscos: os consentimentos informados na reprodução humana assistida. Tese de doutoramento no departamento de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- MIKALACHKI, A. Group cohesion reconsidered. Ontario: School of Business Admnistration, University of Western Ontario, 1969.

MORETTI, A.R. Psicologia aplicada ao esporte: um estudo centrado na pessoa sobre a coesão grupal. Monografia apresentada, Psicologia, Faculdade de Psicologia Padre Anchieta, 2003.

MORETTI, A.R A coesão grupal esportiva. Trabalho de conclusão de curso apresentado Psicologia do Esporte, Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, 2005.

NETO, S.A. Entrevista com Said, o organizador do Ecomotion. [S.L.] 2009. disponível em: <http://www.adventuremag.com.br/php_news/news.php?category=5&id=2248>. Acessado em: 28/05/2009.

OLMESTED, M. S. O Pequeno Grupo Social. Trad. Maria I. G. Molina e Célia M. M. F. Fravet. São Paulo: Editora Herder: 1970

PÉREZ, E.R. Grupos e intervenções grupais: concepções, relações e implicações na perspectiva de profissionais que trabalham com grupos. Dissertação (mestrado) – Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

PRONI, M.W. História do Esporte: a contribuição de Richard Mandell. Anais do XXIII – Simpósio Nacional de História. Associação nacional de historia – ANPUH. 17-22 de julho de 2005.

RIOUX, G. ; CHAPPUIS, R. Cohesion del Equipo. Valladolid: Editorial Miñón.1979.

ROBBINS, S.P. Comportamento Organizacional. 9º ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

ROMANINI, V.; UMEDA, M. esportes de aventura a seu alcance. São Paulo: Bei, 2002.

ROSE, N. Psicologia como uma ciência social. In: Psicologia & Sociedade; V.20 (2), 2008, pp.155-164.

RUBIO, K. Et, niat, niatat. Sobre o processo de formação de vínculo em uma equipe esportiva. São Paulo, 1998. Dissertação (mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo.

RUBIO, K. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. In: Psicologia Ciência e Profissão, 19 (3), 1999. pp. 60-69.

RUBIO, K. O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, K. Estrutura e Dinâmica dos Grupos Esportivos. In: RUBIO, K. (org.) Psicologia do Esporte: teoria e prática. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003

RUBIO, K. Heróis Olímpicos Brasileiros. São Paulo: Zouk, 2004

- RUBIO, K. . Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- RUBIO, K. (Org.) . Educação Olímpica e responsabilidade social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007
- SALO, M; SIEBOLD, G.L. Variables impacting peer group cohesion in the finnish conscript service. In: Journal of Political and Military Sociology, V. 38, N.1. 2008, pp 01-18.
- SANTOS, B.S. Introdução a uma Ciência Pós-Moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SILVA, C. Emoção desvairada. Isto é, [S.L.] 03 nov. 2004. Disponível em:<http://www.terra.com.br/istoe/istoe_sp/esportes_2004/reportagens/emocao_desvairada.htm>. Acesso em: 05/07/2007.
- SOLANO, F. Corrida de aventura por Fernanda Verdini. [S.L.] 17/03/2007. Disponível em: <http://blog.estadao.com.br/blog/solano/?title=corrida_de_aventura_por_marina_verdini&more=1&c=1&tb=1&pb=1>. Acesso em: 22/06/2008.
- SPINK, P. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pos-construcionista. In. Psicologia & Sociedade. V.15, N.2. 2003, pp.18-42.
- SPINK, M. J. P. & SPINK, S. P. A aventura esportiva na modernidade tardia. (2009 no prelo)
- SPINK, M.J.P. & MENEGON, V.M. Praticas discursivas como estrategia de governamentalidade. In.Manual de análise do discurso em ciências sociais. Rio de Janeiro: Vozes, 2004
- SPINK, M.J.P. & MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: M.J.P. Spink (org.), Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.São Paulo: Cortez, 1999, pp. 41-61.
- SPINK, M.J.P. & LIMA, H. Rigor e Visibilidade: A explicitação dos passos da interpretação. In: M.J.P. Spink (org.), Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.São Paulo: Cortez, 1999, pp. 93-12.
- SPINK, M. J. P. Os contornos do risco na modernidade reflexiva: considerações a partir da psicologia social. In. Psicologia & Sociedade. V.12, N.1/2. 2000, pp.156-173.
- SPINK, M. J. P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora da modernidade tardia. In. Cadernos de saúde pública, Rio de Janeiro, V.17, N.6, 2001, pp.1277-1311.

- SPINK, M.J.P. Perigo, probabilidade e oportunidade: alinguagem dos riscos na mídia. In: Psicologia: reflexão e crítica. V.15, N.1. 2002, pp.151-164.
- SPINK, M. J. P. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- SPINK, M.J.P. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em psicologia social. In: Psicologia & Sociedade. V.19, N.1, 2007, pp.7-14.
- SPINK, M.J.P. posicionando pessoas como aventureiros potenciais. In: Psicologia & Sociedade. V.20, 2008, pp.50-60
- STAM, R. Bakhtin, da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Atíca, 1992
- TAVARES, O. & DaCOSTA, L.P. (eds) Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.
- TEKLEAB, A.G.; QUIGLEY, N.R.; TESLUK, P.E. A longitudinal Study of team conflict, conflict management, cohesion, and team effectiveness. In: Group & Organization Management. V.34. N.2. 2009, pp-170-205.
- TOGUME, W. O que é corrida de aventura. 17/01/2008. Disponível em: <<http://www.adventuremag.com.br/descricao.php>>. Acesso em: 08/07/2008.
- TOURAINÉ, A. Crítica da modernidade. São Paulo: Vozes, 1994.
- TRNINIC, V.; PAPIĆ, V.; DIMEC, T. Concepts of developing Groups in sports games. In: Acta Kinesiologica. V.2. N.2. 2008, pp. 85-92.
- WEINBERG, R. S. e GOULD, D. Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício. 2ªed. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: ArtMed, 2001.
- WIDMEYER, W. N. , BRAWLEY, L. R. & CARRON , A. V. Group Dynamics in Sport. In: HORN, T. S. (ed.) Advances in Sport Psychology. Miami, USA: Human Kinetics Publishers, 1992.
- WHYTE, W.F. Sociedade de esquina. Zahar editora. São Paulo , 2005.
- ZIMERMAN, D.E., Fundamentos Teóricos. In: ZIMERMAN, D.E. e OSÓRIO, L. ET AL Como Trabalhamos com Grupos. São Paulo: Livrarias Duas Cidades, 1997.

9 -Anexos

Anexo 1 – Parecer do Comitê de Ética da PUC-SP



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 022/2009

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social
Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). Mary Jane Paris Spink
Autor(a): Alexandre Roberto Moretti

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado
Corridas de Aventura: processos de coesão grupal na superação de obstáculos

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Faça ao parecer substanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de **30/03/2009**, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **022/2009**.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea "c", do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 30 de março de 2009.

Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Anexo 2 – Cópia do e-mail com as respostas de Gérard Fusil

From: Gunfusil@aol.com
Date: Tue, 4 Aug 2009 06:29:14 -0400
Subject: Re: (copy of securit) Mister Fusil, help...
To: alempsi@hotmail.com
CC: Gfusilcy@aol.com

Dans un e-mail daté du 02/08/2009 12:56:05 Paris, Madrid, Gfusilcy a écrit :

Hi Alexander

1 - Why do adventure racing are made in teams?

When I created the first Raid Gauloises, I wanted to organise something for kind of tribes crossing difficult areas. It is important for safety to not be alone and we are more efficient by addition of talents.

2 - The first race had five people on the team. Why?

For me, it was good to be at odd-number, easier for democratic decisions. In the tribe spirit it was ilotant to not be less than 5 .More people is difficult to organise for such cometitions.

3 - Before the race was done in five people, today is made with four. Why?

I decided teams of 4 ont the Elf Authentic Adventure as it was more convenient for kayaking (2 twinb kayaks) and for Raide and Run (2 horses) , also for bike and run

4 - Why should have at least one person of the opposite sex?

A female in each team was the assurance to have females in the competition . also, the behaviour of the men in a team is different and more civilized when there is a woman.

The experience proved how important is the female presence also for what she brings to the teams : energy, determination... The motivation of the women is always excellent. she never participates to prove anything to anybody but just because they love it.

And also... at the prizegiving party we need females for Rock and roll' !

Best Regards

Gérard FUSIL



BOTERGOLLEC
56400 - BREC'H
FRANCE

Tel + 33 (02) 97575357
Fax + 33 (02) 97575035
Mobile + 33 (0) 608705398 Gfusilcy@aol.com
<http://www.authentiqueaventure.com>

GFC specializes in organising, producing and promoting high-impact international nature & adventure events & TV programs, GFC stands for Communications and for incentive events.

From: Gunfusil@aol.com
Date: Wed, 5 Aug 2009 04:47:44 -0400
Subject: Re: (copy of securit) Mister Fusil, help...
To: alempsi@hotmail.com

Dear Alexander,

About tribe I refer to the team as my idea to organise such competitions came from the way the Alakaluf aborigènes people were crossing Terra del fuego , trying to escape to the hispano soldiers after christophe colomb . They were small groups walking, using dugout dinghies and so and crossing very unhospitaliers areas.

Regards

Gérard